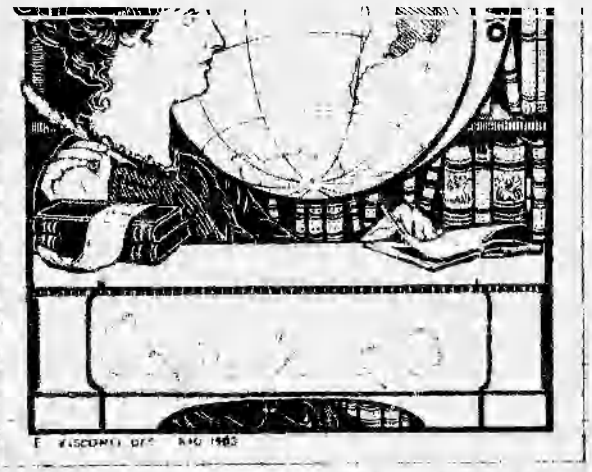
"Edição princeps das RIMAS de Luis de Camões."

"São conhecidos apenas os sete exs. das Bibliotecas Nacionais de Lisboa e do Rio de Janeiro."

Cim.- 121
J.C.R.- 510



£9.0.0

Sothe by & Co
May 1859.
N Tite

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R.
973/1949

Señor dios mio, y Esperança mia, Vos
Sabeis y yo Confieso q. Soy Peccador, pe
q. grauemente pensando, hablando, obrã
do muchas beces lo q. no deuia, si algo de
llo hice, no como ni por el fin q. debia per
donadme de todo Señor, y dadme gracia q.
de todo Aga Verdadera penitencia, Creo
fiel. y. f. Verdadera m.te todo lo que es. de la
fe. Christiana, Segun la S.ta madre y Gle
sia lo Cree y. Tiene, y Placeme porque
En ella he biuido, y. Protesto todos. los dias
de mi. Vida bibir En ella y. Morir en la
obediencia de. Vuestros. mandamientos y
dela. S.ta Madre y. Glesia y En Su Vnion
Conosco. S.r que he sido Gran Pecador y
os he ofendido, Pesame dello. muy decora
çon y. desseo. Aver muy mayor dolor

Con. Vra. ayuda y gracia propongo de
me Emendar; y si Portentacion del. de
Monio, o por qualquier otra Causa en
algun tpo. otra Cosa yo dixere, desde
agora. lo. Revoco, lo doy por ninguno.
y. Protesto Vna y mill Veces, q. esta
es. mi deliberada Voluntad y Ulti-
ma. Yntencion y lo firmo. de. Mi nom
bre. fha. En. 2. de. Agosto. de 1606

Simal. Van Vissenacken

Soneto

No es Ciego amor, mas yo lo Soy q. guio
mi boluntad Camino dl tormento
No es niño amor, mas yo q en Vn momento
Espero y tengo Miedo, lloro, y rio,
Nombrar llamas de amor Es desbario
Su fuego Es el ardiente y Viuo yntento
Sus alas Son mi altibo pensamiento
y la esperança Vana En q. me fio
No tiene amor Cadenas ni Saetas
para prender y Erir libres y Sanos
q. en el no ay mas poder dl que le damos,
Porq. es amor mentira de poetas
Sueño de locos y dolo de Vanos
Mirad que negro dios el que adoramos

Laus. deo

First Edition
Sale 529. Vote Sale £30

COLLECÇÃO BENEDICTO OTTONI
ORGANISADA PELO DR. J. C. RODRIGUES
Doação do Dr. Julio B. Ottoni

RHYTHMAS DE LVIS DE CAMOES.

Diuididas em cinco partes.

Dirigidas ao muito Illuſtre ſenhor D. Gonçalo Coutinho.

Impreſſas com licença do ſupremo Conſelho da geral Inquiſição, & Ordinario.

EM LISBOA,

Por Manoel de Lyra, Anno de M. D. Lxxxxv.

A cuſta de Eſtevão Lopez mercador de libros.

First Edition

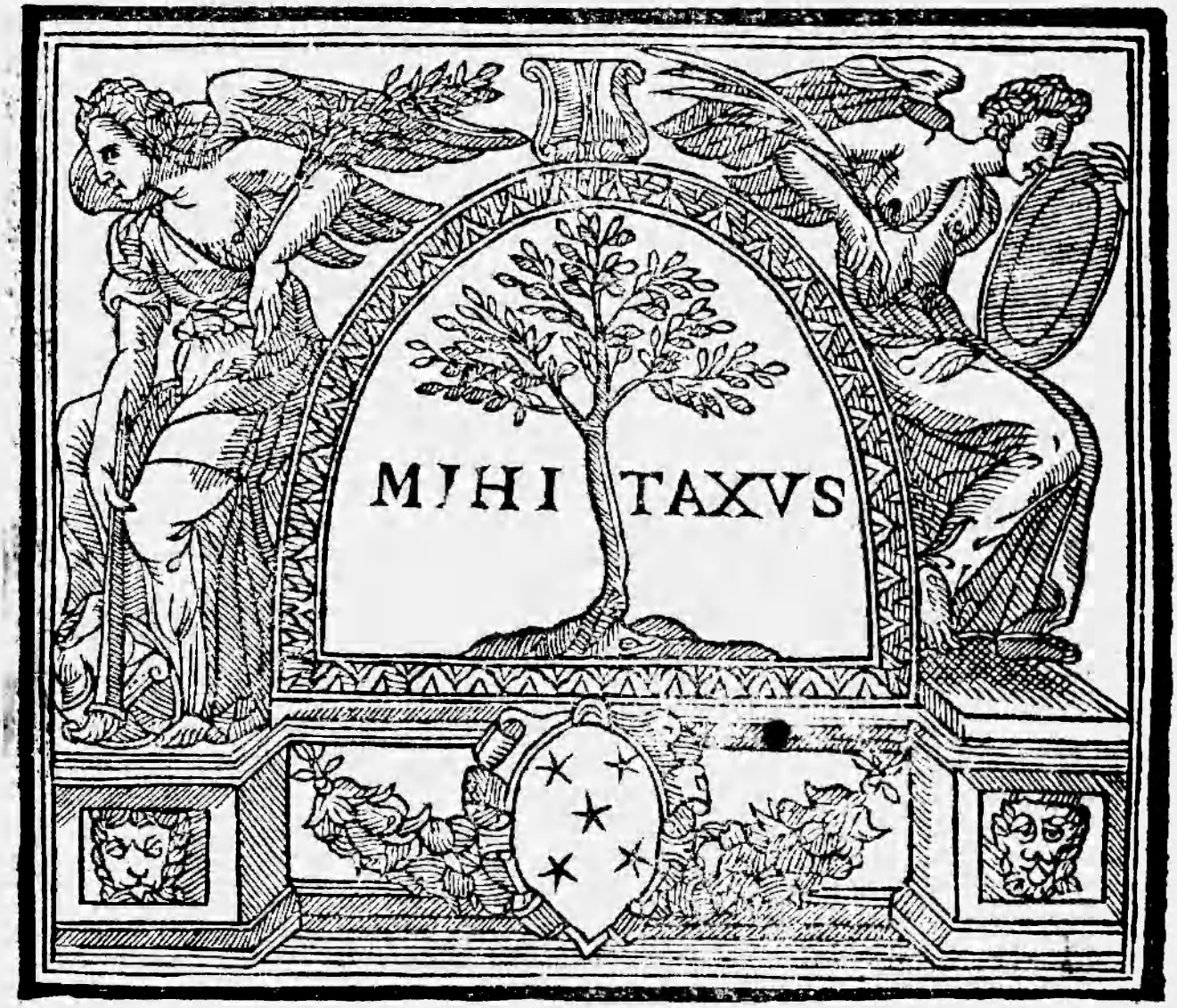
Sale 529. Vote Sale £30

COLLECÇÃO BENEDICTO OTTONI
ORGANISADA PELO DR. J. C. RODRIGUES
Doação do Dr. Julio B. Ottoni

RHYTHMAS DE LVIS DE ÇAMOES,

Diuididas em cinco partes.

Dirigidas ao muito Illuſtre ſenhor D. Gonçalo Coutinho.



Impreſſas com licença do ſupremo Conſelho da geral Inquiſição, & Ordinario.

EM LISBOA,

Por Manoel de Lyra, Anno de M. D. LXXXXV.

A cuſta de Eſtevão Lopez mercador de libros.

VI por mandado de sua A. o liuro intitulado Rimás de poesia de Luis de Camões, assi como vay nam tem cousa que seja contra a nossa sancta Fe Catholica, ou contra os bos costumes, & guarda delles, antes com sua poesia pode ensinar, & com a variedade deleytar a muytos. Vsa o autor como poeta destes vocabulos Deoses, Fado, Fortuna, & outros semelhantes, os quais ja algũs lhe tacharão, mas sem rezão, porque não pode prejudicar as consciencias, o que não encontra as escripturas, nem a verdadeira Theologia: Este vocabulo Deoses he vsado na sagrada Escrittura a cada passo. Fado se admite na Theologia, como se pode ver em S. Thomas 1. par. q. 116. art. 1. & sequentibus, & 3. cõtra gẽtes, c. 93. onde approua o parecer daquelles que differam fatum esse ordinationem quæ est in rebus ex diuina prouidentia. E mais abaxo acrecẽta, Secũdum hanc ergo acceptionem negare fatũ, est prouidentiam diuinam negare. De fortuna loquẽs Augusti. lib. 1. questionum super Genesim. q. 97. diz Fortuna intelligenda est prohis rebus quæ fortuitô videntur accidere, nõ quia nomen aliquod sit. E que o autor vse destes vocabulos neste sentido, esta claro de outros lugares seus, como mostrey largamente na approuação que dey as Lusiadas do mesmo autor, que agora nouamẽte se imprimem; o q̃ visto bem se pode este liuro imprimir.

F. Manoel Coelho.

Vista a informação, podese imprimir este liuro, & depois de impresso torne a este Conselho, pera se conferir, & se lhe dar licença pera correr. Em Lisboa a 17. de Nouembro de 94.

Obispo Deluas. Diogo de Sousa. Marcos Teixeira.

¶ *Podese imprimir a 3. de Dezembro de 94.*

Ioão de Lucena Homem.

VEL REY Faço saber aos que este meu alvará virem, que Estevão Lopez liureyro, morador nesta Cidade de Lisboa, me enuiou dizer por sua petição, que eu ouuera por bẽ de lhe dar licença por elle ter jaa da sancta Inquisição, & do Ordinario, pera se poderem imprimir varias Rimas poéticas de Luis de Camões, que inda não forão impressas: & para se tornar a imprimir o liuro dos seus Luziadas q̃ ja foy impresso, por agora auer poucos, & porque tiuera trabalho em ajuntar as ditas obras, & gastara muito na impressam, me pedia o messe por bem de lhe conceder priuilegio, para ninguem poder imprimir, nem vender os dittos liuros sem sua licença, & receberia mercee. E visto seu requerimento, & por lha fazer ey por bem, & me praz que por tempo de dez annos, nenhum imprimidor, nem liureyro algum, nem outra pessoa de qualquer qualidade que seja, não possa imprimir, nẽ vender em todos estes Reynos & Senhorios de Portugal, nem trazer de fora delles os ditos liuros, senam aquelles liureyros, & pessoas que para isso tiuerem licença do dito Estevão Lopez. E qualquer imprimidor, liureyro, ou pessoa que durádo os ditos dez annos, imprimir, ou vender os ditos liuros de varias Rimas, & o das luziadas de Luis de Camões, nos ditos Reynos, & Senhorios, ou os trouxer de fora delles sem licẽça do dito Estevão Lopez, perderá para elle todos os volumes que assi imprimir, vender, ou de fora trouxer: & além disso encorrerá em pena de vinte cruzados, a metade para minha Camara, & a outra a metade para quem o acusar. E mando a todas minhas justiças, officiaes, a que o conhecimento disto pertencer, que lhe cumprão, guardem, & façam inteiramente comprir, & guardar este aluara, como se nelle contem: o qual me praz que valha, & tenha força & vigor, posto q̃ o effeito delle aja de durar màis de hũ anno, sem embargo da Ordenação do segundo liuro, titulo vinte, que o contrario dispoem. Belchior Pinto o fez em Lisboa a trinta de Dezembro, de mil & quinhentos, & nouenta & cinco. João da Costa o fez escreuer.

REY.

¶ Ao muito Illustre Senhor D. Gonçalo Coutinho.

VAS razões, muito Illustre Senhor, me moverão a tirar a luz esta parte das obras do admirauel Luys de Camões Principe dos Poëtas. A primeyra serem ellas taes, que merece o autor este nome. A segunda ter eu a v.m. por meu senhor, para me valer de seu emparo nos casos a que se arrisca quem sae a publico, & ambas me obrigam a offerecelias a v.m. & pedirlhe que sofra animallas a seu nome. Porque se me render louuor de bom juyzo a escolha que fiz de taõ alta poësia para a imprimir, quero ficar de todo acreditado, na eleyção do padroeyro que tomo para a defender. Quam alta, & quam excellente obra seja esta, bem posso escusar de o encarecer, pois a ponho no theatro do mũdo, na mais pura & emendada impressam que pude auer. Nella está retratado, antes viuo aquelle admirauel engenho, de que affirmo q̃ se viuera pudera fazer immortal o nome Portuguez, & ainda das feridas de nossas calamidades, em que tantos falsos escrittores taõ pesadamente nos magoarão, soubera tirar louuores, & tropheos. Não posso declarar como espanta a agudeza de seus conceitos, como obriga a propriedade das palauras, como enleua o encarecimento das razões. Que alteza tem de sentẽças, que metaphoras, que hiperboles, que figuras tã Poëticas? Admirauel he a grauidade dos Sonetos, a graça das Odes, & Cãçoes, a malencolia tam musica, das Elegias, a brandura tam namorada das Eglogas. Que direy da policia & facilidade do verso, da elegãcia dos termos da riqueza da lingoa? Por hũa parte me parece que tira a todo homẽ a esperança de ser Poëta: por outra toda a disculpa aos que vão mendigãdo lingoajes estrangeiras para compor nellas, & tachão a nossa de esteril: defeito seu, mais q̃ culpa della. Apontei estas cousas, que v.m. não ignora, porque quero que entenda que sei conhecer o preço do que dou. Por onde me hei por muy obrigado a minha ventura, por me apresentar occasião, em que desejando muito seruir a v.m. quasi igualei a vontade com a obra. Mas tambem confesso que lhe não deuerei nunca poderme dar cousa que iguale ao merecimento de v.m. Em cujos louuores não quero entrar, porque vejo diante o mar Oceano muito mais largo, & estendido do que na verdade he. Baste que se fiz algum seruiço a v.m. com as poesias de Camões, muito mayor o fiz a elle, em as entregar a v.m. de quẽ se sabe q̃ em dotes de animo, he mayor q̃ todos seus iguaes, & nas do

corpo

corpo igual a todos os mayores do mundo. Porque quãto a isto que menos importa a casa dos Coutinhos he hũa das muy poucas, que começarão com o Reyno em Portugal, & com ella permanescerão. Mas que digo começarão? No mesmo tempo do primeiro Rey Afonso consta per escripturas antiguas, que auia Coutinhos, que erão conquistadores per si. Para o que era necessario terem a sangue illustre para obrigar o pouo, & riqueza para o pagar: que sam os dous effeos que conferuão a nobreza. De como se continuou por estes quatrocentos annos por virtude propria, mais que fauor alheo dão testemunho todos os lugares, em que Portugueses fizerão feitos de valor, semeados de ossos de Coutinhos. E como a virtude per si mesmo sem outra valia se sustenta, deu a este Reyno doze, & mais casas, q̃ oje cõ esplendor illustre se continuan libraes de valerosos peitos para a guerra, & não a varas de perfundos juyzios para a administração da paz. Entre estas deu dous Condados, dos quaes, & do mais antigo & verdadeyro desta familia (inda que oje extincto por se juntar com a casa Real, pello casamento do Iffante dom Fernando, yrmão delRey dom Ioão o terceyro, com a senhora dona Guiomar, vltima possuydora delle) he v.m. decendente per linha legitima masculina. Quanto as partes do animo de que Deos dotou a v.m. bom indicio nos deu v.m. dellas na sua empresa da olyueyra, que tanto tẽpo ha que vsa em suas armas. Porque esta he aquella que engeitou o Reinado das outras aruores, que dignamente lhe offereciam. E esta he aquella que he Symbolo da paz, & brãdura cortezã de que v.m. he dotado. Esta he a aruore de Pallas, que mestura cõ as armas todas as boas sciencias & disciplinas com tal conserto, que reciprocamente se communicão admiraueel lustre, como as vemos em v.m. na letra, MIHI TAXVS. Estou contemplando o queixume geral dos grandes entendimentos, que sentenciosamente se descobre nella: os quaes hũa vez por nam serem conhecidos daquelles aquem elles faltão, & outra por serem dos mesmos enuejados nunca alcanção o que merescem. De maneira que o saber pella Olyueira, significando, que lhes ouuera de ser occasião de sobirem a grandes estados, lhes causa effeitos de cõtradição & odio, entendidos no veneno do texo Outras muitas applicações se podem descubrir nesta empreza, assi ao sentido moral, como ao namorado, que todos me dão certos penhores do profundo juyzo de v.m. das quaes nã trato, pellas não danar cõ a pobreza de meu estillo, & por deixar que especular aos bõs engenhos. E bẽ mostra v.m. nellas as partes excellentes de seu animo, de que não direy mais, por q̃ sey q̃ não bastão liuros inteiros, quãto mais prologo curto

Más como não ey de exalçar atè o ceo a magnifica & mui heroicá obra que v.m.fez em dar ſepultura honrada aos oſſos deſte admirauel varão, que pobre & plebeiamente jazião no Moſteiro de ſanta Anna, Tomou v.m.â ſua conta a obrigação cõmua, não deſte Reino ſoo, mas de toda Eſpànha: & aſsi recolheo para ſi toda a gloria que a toda eſta prouincia viera, ſe para tão deuida obra ſe ajuntara. Baſtànte razão era eſta para ſuas Poeſias ſerem dedicadas ao nome de v.m. & não conhecerem outro. Aceiteas v.m. defendaas, honreas, que ſe v.m. o fizer entre os eſtrangeiros, elle lhe pagara com honrar ſeu nome entre os eſtrangeiros & naturaes. Porque a verdadeira patria dos altos engenhos, não he o lugar que conhecem por naſcimento, he ſô o entendimento claro & perfeito, que ſabe eſtimar as couſas grandes, & leuantadas. E aſsi o emparo que v.m. lhe der entre juizos pobres que o perſeguem, como eſtrangeiro, pagarâ com fazer enuejado o nome de v.m. entre os ricos & excellentes que o eſtimão como natural. E bem he razão, que pois elle por meo de v.m. começa oje a viuer noua vida per gloria de ſeus eſcrittos, fique a memoria de v.m. pello ſeu, liure das leis da morte & do eſquecimento, cõforme â antiga & bem prouada profecia Poetica. Por maneira, que ſe v.m. lhe for Achilles entre aquelles, ſeja elle para v.m. Homero entre hũs & outros. Noſſo Senhor a muito illuſtre peſſoa de v.m. guarde, vida & caſa accreſcente como pode. De Lisboa 27. de Feuereiro de 95.

Beja as maõs a v.m.

Eſteuão Lopez.

IN LAVDEM LODOVICI Camonij Principis Poëtarũ.

Emanuelis Souſæ Coutigni Epigramma.

Quod Maro ſublimi, quod ſuaui Pindarus, alto
Quod Sophocles, triſti Naſo quod ore canit.
Mœſtitiam, caſus, horrentia prælia, amores,
Iuncta ſimul, cantu ſed grauiore damus.
Quis nam author? Camonius. Vnde hic? Protulit illum
Lyſia in Eoas imperioſa plagas.
Vnus tanta dedit? Dedit, & maiora daturus,
Ni celeri fato corriperetur, erat.
Vltimus hic choreis Muſarum præfuit, illo
Plenior Aonidûm eſt, nobiliorq; chorus.
Flos veteris, virtusq; nouæ fuit ille Camænæ,
Debita iure ſibi ſceptra poëſis habet.
In Luſitanos Heliconis culmina tractus
Tranſtulit, antra, Lyras, ſerta, fluenta, Deas.
Currere Caſtalios noſtra de rupe liquores,
Iuſſit ab inuito prata virere ſolo.
Cerne per incultos Tempe meliora receſſus,
Cerne ſatas ſterili ceſpite veris opes.
Omnibus Occidui tibi rident floribus horti:

Non ego iam Lysios credo, sed Elysios.
Orpheus attonitas dulci modulamine cautes,
Traxit et ab Stygio squallida monstra foro.
Thessalicos, Lodoice, sacro cum flumine montes,
Pieridûmq; trahis, cælitûmq; choros.
Sunt maiora tuæ Orphœis miracula vocis.
Attica, quid faceres, si tibi lingua foret?

ALIVD EIVSDEM.
Ad Dominum Gondisaluum Coutignum.

Nominibus gentis, donis, Coutigne, Mineruæ,
Nobilitatis honos, Pieridûmq; decus.
Victa situ in tenebris Camonij Musa iacebat,
Quo nihil in toto grandius orbe sonat.
Per te squallentem cultum deponit, et audet
Obsita Lysiacæ plectra ferire Lyræ.
Ac velut Orphæo reuocasti munere amicum,
Orphæus existet nominis ille tui.
Sic vos alterno viuetis munere, et Orpheus
Alter erit Musæ, nominis alter erit.

DE LVIS FRANCO.

SONETO.

SOpra la polue, & l'oſſa regnar morte
Potrà, & ne i mortali hauer l'impero,
Et ſepellir il nome al nuouo Homero,
Et negarli il ſepolchro l'empia ſorte.
Però la fama del morir piu forte
Lo reſe chiaro al vno, e altro Hemiſphero,
V'regna Phebo, e oue il popol piu fiero
Habita Hircania, Scythia, & Caſpie porte.
Di Gonzallo mercê gentil Coutigno,
Per Muſe illuſtre, & arme, & aui Illuſtri
Ch'al Camões nella morte fu Mecena.
Per cui Phenice egli rinaſce, e vn cigno,
Per cui viurà nel mondo mille luſtri
La ſua dolce, & altiſſona camena.

Non ego iam Lysios credo, sed Elysios.
Orpheus attonitas dulci modulamine cautes,
Traxit et ab Stygio squallida monstra foro.
Thessalicos, Lodoice, sacro cum flumine montes,
Pieridûmq; trabis, cælitûumq; choros.
Sunt maiora tuæ Orphœis miracula vocis.
Attica, quid faceres, si tibi lingua foret?

ALIVD EIVSDEM.
Ad Dominum Gondisaluum Coutignum.

Nominibus gentis, donis, Coutigne, Mineruæ,
Nobilitatis honos, Pieridûmq; decus.
Victa situ in tenebris Camonij Musa iacebat,
Quo nihil in toto grandius orbe sonat.
Per te squallentem cultum deponit, et audet
Obsita Lysiacæ plectra ferire Lyræ.
Ac velut Orphæo reuocasti munere amicum,
Orphœus existet nominis ille tui.
Sic vos alterno viuetis munere, et Orpheus
Alter erit Musæ, nominis alter erit.

DE LVIS FRANCO.
SONETO.

Sopra la polue, & l'oſſa regnar morte
Potrà, & ne i mortali hauer l'impero,
Et ſepellir il nome al nuouo Homero,
Et negarli il ſepolchro l'empia ſorte.
Però la fama del morir piu forte
Lo reſe chiaro al'vno, e altro Hemiſphero,
V'regna Phebo, e oue il popol piu fiero
Habita Hircania, Scythia, & Caſpie porte.
Di Gonzallo mercê gentil Coutigno,
Per Muſe illuſtre, & arme, & aui Illuſtri
Ch'al Camões nella morte fu Mecena.
Per cui Phenice egli rinaſce, e vn cigno,
Per cui viurà nel mondo mille luſtri
La ſua dolce, & altiſſona camena.

Diogo Bernardes, em louuor de Luys de Camoes.

Soneto.

Quem louuará Camões qu' elle não ſeja?
Quem não vè que canſa em vão engenho, & arte
Elle ſe louua a ſi ſoo, em toda parte,
E toda parte, elle ſoo enche d'inueja.
Quem iuntos n'hum ſprito ver deſeja
Quantos dões, entre mil Phebo reparte
(Quer elle de amor cante, quer de Marte,)
Por mais não deſejar, elle ſoo veja.
Honrou a patria em tudo: imiga ſorte
A fez, com elle ſoo, ſer encolhida,
Em premio d'eſtender della a memoria.
Mas ſe lhe foy fortuna eſcaſſa em vida
Não lhe pode tirar deſpois da morte
Hum rico emparo de ſua fama & gloria.

AO AVTOR,
De Diego Taborda Leitão.

SONETO.

SPirito, que ao Empyreo cêo voaſte,
Das Muſas cà na terra tão chorado,
Quanto milhor terás ja la cantado,
Do muito que tão bem nos cà cantaſte?
Partiſtete de nòs, sòs nos deixaſte,
A ſer la doutro lauro laureado,
Differente daquelle que te hão dado
Os que câ com teus verſos tanto honraſte.
Lâ Hymnos, Odes, cantos mais ſuaues
Pôdes cantar na Angelica Hierarchia,
Onde eſſa voz de ciſne mais ſe apurâ.
Nem te podem faltar materias graues,
Em que occupes melhor a fantaſia,
Qu'emfim o de cà paſſa, o de là dura.

Prologo aos Leytores.

COMO Este liuro há de vir a maõs de muitos. E não he possiuel em todos ser igoal a noticia das cousas, que se requerem para entendimento delle, não pareseeo pouco acertado aduertir breuemente algũas, assi sobre o titulo & diuisaõ da obra, como tambem sobre o autor della & começando pello titulo, esta palaura Rhythimas, (que os Italianos, & Franceses pronunciaõ sem aspirações) descende de ῥυθμός, vocabulo Grego, q̃ quer dizer numero, ou armonia, como declara Diomedes grámatico, & Nicolao Peroto na Cornucopia no Comento do 4. Epygráma. E em ambas as significações conuem propriamente ao verso de medida Italiana, porque não somente consiste em certo numero de syllabas, mas tambem na armonia causada dos accentos & consoantes, como proua Benedetto Varchi no Dialogo Herculano, na pregunta 9. Nem isto recebe duuida por que geralmẽte o corpo de toda a sorte de poëma se forma de numero, & armonia, donde nasceo chamarlhe Possidonio Stoico, dicção numerosa, que consta de medida certa, como refere Laertio na vida de Zenão. Em tanto que sendo Socrates auisado por hum oraculo, sequeria alcançar a bemauenturança applicasse o animo à musica, entendeo que satisfazia ao intento daquelle auiso em se empregar todo em fazer versos por ser a armonia & numeros delles parte da mesma musica, como cõta Cælio Calcagnino na oração que fez em louuor das artes. Donde tambem procedeo a ethymologia deste nome, Poeta, que conforme a opinião de Eustathio seguida por Rhodagino no lib. 4. cap. 4. se deriua de ποιῶ, que significa ἐμμελῶς, que quer dizer cantar, & o mesmo nome de Musa significa canto como afirma o mesmo Nicolao Perotto sobre o 5. Epygrama, & por isso Dante chamou a poesia, ficção, Rhetorica posta em musica. E que o titulo de Rhythmas, conuenha à toda esta obra, mostrase tambem claramente por hum discurso que faz o Cardeal Petro Bembo no liuro 2. das Prosas, onde diz que as Rhythmas, ou Rimas (como elle screue) saõ de tres maneiras, porque ousaõ reguladas, ou liures: ou parte liures, parte reguladas. Reguladas se chamaõ aquellas que vão sempre atadas a hũa mesma regra, como saõ os Tercettos, de que se crẽ ser inueutor Dante; porque antes delle se não achão feitos por outrem. E assi as oitauas

que

que inuentarão os Sicilianos fazendoas de dous consoantes atè o ca bo,& despois foraõ reduzidas a melhor forma pellos Thoscanos,acrescentandolhe terceyro consoante nos dous versos vltimos:& as Seistinas,que forão inuenção dos Prouensais, especialmente de Arnaldo Danielo. Rimas liures saõ aquellas que não guardam regra algũa,nem no numero dos versos,nem na correspondencia dos cõsoantes,como sam os Madrigais,deriuados de Mãdra, palaura Thoscana,por ser cõposição villanesca,a que respondem os nossos villãcetes. Rimas parte liures, parte reguladas saõ as que em algũas cousas vaõ soggeitas a regra,& noutras saõ isentas della: como sam os Sonettos, & Cançoes,porque os Sonettos ainda que no numero dos versos, & disposição delles, teem obrigação de seguir sempre hũa mesma regra:com tudo na correspondencia dos consoantes, não tẽ obrigação certa, como mostra Ringifo na sua arte poëtica no cap. 43,seguindo todauia a obseruação que com muito engenho & juizo aduertio Torquato Tasso no seu dialogo da poësia toscana. E as cançoes tem á mesma natureza, como aponta o mesmo Ringifo no cap. 50. & nos siguintes. E cõ isto temos satisfeito ao titulo.

Seguese adiuisaõ da obra, que vai repartida em cinco partes, porque o numero quinquennario pertence particularmente à obras de poesia, & eloquencia, o que se vè clara mente porque conforme a doutrina dos Platonicos era dedicado à Mercurio, & aos outros Deoses que no seu rito gentilico erão padroeiros das artes, como screue Rhodagino,lib. 12, c.10. & a Mercurio tinhão elles por diuindade da eloquencia, & por isso lhe consagrauão as lingoas, como refere Vincencio Cartario no liuro das imageẽs dos deoses, sobre a imagẽ de Mercurio. & sendo assi da eloquencia,ficaua tambem sendo da poesia pella lança que ambas entresi teem cõforme a definição de Dãte, & Posidonio. E por isso a quinta letra do alphabeto Grego era dedicada à Apollo,como screue Guillelmo Onciaco no liuro dos lugares numeraiscap. 5. & as Musas posto que seiaõ noue,sò à cinco dellas tocaua o ministerio da poesia, porque à Clio se attribuia o soggeito della presidindo à historia: à Polihymnia o ornamento da lingoagẽ: á Calliope o verso Heroico:a Melpomene o Tragico: á Thalia o Comico conforme ao Epygrãma vulgar que anda entre os de Virgilio. Seguindo pois esta diuisaõ se deu a primeira parte aos sonetos por ser composição de mais merecimento, por causa das difficuldades della assi em não admittir nenhũa palaura ociosa né de pouca

eficacia,

Soneto, como em auer de cerrar toda a materia delle dentro no limite de quatorze versos, fechando o vltimo tercetto de maneira, que não fique ao entendimento desejo de passar auante, cousa em q̃ muitos poëtas, que andaõ nas asas da fama, teueraõ pouca felicidade. A segunda parte se deu às Canções, & Odes, que respondem aos versos Lyricos, como mostra Fernando de Herrera, no seu doctissimo Cõmento sobre a 1. Canção de Garcilasso. A terceira, a Elegias, & Oitauas, de que não achamos que vsasse Petrarcha, mas de ambas estas composições vsou felicemente Arioſto, & por ventura que soube melhor imitar na graça & perfeiçaõ do verso Elegiaco à Tibullo, & Propertio, que taõ os Principes deste genero, que na maiestade do Heroico à Virgilio. A quarta a Eglogas, por ser specie de composiçaõ em q̃ se requere menos sufficiencia, & nelle deixando Theocrito, & Virgilio, teue particular excellencia Sannazaro, como nas Piscatorias Bernardino Rota. A quinta & vltima parte se deu as grosas & voltas, & outras composições de verso pequeno, que saõ proprias da nossa Hespanha, em que Gregorio Syluestre se auentajou notauelmente entre todos os Hespanhoes, & teuera o primeiro lugar, se Luis de Camões lho naõ ganhara, assi na agudeza dos conceitos, & propriedade das palauras, como na habilidade de metter regras impossiueis, q̃ mostrou muito mais nas outras rimas, como logo diremos. E cõtinuando com elle (que he a terceira parte deste prologo) he cuidẽte temeridade querer louuallo, porq̃ ainda que os outros poetas fossem particularmente abalisados em algũa perfeiçaõ especial, todauia à hũs faltou a natureza, q̃ lhes fezesse facil a contextura do verso, laurandoo cõ tanta aspereza & difficuldade, que parece q̃ estaõ alli as palauras violentadas, & os cõceitos encerrados nellas per força, & assi carecem da suauidade em que consiste a mesma poesia, conforme a doutrina de Fracastorio, no seu Dialogo, intitulado Naugerio, tirada de Horacio & Quintiliano. Outros q̃ alcançaraõ ter mais natureza, ou por acertarem de ser pouco felices na eleiçaõ das palauras, ou por naõ terem cabedal com que atauiar a oraçaõ assi da lindeza da lingoagem, como de tropos & figuras, sem as quais Cicero nem Virgilio nunqua falaraõ, vsaõ de hũs termos taõ humildes & vulgares, como se a natureza da poesia naõ consistira em ser leuantada do vso commum de falar, conforme a opiniaõ de Plutarcho, no seu trattado da Poetica, & de Rhodagino, no cap. 4. do lib. 4. Outros que se melhoraõ mais na lingoagem, naõ teem

nenhũa

nenhũa erudiçaõ com que illuſtrem ſuas obras, ſendo verdade co-
mo diz Rhodagino, no cap. 2. do meſmo liuro, que ſò aquelles ſe
chamaõ poetas legitimos, que moſtraraõ noticia de diuerſas ſcien-
cias em ſuas obras, como Orpheo, Homero, Virgilio, & Pyndaro.
E pello contrario Luis de Camões eſtà taõ afaſtado de todos eſtes
defeitos, que juntamente vemos nelle natureza promptiſſima pa-
ra declarar ſeus penſamentos, accompanhada de hũa facilidade na-
tural, que enche os ſeus verſos de ſuauidade, & com ella hũa lin-
goagem taõ pura, & ornada de todos os lumes da elocuçaõ, & taõ
riqua de conceitos, & diuerſas joyas de todas as ſciencias, que pa-
reſce que nelle ſò ajuntou a arte & a natureza tudo o que conuinha
para ſubir ao mais alto da Poeſia. E com ſer excellente em toda a
ſorte de Rhythmas, & em eſpecial no verſo pequeno, como ja diſ-
ſemos, muito mais o foi nas Canções, onde guardou de maneira
todas as leis dellas, que nenhũa enueja pode ter à Petrarcha, Bem-
bo, & Garcilaſſo, que neſte genero ſaõ os mais louuados: & o meſ-
mo lugar teem na na mayor parte dos Sonettos, & o teuera em
todos, ſe algũs que aqui vaõ impreſſos por ſeus naõ foraõ feitos
ſem cuidado, á importunaçaõ de amigos, onde aconteſce muitas ve-
zes acudir mais à preſſa com que os pedem, que à obrigaçaõ de os li-
mar, & deſpois ſem vontade do author ſe publicaõ por ſeus, & ou-
tros à volta diſſo que o naõ ſaõ, como aqui aconteſceo no Sonetto
19. que deſpois do impreſſo ſe ſoube que naõ era ſeu. Trattar do
ſtylo Heroico naõ he deſte lugar, porque quem commentar a ſua
Luſiada, terà eſſe cuidado: mas o que com razaõ ſe pode affirmar,
he que cumprio nella tanto à riſca as obrigações do poema Epico,
que ſe naõ pareſcera arrogancia, poderamos darlhe aſſẽto muito per-
to de Virgilio. Porque na grandeza, grauidade, & armonia das pa-
lauras, na traça & diſcurſo da obra, na alteza do ſoggeito, ſeguio em
tudo as piſadas de Virgilio: & nas ficções allegoricas (ſem as quais
naõ pode auer nenhum poema heroico conforme á opinião de Ari-
ſtoteles, referida por Rhodagino no meſmo lib. 4. c. 4. E ao que eſ-
creue Plutarcho no lugar acima allegado reprendendo á Empedo-
cles, Parminedes, Nicandro, & Theognides, por vſurparem o nome
de Poetas, ſò com verſos riquos de doutrina, mas deſacompa-
nhados de ficções) moſtrou taõ admiraueł engenho, que quaſi ſe
igualou a Homero, & ouxalà pudera humilhar a grandeza delle
em algũas das Eglogas, coformandoſe mais com o ſtylo Bucolico.

E poſto

E posto que não faltão murmuradores q̃ calúniarão suas obras, não escurece isso o merecimento dellas, porque tambem Virgilio & Homero passarão por este trance, que he natural à todos os ingenhos raros: em tanto que soo de erros de Virgilio compos Carbilio Grãmatico hum liuro inteiro, & Cęsar Caligula ousou affirmar, que nenhũa habilidade, nem erudição tiuera, & esteue determinado para mandar metter no fogo suas obras & retrattos que auia en algumas liurarias, como conta Suetonio Tranquillo, & Petro Crinito no li. 3. dos poetas latinos. E com isto não resta mais que lembrar, que os erros que ouuer nesta impressão, não passarão por alto à quem aiudou a compilar este liuro, mas achouse que era menos inconueniente irem assi como se acharão per cõferencia de algũs liuros de mão, onde estas obras andauaõ espedaçadas, que naõ violar as composições alheas, sem certeza euidente delser a emẽda verdadeira, porque sempre aos bõos entendimentos fiqua reseruado julgarem que naõ saõ erros do author, senaõ vicio do tempo, & inaduertencia de quẽ as trasladou. E seguiose nisto o parescer de Augusto Cæsar, que na comissaõ que deu a Vario, & a Tucca para emmendar a Æneida de Virgilio, lhe defendeo expressamente que nenhũa cousa mudassem, nem acrescentassem, porque em effeito he confundir a substancia dos versos & conceitos do author com as palauras & inuençaõ de quem emmenda, sem fiquar ao diante certeza se o que se lee he proprio se emmendado. E por isso se não bolio em mais que soo naquillo que claramente constou seruicio de pena, & o mais vai assi como se achou scritto, & muito differente do que ouuera de ir se Luis de Camões em sua vida o dera à impressaõ: mas assi debaixo destas afrontas, que o tempo, & ignorancia lhe fezeraõ, resplandesce tanto a luz de seus mere cimentos que basta para neste genero de poesia naõ auermos enueja á nenhũa naçaõ estran geira.

RITHMAS
De Luis de Camões, repartidas em cinco partes.

Parte primeira dos Sonetos.

EM quanto quis fortuna que tiuesse
Esperança de algum contentamento,
O gosto de hum suaue pensamento
Me fez que seus effeitos escreuesse.
Porem temendo amor que auiso desse
Minha escriptura a algum juyzo isento,
Escureceom' o engenho co tormento,
Pera que seus enganos não disesse.
Ó vos que amor obriga a ser sogeitos
A diuersas vontades, quando lerdes
Num breue liuro casos tão diuersos,
Verdades puras são, & não defeitos:
E sabey que segund' o amor tiuerdes,
Tereis o entendimento de meus versos.

SONETO. II.

EV cantarei de amor tão docemente,
Por hũs termos em ſi tão concertados,
Que dous mil accidentes namorados
Faça ſentir ao peito que não ſente.
Farei que amor a todos abranda,
Pintando mil ſegredos delicados,
Brandas iras, ſoſpiros namorados,
Temeroſa ouſadia, & pena auſente.
Tambem ſenhora do deſprezo honeſto
De voſſa viſta branda & riguroſa,
Contentarm'hei dizendo a menos parte.
Porem pera cantar de voſſo geſto
A compoſiçam alta & milagroſa,
Aqui falta ſaber, engenho, & arte.

SONETO. III.

TAnto de meu estado m' acho incerto,
Qu' em vivo ardor tremendo estou de frio,
Sem causa juntamente choro, & rio,
O mundo todo abarco, & nada aperto.
He tudo quanto sinto, hum desconcerto:
D'alma hum fogo me sae, da vista hum rio,
Agora espero, agora desconfio,
Agora desvario, agora acerto.
Estando em terra, chego ao Ceo voando,
Num'hora acho mil annos, & he de geito
Qu'em mil annos não posso achar hum'hora,
Se me pregunta alguem porque assi ando,
Respondo que não sey: porem sospeito
Que soo porque vos vi, minha Senhora.

SONETO.

TRansformaſe o amador na couſa amada,
Por virtude do muito imaginar,
Não tenho logo mais que deſejar,
Pois em mí tenho a parte deſejada.
Se nella eſtá minh'alma transformada.
Que mais deſeja o corpo de alcançar?
Em ſi ſômente pode deſcanſar,
Pois conſigo tal alma eſtá liada.
Mas eſta linda & pura ſemidea
Que como hum accidente em ſeu ſogeito,
Aſsi coa alma minha ſe conforma;
Eſtá no penſamento como idea
O viuo & puro amor de que ſou feito,
Como a materia ſimplez buſca a forma.

SONETO.

PAſſo por meus trabalhos tão iſento
De ſentimento, grande nem pequeno,
Que ſò polla vontade com que peno
Me fica amor deuendo mais tormento.
Mas vayme amor matando tanto a tento,
Temperando a triaga co veneno,
Que do penar a ordem deſordeno,
Porque não mo conſente o ſoffrimento.
Porem ſe eſta fineza o amor ſente,
E pagarme meu mal com mal pretende,
Tornaſe comprazer como ao ſol neue.
Mas ſe me vé cos males tão contente,
Faz ſe auaro da pena, porque entende
Que quanto mais me paga, mais me deue.

SONETO. VI.

EM flor vos arrancou de entao crescida
(Ah senhor dom Antonio) a dura sorte,
Donde fazendo andaua o braço forte
A fama dos antigos esquecida;
Hũa sò razão tenho conhecida,
Com que tamanha magoa se conforte,
Que pois no mundo auia honrada morte
Que não podieis tér mais larga a vida.
Se meus humildes versos podem tanto,
Que co desejo meu se iguale a arte,
Especial materia me sereis.
E celebrado em triste, & longo canto
Se morrestes nas mãos do fero Marte,
Na memoria das gentes viuireis.

SONETO VII.

N'hum jardim adornado de verdura,
A que esmaltão por cima varias flores,
Entrou hum dia a Deosa dos amores,
Com a Deosa da caça, & da espessura:
Diana tomou logo hũa rosa pura,
Venus hum roxo lirio dos melhores;
Mas excedião muito ás outras flores
As violas, na graça, & fermosura.
Preguntão a Cupido que alli estaua
Qual daquellas tres flores tomaria,
Por mais suaue, pura, & mais fermosa?
Sorrindose o menino lhe tornaua,
Todas fermosas saõ, mas eu queria,
Viol' antes que lirio, nem que rosa.

SONETO. VIII.

TOdo o animal da calma repousaua,
Sò Liso o ardor della não sentia,
Que o repouso do fogo em que ardia
Consistia na Nympha que buscaua.
Os montes parescia que abalaua
O triste som das magoas que dezia,
Mas nada o duro peito commouia,
Que na vontade d'outrem posto estaua.
Cansado ja de andar pola espessura,
No tronco d'hũa faya por lembrança
Escreueo estas palauras de tristeza;
Nunca ponha ninguem sua esperança
Em peito feminil, que de natura
Somente em ser mudauel tem firmeza.

SONETO IX.

BVsque amor nouas artes, nouo engenho
Para mattarme, & nouas esquiuanças,
Que não pode tirarme as esperanças,
Que mal me tirará o que eu não tenho.
Olhai de que esperanças me mantenho,
Vede que perigosas seguranças,
Que não temo contrastes, nem mudanças
Andando em brauo mar perdido o lenho.
Mas com quanto não pode auer desgosto
Onde esperança falta, la m'esconde
Amor hum mal, que matta, & não se vè:
Que dias ha que n'alma me tem posto
Hum não sey que, que nasce não sey onde,
Vem não sey como, & doe não sey porque.

SONETO X.

QVem vé senhora claro & manifesto
O lindo ser de vossos olhos bellos,
Se não perder a vista sò em vellos,
Ia não paga o que deue a vosso gesto.
Este me parecia preço honesto,
Mas eu por de vantagem merecellos
Dei mais a vida & alma por querellos
Donde ja me não fica mais de resto.
Assi que a vida,& alma,& esperança
E tudo quanto tenho,tudo he vosso,
E o proueito disso eu sò o leuo:
Porqu'he tamanha bemauenturança
O daruos quanto tenho,& quanto posso,
Que quanto mais vos pago, mais vos deuo.

SONETO XI.

QVando da bella vista,& doce riso,
Tomando estão meus olhos mantimento,
Tão enleuado sinto o pensamento
Que me faz ver na terra o parayso.
Tanto do bem humano estou diuiso,
Que qualquer outro bem, julgo por vento
Assi que em caso tal segundo sento
Assaz de pouco faz quem perde o siso.
Em vos louuar senhora não me fundo,
Porque quem vossas cousas claro sente
Sentirá,que não pode merecellas;
Que de tanta estranheza sois ao mundo,
Que não he d'estranhar dama excellente
Que quem vos fez, fizesse ceo & estrellas.

SONETO XXII.

DOces lembranças da passada gloria,
Que me tirou fortuna roubadora,
Deixaime repousar em paz hũa ora,
Que comigo ganhais pouca vittoria.
Impressa tenho n'alma larga historia
Deste passado bem que nunca fora,
Ou fora,& não passara,mas ja agora
Em mĩ não pòde auer mais que a memoria.
Viuo em lembranças, mouro d'esquecido
De quem sempre deuera ser lembrado,
Se lhe lembrara estado tão contente:
ô quem tornar podèra a ser nascido,
Souberame lograr do bem passado,
Se conhecer soubera o mal presente.

SONETO. XIII.

'ALma minha gentil,que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa la no ceo eternamente,
E viua eu ca na terra sempre triste;
Se la no assento Ethereo,onde subiste
Memoria desta vida se consente,
Não te esqueça daquelle amor ardente
Que ja nos olhos meus tão puro viste.
E se vires que pode merecerte
Algũa cousa a dor que me ficou
Da magoa sem remedio de perderte,
Roga a Deos que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cà me leue a verte,
Quam cedo de meus olhos te leuou.

Soneto.

SONETO. XIIII.

N'hum bosque que das Nymphas se habitaua
Syluia Nympha linda andaua hum dia,
Subida n'hũa aruore sombria,
As amarellas flores apanhaua.
Cupido que alli sempre costumaua
A vir passar a sesta á sombra fria.
N'hum ramo o arco & settas que trazia,
Antes que adormecesse penduraua.
A Nympha como idoneo tempo vira
Para tamanha impresa, não dilata,
Mas cõ as armas foge ao moço esquiuo.
As settas traz nos olhos, com que tira:
ò pastores fugi, que a todos matta,
Senão a mĩ, que de matar me viuo.

SONETO XV.

OS Reinos, & os imperios poderosos
Que em grãdeza no mundo mais crescerão
Ou por valor de esforço florecerão,
Ou por varões nas letras espantosos.
Teue Grecia Themistocles, famosos
Os Scipiões a Roma engrandescerão,
Doze Pares a França gloria derão,
Cides a Espanha, & Laras bellicosos.
Ao nosso Portugal (que agora vemos
Tão differente de seu ser primeiro)
Os vossos derão honra & liberdade.
E em vos grã successor, & nouo herdeiro
Do Bragança estado, ha mil estremos
Iguaes ao sangue, & mòres que a idade.

Soneto.

SONETO XVI.

DE vos me aparto (ò vida) em tal mudança;
Sinto viuo da morte o sentimento,
Não sei pera que he ter contentamento,
Se mais ha de perder quem mais alcança:
Mas dounos esta firme segurança,
Que posto que me matte meu tormento,
Pellas agoas do eterno esquecimento
Segura passar à minha lembrança.
Antes sem vos meus olhos se entristeção,
Que com qualquer couſ outra se contentẽ,
Antes os esqueçaes, que vos esqueção.
Antes nesta lembrança se atormentem,
Que com esquecimento desmereção
A gloria que em soffrer tal pena sentem.

SONETO XVII.

CHara minha enemiga, em cuja mão
Pos meus contentamentos a ventura,
Faltoute ati na terra sepultura,
Porque me falte a mĩ consolação.
Eternamente as agoas lograrão
A tua peregrina fermosura,
Mas em quanto me a mĩ a vida dura,
Sempre viua em minh'alma te acharão;
E se meus rudos versos podem tanto,
Que possão prometerte longa historia
D'aquelle amor tão puro, & verdadeiro.
Celebrada seras sempre em meu canto,
Porque em quãto no mũdo ouuer memoria,
Sera minha escrittura teu letreiro.

Soneto.

SONETO XVIII.

AQuella triſte & leda madrugada,
Chea toda de magoa,& de piedade,
Em quanto ouuer no mundo ſaudade
Quero que ſeja ſempre celebrada.
Ella ſò, quando amena & marchetada
Saîa,dando ao mundo claridade,
Vio apartarſe d'hũa outra vontade,
Que nunca poderà verſe apartada.
Ella ſò vio as lagrimas em fio,
Que d'hũs & d'outros olhos diriuadas
S'accreſcẽtarão em grande & largo rio.
Ella vio as palauras magoadas,
Que podèrão tornar o fogo frio,
E dar deſcanſo ás almas condenadas.

SONETO XIX.

ESpanta creſcer tanto o Crocodilo,
Sò por ſeu acanhado naſcimento,
Que ſe mayor naſcera,mais iſento
Eſtiuera d'eſpanto o patrio Nilo;
Em vão leuantarâ meu baixo eſtyllo
Voſſo Pontifical nouo ornamento,
Pois no ventre o immortal mereſcimento
Volo talhou,pera deſpois veſtillo.
Tardou,mas veo:que â quem mais mereſce
Muito mais tarde vir o premio he certo,
E ſempre tarda,inda que venha cedo.
Os ceos que do primeiro eſtão mais perto,
Mais de vagar ſe mouem, quem ſoubeſſe
Tras daquelle ſegredo eſte ſegredo!

Soneto.

SONETO XX.

SE quando vos perdi minha esperança
A memoria perdera juntamente,
Do doce bem passado, & mal presente,
Pouco sentira a dor de tal mudança.
Mas amor em quem tinha confiança,
Me representa mui miudamente
Quantas vezes me vi ledo & contente,
Por me tirar a vida esta lembrança.
De cousas de que não auia final,
Por as ter postas ja em esquecimento,
Destas me vejo agora perseguido;
Ah dura estrella minha! ah gran tormento!
Que mal pode ser mòr, que no meu mal
Ter lembrança do bem qu'he ja perdido?

SONETO XXI.

EM fermosa Lethea se confia,
Por onde vay dade tanta alcança,
Que tornada em soberba a confiança
Com os Deoses celestes competia.
Porque não fosse auante esta ousadia,
(Que nascem muitos erros da tardança)
Em effeito puserão a vingança,
Que tamanha doudice merescia.
Mas Oleno perdido por Lethea,
Não lhe soffrendo amor que supportasse
Castigo duro tanta fermosura,
Quis padecer em si a pena alhea,
Mas porque a morte amor não apartasse,
Ambos tornados saõ em pedra dura.

SONETO.

MAles que contra mi vos conjurastes,
Quanto ha de durar tão duro intento?
Se dura porque dura meu tormento,
Basteuos quanto ja me atormentastes.
Mas se assi perfiaes, porque cudastes
Derrubar meu tão alto pensamento?
Mais pòde a causa delle, em q̃ o sustento
Que vos, q̃ della mesma o ser tomastes.
Epois vossa tenção com minha morte
Ha de acabar o mal destes amores,
Dai ja fim a hum tormento tão cõprido.
Porque dambos contentes seja a sorte,
Vos porque me acabastes, vencedores,
E eu porque acabei, de vos vencido.

SONETO.

EStase a Primauera trasladando
Em vossa vista deleitosa, & honesta,
Nas lindas faces, olhos, boca, & testa,
Boninas, lyrios, rosas debuxando.
De sorte vosso gesto matizando
Natura quanto pode manifesta,
Que o monte, o cãpo, o rio, & a floresta,
Se estão de vos senhora namorando.
Se agora não quereis que quem vos ama
Possa colher o fruito destas flores,
Perderão toda a graça vossos olhos.
Porque pouco aproueita linda dama,
Que semeasse amor em vos amores,
Se vossa condição produze abrolhos.

SONETO. XXIIII.

SEte annos de pastor Iacob seruia
Labão, pai de Rachel, serrana bella:
Mas não seruia ao pai, seruia a ella,
E a ella só por premio pretendia.
Os dias na esperança de hum só dia
Passaua, contentandose com vella:
Porem o pai vsando de cautella,
Em lugar de Rachel, lhe daua Lya.
Vendo o triste pastor que com enganos
Lhe fora assi negada a sua pastora,
Como se a não tiuera merecida:
Começa de seruir outros set'annos,
Dizendo; Mais seruira, se não fora
Pera tão longo amor tão curta a vida.

SONETO. XXV.

EStá o lasciuo & doce passarinho
Com o biquinho as penas ordenando,
O verso sem medida alegre, & brando,
Espedindo no rustico raminho.
O cruel caçador (que do caminho
Se vem calado & manso, desuiando)
Na pronta vista a seta endereitando,
Lhe dá no Stigio lago eterno ninho.
Dest'arte o coração, que liure andaua,
(Posto que ja de longe destinado)
Onde menos temia foi ferido.
Porque o frecheiro cego m'esperaua,
Pera que me tomasse descuidado,
Em vossos claros olhos escondido.

SONETO. XXVI.

PEdeme o deſejo (dama) que vos veja,
Não entende o que pede, eſtá enganado,
He eſte amor tão fino, & tão delgado,
Que quem o tem naõ ſabe o que deſeja:
Não ha couſa a qual natural ſeja,
Que não queira perpetuo ſeu eſtado,
Não quer logo o deſejo o deſejado,
Porque naõ falte nunca onde ſobeja.
Mas eſte puro affeito em mĩ ſe danna,
Que como a graue pedra tem por arte
O centro deſejar da natureza.
Aſsi o penſamento (polla parte
Que vay tomar de mĩ terreſte humana,)
Foy ſenhora pedir eſta bayxeza.

SONETO. XXVII.

POrque quereis ſenhora que offereça
A vida a tanto mal como padeſço?
Se vos naſce do pouco que mereço
Bem por naſcer eſtà quem vos mereça.
Sabey que em fim por muito que vos peça,
Que poſſo merecer quanto vos peço,
Que nã cõſent' amor qu'em baixo preço
Tão alto penſamento ſe conheça.
Aſsi que a paga igual de minhas dores,
Com nada ſe reſtaura, mas deuesma,
Por ſer capaz de tantos diſfauores.
E ſe o valor de voſſos ſeruidores
Ouuer de ſer igual conuoſco meſma,
Vos ſò conuoſco meſma andai d'amores.

Soneto

SONETO.

SE tanta pena tenho merecida
Em pago de ſoffrer tantas durezas,
Prouay ſenhora em mĩ voſſas cruezas,
Que aqui tendes hũa alma offerecida.
Nella exprimentay ſe ſois ſeruida,
Deſprezos, diſfauores, & aſperezas,
Que mòres ſoffrimentos, & firmezas
Soſtentarei na guerra deſta vida.
Mas contra voſſos olhos quaes ſerão?
Forçado he que tudo ſe lhe renda,
Mas porei por eſcudo o coração.
Porque em tão dura & aſpera contenda,
He bem que pois não acho defenſaõ,
Com me meter nas lanças me defenda.

SONETO.

QVando o ſol encuberto vai moſtrando
Ao mundo a luz quieta & duvidoſa,
Ao longo de hũa praya deleitoſa,
Vou na minha inimiga imaginando.
Aqui a vi os cabellos concertando,
Ali co a mão na face, tão fermoſa,
Aqui falando alegre, ali cudoſa,
Agora eſtando queda, agora andando.
Aqui eſteue ſentada, ali me vio,
Erguendo aquelles olhos tão iſentos,
Aqui mouida hum pouco, ali ſegura;
Aqui ſe entriſteceo, ali ſe rio,
Em fim neſtes canſados penſamentos
Paſſo eſta vida vãa, que ſempre dura.

SONETO.
XXX.

HVm mouer d'olhos brando & piadoso,
Sem ver de que, hũ riso brãdo, & honesto,
Quasi forçado hum doce, & humilde gesto,
De qualquer alegria duuidoso.
Hum despejo quieto, & vergonhoso,
Hum repouso grauissimo, & modesto,
Hũa pura bondade, manifesto
Indicio da alma, limpo, & gracioso:
Hum encolhido ousar, hũa brandura,
Hum medo sem ter culpa, hum ar sereno,
Hum longo, & obediente soffrimento,
Esta foi a celeste fermosura
Da minha Circe, & o magico veneno
Que pode transformar meu pensamento.

SONETO XXXI.

TOmoume voſſa viſta ſoberana
Adonde tinha as armas mais â mão,
Por moſtrar que quem buſca defenſaõ
Contra eſſes bellos olhos, que ſ'engana,
Por ficar da vittoria mais vfana
Deixoume armar primeiro da razão:
Cuidei de me ſaluar, mas foi em vão,
Que contra o ceo não val defenſa humana.
Mas porem ſe vos tinha prometido
O voſſo alto deſtino eſta vittoria,
Seruos tudo bem pouco eſtà ſabido.
Que poſto que eſtiueſſe apercebido,
Não leuais de vencerme grande gloria,
Mayor a leuo eu de ſer vencido.

SONETO. XXXII.

NAõ paſſes caminhante: Quem me chama?
Hũa memoria noua, & nunca ouuida,
D'hum q̃ trocou finita & humana vida,
Por diuina, infinita, & clara fama.
Quem he, que tão gentil louuor derrama?
Quẽ derramar ſeu ſangue não duuida
Por ſeguir a bandeira eſclareſcida
D'hum capitão de Chriſto, que mais ama.
Ditoſo fim, ditoſo ſacrificio,
Que a Deos ſe fez, & ao mundo juntamẽte,
Apregoando direi tão alta ſorte.
Mais poderâs contar a toda a gente,
Que ſempre deu ſua vida claro indicio
De vir a merecer tão ſanta morte.

SONETO XXXIII.

FErmoſos olhos, que na idade noſſa
Moſtrais do ceo certiſsimos ſinais
Se quereis conhecer quanto poſſais,
Olhaime a mĩ, que ſou feitura voſſa,
Vereis que de viuer me deſapoſſa
Aquelle riſo com que a vida dais,
Vereis como de amor não quero mais,
Por mais que o tẽpo corra, & o dãno poſſa.
E ſe dentro neſt'alma ver quiſerdes
Como n'hum claro eſpelho, alli vereis
Tambem a voſſa angelica & ſerena:
Mas eu cuido que ſò por não me verdes
Veruos em mĩ ſenhora não quereis
Tanto goſto leuais de minha pena.

SONETO XXXIIII.

O Fogo que na branda cera ardia,
Vendo o roſto gentil qu'eu n'alma vejo,
Se acendeo d'outro fogo do deſejo,
Por alcançar a luz que vence o dia.
Como de dous ardores ſe encendia,
Da grande impaciencia fez deſpejo,
E remetendo com furor ſobejo
Vos foi beijar na parte onde ſe via.
Ditoſa aquella flãma que ſe atreue
Apagar ſeus ardores & tormentos,
Na viſta de que o mundo tremer deue.
Namoraõſe ſenhora os Elementos,
De vos, & queima o fogo aquella neue,
Que queima coraçõ es & penſamentos.

SONETO XXXV.

ALegres campos, verdes aruoredos,
Claras & freſcas agoas de criſtal,
Que em vos os debuxais ao natural,
Deſcorrendo da altura dos rochedos:
Silueſtres montes, aſperos penedos.
Compoſtos em concerto deſigual,
Sabei que ſem licença de meu mal
Ia não podeis fazer meus olhos ledos.
E pois me ja não vedes como viſtes,
Não me alegrem verduras deleitoſas,
Nem agoas que correndo alegres vem,
Semearei em vos lembranças triſtes,
Regandovos com lagrimas ſaudoſas,
E naſcerão ſaudades de meu bem.

SONETO XXXVI.

QVantas vezes do fuso ſ'eſquecia
Daliana, banhando o lindo ſeo,
Tantas vezes de hum aſpero receo
Salteado Laurenio, a cor perdia.
Ella que a Syluio mais que a ſi queria,
Pera podello ver não tinha meo:
Ora como curâra o mal alheo
Quem o ſeu mal tão mal curar ſabia?
Elle que vio tão clara eſta verdade,
Com ſolluços dezia (que a eſpeſſura
Commouia de magoa, a piedade)
Como pode a deſordem da Natura,
Fazer tão differentes na vontade
A quem fez tão conformes na ventura?

SONETO. XXXIX.

Lindo & ſuttil trençado, que ficaſte
Em penhor do remedio que mereſço,
Se sò contigo vendote endoudeço,
Que fora cos cabellos que apertaſte?
Aquellas tranças d'ouro que ligaſte
Que os rayos do ſol tem em pouco preço,
Não ſei ſe para engano do que peço
Se para me atar, os deſataſte?
Lindo trançado, em minhas mãos te vejo,
E por ſatisfação de minhas dores
Como quem não tem outra, ey de tomarte,
E ſe não for contente meu deſejo,
Dirlh'ei que neſta regra dos amores
Pello todo tambem ſe toma a parte.

SONETO XXXVIII.

O Cisne quando sente ser chegada
A hora que poem termo a sua vida,
Musica com voz alta,& mui subida
Leuanta pola praya inhabitada.
Deseja ter a vida prolongada,
Chorando do viuer a despedida,
Com grande saudade da partida,
Celebra o triste fim desta jornada.
Assi senhora minha quando via
O triste fim que dauão meus amores,
Estando posto ja no estremo fio,
Com mais suaue canto & armonia
Discantei pellos vossos disfauores
La vuestra falsa fè,y el amor mio.

SONETO XXXIX.

PEllos estremos raros que mostrou
Em saber Pallas, Venus em fermosa,
Diana em casta, Iuno em animosa,
Africa,Europa,& Asia,as adorou:
Aquelle saber grande que ajuntou
Espirito & corpo em liga generosa,
Esta mundana machina lustrosa,
De sò quatro Elementos fabricou.
Mas mòr milagre fez a natureza
Em vos senhoras,pondo em cada hũa
O que por todas quatro repartio
A vos seu resplandor deu Sol & Lua,
A vos com viua luz,graça,& pureza,
Ar,fogo,terra,& agoa,vos seruio.

SONETO XXXX.

TOmaua Deliana por vingança
Da culpa do pastor que tanto amaua,
Casar com Gil vaqueiro, & em si vingaua
O erro alheo, & perfida esquiuança.
A descrição segura, a confiança,
As rosas que seu rosto debuxaua,
O descontentamento lhas secaua,
Que tudo muda hũa aspera mudança.
Gentil planta disposta em secca terra,
Lindo fruito de dura mão colhido,
Lembranças d'outro amor, & fè perjura,
Tornàrão verde prado em dura serra,
Interesse enganoso, amor fingido,
Fizerão desditosa a fermosura.

SONETO XXXXI.

GRam tempo ha ja que soube da ventura,
A vida que me tinha destinada,
Que a longa experiencia da passada
Me daua claro indicio da futura.
Amor fero, cruel, fortuna dura,
Bem tendes vossa força exprimentada,
Assolai, destrui, não fique nada,
Vingaiuos desta vida, qu'inda dura.
Soube amor da ventura que a não tinha,
E porque mais sentisse a falta della,
De imagẽs impossiueis me mantinha.
Mas vos senhora, pois que minha estrella
Não foi melhor, viuei nesta alma minha,
Que não tem a fortuna poder nella.

SONETO.
XXXXII.

SE algũa hora em vos a piedade
De tão longo tormento ſe ſentira,
Não conſentira amor que me partira
De voſſos olhos, minha ſaudade.
Aparteime de vos, mas a vontade,
Que pello uatural n'alma vos tira,
Me faz crer que eſta auſencia he de mintira,
Mas inda mal porem porque he verdade.
Irm'ey ſenhora, & neſte apartamento,
Tomarão triſtes lagrimas vingança.
Nos olhos de quem foſtes mantimento:
E aſsi darei vida a meu tormento,
Qu'emfim cà me acharà minha lembrança,
Sepultado no voſſo eſquecimento.

SONETO. XLIII.

O Como se me alonga de anno em anno
A peregrinação cansada minha!
Como s'encurta, & como ao fim caminha,
Este meu breue & vão discurso humano!
Vayse gastando a idade, & cresce o danno,
Perdese me hum remedio, que inda tinha,
Se por experiencia se adeuinha,
Qualquer grãde esperança he grand'engano.
Corro apos este bem, que não se alcança,
No meo do caminho me falleſce,
Mil vezes cayo, & perco a confiança.
Quando elle foge, eu tardo, & na tardança
Se os olhos ergo a ver se inda pareſce,
Da vista se me perde, & da esperança.

Soneto.

SONETO XXXXIIII.

TEmpo he ja que minha confiança
Se deça de hũa falſa opinião,
Mas amor não ſe rege por razão,
Não poſſo perder logo a eſperança:
A vida ſi, que hũa aſpera mudança
Não deixa viuer tanto hum coração;
E eu na morte tenho a ſaluação?
Si: mas quem a deſeja não à alcança.
Forçado he logo qu'eu eſpere & viua,
Ah dura lei de amor, que não conſente
Quietação n'hũa alma qu'he cattiua.
Se hei de viuer em fim forçadamente
Pera que quero a gloria fugitiua,
D'hũa eſperança vãa que me atormente?

SONETO XXXXV.

AMor, co a eſperança ja perdida
Teu ſoberano templo viſitei,
Por ſinal do naufragio que paſſei
Em lugar dos veſtidos pus a vida.
Que queres mais de mĩ, que deſtruida
Me tẽs a gloria toda que alcancei?
Não cuides de forçarme, que não ſei
Tornar a entrar onde não ha ſaida.
Ves aqui alma, vida, & eſperança,
Deſpojos doces de meu bem paſſado,
Em quanto quis aquella qu'eu adoro:
Nella podes tomar de mĩ vingança,
E s'inda não eſtás de mĩ vingado,
Contentate co as lagrimas que choro.

Soneto

SONETO XXXXVI.

APollo, & as noue Muſas, diſcantando
Com a dourada lyra, me influîão
Na ſuaue armonia que fazião,
Quando tomei a pena começando;
Ditoſo ſeja o dia & hora quando
Tão delicados olhos me ferião,
Ditoſos os ſentidos que ſentião
Eſtarſe em ſeu deſejo traſpaſſando.
Aſsi cantaua, quando amor virou
A roda, a eſperança que corria,
Tão ligeira, que quaſi era inuiſiuel.
Conuerteuſeme em noite o claro dia.
E ſe algũa eſperança me ficou,
Sera de mayor mal, ſe for poſsiuel.

SONETO XXXXVII.

LEmbranças ſaudoſas, ſe cudais
De me acabar a vida neſte eſtado,
Não viuo com meu mal tão enganado,
Que não eſpere delle muito mais,
De muito longe ja me coſtumais,
A viuer d'algum bem deſeſperado,
Ia tenho coa fortuna concertado
De ſoffrer os trabalhos que me dais.
Atado ao remo tenho a paciencia,
Pera quantos deſgoſtos der a vida,
Cuide em quanto quiſer o penſamento.
Que pois não ahi outra reſiſtencia,
Pera tão certa queda da caida,
Apararlh'ei debaixo o ſoffrimento.

Soneto.

SONETO XXXXVIII.

APartauaſe Niſe de Montano,
Em cuja alma partindoſe ficaua,
Que o paſtor na memoria a debuxaua,
Por poder ſuſtentarſe deſte engano.
Pellas prayas do Indico Occeano
Sobre o curuo cajado ſencoſtaua,
E os olhos pellas agoas alongaua,
Que pouco ſe doîaõ de ſeu danno.
Pois com tamanha magoa & ſaudade
(Dezia) quis deixarme a em que adoro,
Por teſtemunhas tomo ceo & eſtrellas,
Mas ſe em vos ondas mora piedade,
Leuai tambem as lagrimas que choro,
Pois aſsi me leuais a cauſa dellas.

SONETO. XXXXIX.

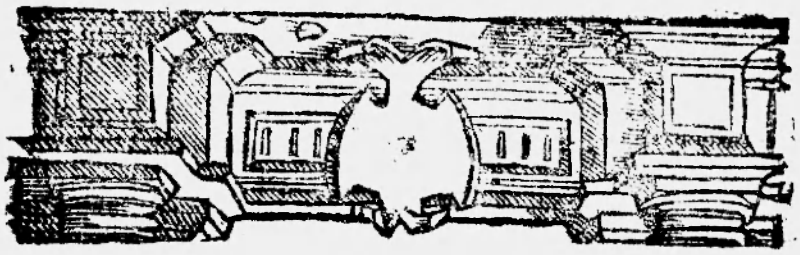
QVando vejo que meu deſtino ordena
Que por me exprimentar de vos m'aparte,
Deixando de meu bem tão grande parte,
Que a meſma culpa fica graue pena:
O duro diſfauor que me condenna
Quando pella memoria ſe reparte,
Endureſce os ſentidos de tal arte
Que a dor da auſencia fica mais pequena.
Pois como pode ſer que na mudança
Daquillo que mais quero eſtè tão fora
De me não apartar tambem da vida?
Eu refrearei tão aſpera eſquiuança
Porque mais ſentirei partir ſenhora
Sem ſentir muito a pena da partida.

SONETO L.

DEpois de tantos dias mal gastados,
Depois de tantas noites mal dormidas,
Depois de tantas lagrimas vertidas,
Tantos sospiros vãos, vãmente dados.
Como não sois vos ja desenganados,
(Desejos) que de cousas esquecidas
Quereis remediar mortais feridas,
Qu'amor fez sé remedio, o tẽpo, os fados?
Se não tiuercis ja experiencia
Das semrazões d'amor a quem seruistes,
Fraqueza fora em vos a resistencia.
Mas pois por vosso mal seus males vistes;
Que tempo não curou, nem lõga ausencia,
Que bem delle esperais; desejos tristes?

SONETO LI.

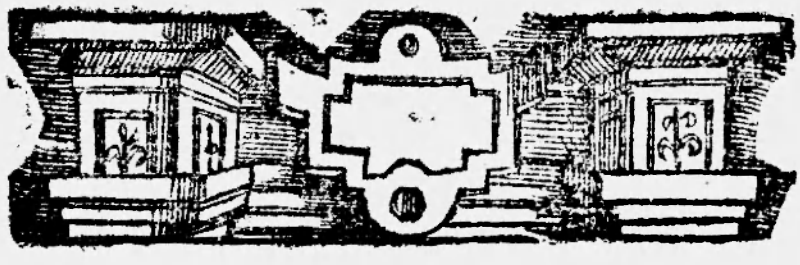
NAyades, vos que os rios habitais
Que os saudosos campos vão regando,
De meus olhos vereis estar manando,
Outros que quasi aos vossos sam iguais:
Dryades, vos que as settas atirais,
Os fugitiuos ceruos derrubando,
Outros olhos vereis que triumphando
Derrubão corações, que valem mais,
Deixai as aljauas logo, & as agoas frias,
E vinde Nymphas minhas, se quereis
Saber como de hũs olhos nascem magoas;
Vereis como se passão em vão os dias,
Mas não vireis em vão, que cà achareis
Nos seus as settas, & nos meus as agoas.



SONETO. LIII.

MVdãose os tempos, mudãose as vontades,
Mudase o ser, mudase a confiança,
Todo o mundo he composto de mudança,
Tomando sempre nouas qualidades,
Continuamente vemos nouidades,
Differentes em tudo da esperança,
Do mal ficão as magoas na lembrança,
E do bem (se algum ouue) as saudades:
O tempo cobre o chão de verde manto,
Que ja cuberto foi de neue fria,
E emfim conuerte em choro o doce canto.
E a fora este mudarse cada dia.
Outra mudança faz de mòr espanto,
Que não se muda ja como soîa.

Soneto.



SONETO LIIII.

SE as penas com que amor tão mal me tratta
Quiſer que tanto tempo viua dellas
Que veja eſcuro o lume das eſtrellas,
Em cuja viſta o meu ſe acende & matta.
E ſe o tempo que tudo desbarata
Seccar as freſcas roſas ſem colhelas,
Moſtrando a linda cor das tranças bellas
Mudada de ouro fino em bella prata:
Vereis ſenhora então tambem mudado
O penſamento, & aſpereza voſſa,
Quando não ſirua ja ſua mudança:
Suſpirareis então pello paſſado,
Em tempo, quando executar ſe poſſa
Em voſſo arrepender minha vingança.

SONETO LV.

A sepultura del Rei dom Ioão Terceiro.

Q Vem jaz no grã sepulchro, que descreue
Tão illustres sinais no forte escudo?
Ninguem, que nisso em fim se torna tudo,
Mas foi quem tudo pode, & tudo teue.
Foi Rei: fez tudo quanto a Rei se deue,
Pos na guerra & na paz deuido estudo,
Mas quão pesado foi ao Mouro rudo
Tanto lhe seja agora a terra leue.
Alexandre será? Ninguem se engane
Que sustentar, mais que adquirir se estima:
Sera Adriano grã senhor do mundo?
Mais obseruante foi da lei de cima.
He Numa? Numa não, mas he Ioanne,
De Portugal Terceiro, sem segundo.

SONETO. LVI.

QVem pode liure ſer gentil ſenhora,
Vendovos com juyzo ſoſſegado,
Se o minino que de olhos he priuado,
Nas mininas dos voſſos olhos mora?
Alli manda, alli reina, alli namora,
Alli viue das gentes venerado,
Que o viuo lume, & o roſto delicado,
Imagẽs ſaõ, nas quais o amor ſe adora.
Quem vè que em branca neue naſcem roſas,
Que fios creſpos d'ouro vão cercando,
Se por antre eſta luz a viſta paſſa:
Rayos d'ouro verà, que as duuidoſas
Almas eſtão no peito traſpaſſando
Aſsi como hum cryſtal o ſol traſpaſſa.

SONETO. LVII.

COmo fizeste Porcia tal ferida?
Foy voluntaria, ou foi por innocencia?
Mas foi fazer amor experiencia
Se podia soffrer tirarme a vida.
E com teu proprio sangue te conuida
A não pores à vida resistencia?
Andome acostumando à paciencia,
Porque o temor a morte não impida.
Pois porque comes logo fogo ardente,
Se a ferro te costumas? Porque ordena
Amor, que morra & pene juntamente.
E tẽs a dor de ferro por pequena?
Si: que a dor costumada não se sente,
E eu não quero a morte sem a pena.

SONETO LVIII.

AO AVTOR.

QVem he este que na harpa Lusitana
Abate as Musas Gregas & Latinas?
E faz que ao mundo esqueção as Plautinas
Graças, com graça alegre, & lyra vfana?
Luis de Camões he, que a soberana
Potencia lhe influio partes diuinas,
Por quem espirão as flores & boninas,
Da Homerica Musa Italiana.
Se tu (triumphante Roma) este alcançaras
No teu theatro, & Scena luminosa,
Nunca do gran Terentio te admiraras,
Mas antes sem contraste, curiosa
Estatua d'ouro alli lhe leuantaras,
Contente de ventura tão ditosa.

SONETO LIX.

Reposta sua.

De tão diuino accento & voz humana,
De tão doces palauras peregrinas,
Bem sei que minhas obras não são dinas,
Que o rudo engenho meu me desengana.
Mas de vossos escrittos corre & mana,
Licor que vence as agoas Cabalinas,
E conuosco do Tejo as flores finas
Farão enueja â copia Mantuana:
E pois a vos de si não sendo auaras
As filhas de Mnemosine fermosa,
Partes dadas vos tem ao mundo caras,
A minha Musa & a vossa tão famosa,
Ambas posso chamar ao mundo raras,
A vossa d'alta, a minha d'enuejosa.

SONETO LX.

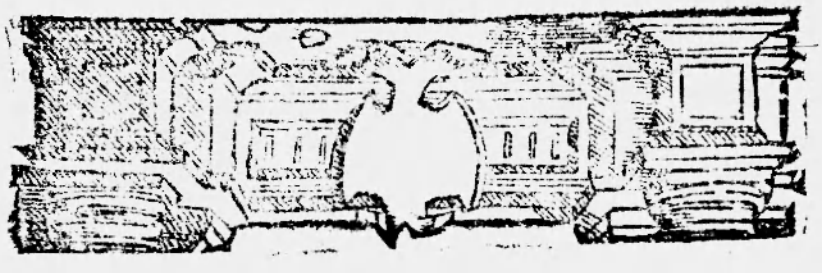
Aa ſepultura de dom Fernando de Caſtro.

DEbaixo deſta pedra eſtâ metido
Das ſanguinoſas armas deſcanſado,
O capitão illuſtre, aſſinalado,
Dom Fernando de Caſtro eſclareſcido:
Por todo o Oriente tão temido,
E da inueja da fama tão cantado:
Eſte pois sò agora ſepultado
Eſtà aqui ja em terra conuertido.
Alegrate ò guerreira Luſitania
Por eſte Viriato que criaſte,
E chorao perdido eternamente.
Exemplo toma niſto de Dardania,
Que ſe a Roma co elle anichilaſte,
Nem por iſſo Carthago eſtà contente.

SONETO LXI.

A dom Luis d'Attaide ViſoRei.

QVe vençais no Oriente tantos Reis,
Que de nouo nos deis da India o eſtado,
Que eſcureſçais a fama que ganhado
Tinhão os que a ganharão a infieis.
Que do tempo tenhais vencido as leis:
Que tudo emfim vençais co tempo armado;
Mais he vencer na patria deſarmado
Os monſtros, & as chimeras que venceîs:
E aſsi ſobre vencerdes tanto imigo,
E por armas fazer que ſem ſegundo
Voſſo nome no mundo ouuido ſeja,
O que nos dà mais nome inda no mundo,
He vencerdes ſenhor no Reino amigo,
Tantas ingratidões, taõ grande inueja.



SONETO LXII.

Partindose pera a India.

EV me aparto de vos Nymphas do Tejo,
Quando menos temia esta partida,
E se minh'alma vay entristescida,
Nos olhos o vereis com que vos vejo.
Pequenas esperanças, mal sobejo,
Vontade que a razão leua vencida,
Asinha darão fim à triste vida,
Se vos não torno â ver como desejo.
Nunca a noite entretanto, nunca o dia,
Verà de mi partir vossa lembrança,
Amor que vay comigo o certifica.
Por mais que na tornada aja tardança,
Sempre me farão triste companhia,
Saudades do bem qu'em vos me fica.

SONETO LXIII.

VOssos olhos senhora que competem
Co sol em fermosura & claridade,
Enchem os meus de tal suauidade,
Que em lagrimas de vellos se derretem.
Meus sentidos vencidos se sometem
Assi cegos a tanta diuindade,
E da triste prisaõ, da escuridade,
Cheos de medo por fugir remetem.
Mas se nisto me vedes por acerto,
O aspero desprezo com que olhais
Torna a espertar a alma enfraquescida.
ô gentil cura, & estranho desconcerto,
Que fará o fauor que vos não dais,
Quando o vosso desprezo torna a vida?

SONETO LXIIII.

FErmosura do ceo a nós descida,
Que nenhum coração deixais isento,
Satisfazendo a todo o pensamento,
Sem seres de nenhum bem entendida.
Que lingoa auerá tão atreuida,
Que tenha de louuarte atreuimento,
Pois a parte melhor do entendimento
No menos que em ti ha se vè perdida?
Se teu valor contemplo, a melhor parte
Vendo que abre na terra hum paraiso,
O engenho me falta, o esprito mingoa;
Mas o que mais me tolhe inda louuarte,
He que quando te vejo perco a lingoa,
E quando te não vejo perco o siso.

Soneto.

SONETO LXV.

POis meus olhos não cansaõ de chorar
Tristezas que não cansaõ de cansarme,
Pois não abrãda o fogo em que abrasarme
Pode quem eu jamais pude abrandar;
Não canse o cego amor de me guiar
A parte donde não saiba tornarme,
Nem deixe o mundo todo de escutarme
Em quanto me a voz fraca não deixar.
E se em montes, rios, ou em valles,
Piedade mora, ou dentro mora amor
Em feras, aues, prantas, pedras, agoas;
Oução a longa historia de meus malles
E curem sua dor com minha dor,
Que grandes magoas podẽ curar magoas.

SONETO LXVI.

DAyme hũa lei senhora de quereruos
Que a guarde, sopena de enojaruos,
Que a fè que me obriga a tanto amaruos,
Fara que fique em ley de obedeceruos.
Tudo me defendei, senão sò veruos,
E dentro na minh'alma contemplaruos,
Que se assi não chegar a contentaruos,
Aomenos que não chegue âborreceruos.
E se essa condição cruel & esquiua
Que me deis lei de vida não consente,
Daima senhora ja, seja de morte.
Se nem essa me dais, he bem que viua
Sem saber como viuo tristemente,
Mas contente porem de minha sorte.

Começão

SEGVNDA PARTE
Das Canções.

Canção primeira.

FErmosa & gentil dama, quando vejo
A testa douro & neue, o lindo aspeito,
A boca graciosa, o riso honesto,
O marmoreo collo, o branco peito:
De meu não quero mais que meu desejo,
Nem mais de vos que ver tão lindo gesto,
Alli me manifesto
Por vosso a Deos & ao mundo: alli m'inflamo
Nas lagrimas que choro,
E de mĩ que vos amo,
Em ver que soube amarnos, me namoro:
E fico por mĩ sò perdido de arte
Qu'ei ciumes de mĩ por vossa parte.

Se p cr ventura viuo descontente
Por fraqueza d'esprito padescendo,
A doce pena qu'entender não sey,
Fujo de mĩ, & acolhome correndo
A vossa vista, & fico tão contente,
Que zombo dos tormentos que passei:

De

De quem me queixarei
Se vos me dais a vida deſte geito,
Nos malles que padeſço
Senão de meu ſogeito,
Que não cabe com bem de tanto preço:
Mas ainda iſſo de mi cudar não poſſo,
D'eſtar muito ſoberbo com ſer voſſo.

Se por algum acerto amor vos erra
Por parte do deſejo, cometendo
Algum nefando & torpe deſatino,
Se ainda mais que ver emfim pretendo,
Fraquezas ſam do corpo, qu'he de terra,
Mas não do penſamento, que he diuino:
Se tão alto imagino
Que de viſta me perco, pecco niſto,
Deſculpame o que vejo,
Que ſe emfim reſiſto
Contra tão atreuido & vão deſejo,
Façome forte em voſſa viſta pura,
E armaſe de voſſa fermoſura.

Das delicadas ſombrancelhas pretas,
Os arcos com que fere amor tomou,
E fez a linda corda dos cabellos.

E porque de vos tudo lhe quadrou
Dos rayos desses olhos fez as settas,
Com que fere quem alça os seus a vellos:
Olhos que sam tão bellos,
Dão armas de ventagem ao amor,
Com que as almas destrue,
Porem se he grande a dor
Coa alteza do mal, a restitue,
E as armas com que mata sam de sorte
Que ainda lhe ficais deuendo a morte.

Lagrimas, & suspiros, pensamentos,
Quem delles se queixar, fermosa dama
Mimoso está do mal que por vos sente,
Que mayor bem deseja quem vos ama
Que estar desabafando seus tormentos,
Chorando, imaginando docemente?
Quem viue descontente
Não ha de dar aliuio a seu desgosto,
Porque se lhe agradeça
Mas com alegre rosto
Soffra seus males pera que os mereça:
Que quem do mal se queixa que padesce,
Fallo porque esta gloria não conhesce.

De

De modo que se cae o pensamento,
Em algũa fraqueza de contente,
He porque este segredo não conheço:
Assi que com razões não tão somente
Desculpo ao Amor de meu tormento,
Mas ainda a culpa sua lhe agradeço:
Por esta fè meresço
A graça que esses olhos acompanha.
O bem do doce riso,
Mas porem não se ganha
C'hum parayso outro parayso:
E assi de enleada a esperança
Se satisfaz co bem que não alcança.

Se com razões escuso meu remedio
Sabe canção que porque não vejo
Engano com palauras o desejo.

Canção segunda.

A Instabilidade da fortuna,
Os enganos suaues de amor cego,
Suaues (se durarão longamente)
Direi, por dar á vida algum soffego;
Que pois a graue pena me importuna,
Importune meu canto a toda gente.

E ſe o paſſado bem co mal preſente
Me endureſce a voz no peito frio,
O grande deſuario
Dará de minha pena final certo,
Que hum erro em tantos erros he concerto.
E pois neſta verdade me confio,
(Se verdade ſe achar no mal que digo)
Saiba o mundo de amor o deſconcerto,
Que ja co a razão ſe fez amigo,
Sô por não deixar culpa ſem caſtigo.

Ia amor fez leis, ſem ter comigo algũa,
Ia ſe tornou de cego arrazoado;
Sò por vſar comigo ſemrazões:
E ſe em algũa couſa o tenho errado,
Com ſiſo grande dor não vi nenhũa;
Nem elle deu ſem erros affeições,
Mas por vſar de ſuas iſenções
Buſcou fingidas cauſas por matarme;
Que pera derrubarme
No abiſmo infernal de meu tormento,
Não foi ſoberbo nunca o penſamento,
Nem pretende mais alto aleuantarme
Daquillo que elle quis; & ſe elle ordena
Que eu pague ſeu ouſado atreuimento,
Saiba que o meſmo amor que me condena
Me fez cayr na culpa, & mais na pena.

Os olhos que eu adoro, aquelle dia
Que decerão ao baixo penſamento,
N'alma os apoſentei ſuauemente,
E pretendendo mais, como auarento,

O coração lhe dei por iguaria,
Qu' a meu mandado tinha obediente:
Porem como ante si lhe foi presente,
Que entenderão o fim de meu desejo,
Ou por outro despejo,
Que a lingoa descubrio por desuario,
Desde morto estou posto n'hum rio,
Onde de meu seruiço o frutto vejo;
Mas logo se alça se a colhelo venho,
E foge me a agoa, se beber porfio;
Assi que em fome & sede me mantenho,
Não tem Tantalo a pena que eu sostenho.

Depois que aquélla em quem minh'alma viue
Quis alcançar o baixo atreuimento,
Debaixo deste engano a alcancei,
A nuuem do contino pensamento
Ma afigurou nos braços, & assi a tiue,
Sonhando o que acordado desejei;
Porque a meu desejo me gabei
De alcançar hum bem de tanto preço;
Allem do que padesço
Atado em hũa roda estou penando,
Que em mil mudanças me anda rodeando,
Onde se a algum bem subo, logo deço,
E assi ganho & perco a confiança,
E assi de mĩ fugindo, tras mi ando.
E assi me tem atado hũa vingança,
Como Ixião, tão firme na mudança.

Quando a vista suaue & inhumana

Meu humano deſejo de atreuido
Cometeo, ſem ſaber o que fazia,
O cego moço, que co a ſetta inſana
O peccado vingou deſta ouſadia;
E afora eſte mal que eu mereſcia,
Me deu outra maneira de tormento,
Que nunqua o penſamento
(Que ſempre voa d'hũa a outra parte)
Deſtas entranhas triſtes não ſe farte,
Imaginando ſobre o famulento,
Quanto mais come, mais eſtá creſcendo;
Porque de atormentarme não ſe aparte;
Aſsi que pera a pena eſtou viuendo,
Sou outro nouo Ticio, & não m'entendo.

De vontades alheas que roubaua,
E que enganoſamente recolhia,
Em meu fingido peito me mantinha,
De maneira o engano lhe fingia,
Que depois que a meu mando as ſojugaua;
Com amor as mattaua, qu'eu não tinha:
Porem logo o caſtigo que conuinha
O vingatiuo amor me fez ſentir,
Fazendome ſubir
Ao monte da aſpereza que em vos vejo,
Co peſado penedo do deſejo,
Que do cume do bem me vay cair;
Torno a ſubillo ao deſejado aſſento,
Torna a cayrme, embalde emfim pelejo,
Não te eſpantes Siſipho deſte alento,
Que ás coſtas o ſubi do ſofrimento.

Desta arte o summo bem se me offerece
Ao faminto desejo, porque sinta
A perda de perdello mais penosa,
Como o auaro a quem o sonho pinta
A char thesouro grande, onde enriquesce,
E farta sua sede cobiçosa;
E acordando com furia presurosa,
Vay cauar o lugar onde sonhaua:
Mas tudo o que buscaua
Lhe conuerte em caruão a desuentura;
Alli sua cobiça mais se appura,
Por lhe faltar aquillo que esperaua;
Dest'arte amor me faz perder o siso,
Porque aquelles que estão na noite escura,
Nunqua sentirão tanto o triste abyso,
Se ignorarem o bem do parayso.

Canção nomais, que ja não sei que digo;
Mas porque a dor me seja menos forte,
Diga o pregaõ a causa desta morte.

Canção terceira.

I A a roxa manhã clara
Do Oriente, as portas vem abrindo,
Dos montes descubrindo
A negra escuridão da luz auara,

O sol que nunqua para,
De sua alegre vista saudoso,
Tras ella pressuroso,
Nos caualos cansados do traballo,
Que respirão nas heruas fresco orualho,
Se estende claro, alegre, & luminoso,
Os passaros voando,
De raminho em raminho madulando,
Com hũa suaue & doce melodia
O claro dia estão manifestando.

A manhã bella & amena
Seu rosto descubrindo, a espessura
Se cobre de verdura,
Branda, suaue, angelica, serena,
ô deleitosa pena,
ô effeito d'amor tão preeminente!
Que permitte & consente
Que onde quer que me ache, & onde esteja,
O seraphico gesto sempre veja,
Por quem de viuer triste sou contente!
Mas tu Aurora pura
De tanto bem dâ graças â ventura,
Pois as foi pòr em ti tão differentes,
Que representes tanta fermosura.

A luz ſuaue & leda
A meus olhos me moſtra por quẽ mouro,
E os cabellos d'ouro
Não igual'aos que vi, mas arremeda:
Eſta he a luz que arreda
A negra eſcuridão do ſentimento
Ao doce penſamento:
O orualho das flores delicadas,
São nos meus olhos lagrimas canſadas,
Qu'eu choro co prazer de meu tormento:
Os paſſaros que cantão
Os meus eſpritos ſam que a voz leuantão
Manifeſtando o geſto peregrino,
Cõ tão diuino ſom q̃ o mundo eſpantão.

Aſsi como aconteſce
A quem a chara vida eſtà perdendo,
Que em quanto vay morrendo
Algũa viſaõ ſanta lhe apareſce:
A mĩ em quem falleſce
A vida, que ſois vos minha ſenhora,
A eſta alma que em vos mora,
(Em quanto da priſaõ ſe eſtâ apartãdo)
Vos eſtais juntamente apreſentando,
Em forma da fermoſa & roxa Aurora,

Ô ditoſa partida,
Ô gloria ſoberana, alta, & ſubida,
Se mo não impedir o meu deſejo,
Porqu'o que vejo emfim me torna a vida.

Porem a Natureza
Que neſta viſta pura ſe mantinha,
Me falta tão aſinha,
Quão aſinha o Sol falta à redondeza:
Se ouuerdes que he fraqueza
Morrer em tão penoſo & triſte eſtado,
Amor ſerà culpado,
Ou vòs, onde elle viue tão iſento,
Que cauſaſtes tão longo apartamento,
Porque perdeſſe a vida co cuidado,
Que ſe viuer não poſſo,
Hum homem ſou ſò de carne & oſſo,
Eſta vida que perco amor ma deu,
Que não ſou meu: ſe mouro o danno he voſſo.

Canção de Ciſne feita n'hora eſtrema,
Na dura pedra fria
Da memoria, te deixo em companhia
Do letreiro de minha ſepultura,
Que a ſombra eſcura ja me impedia.

Canção quarta.

VAõ as ſerenas agoas
Do Mondego deſcendo,
Manſamẽte, que ate o mar não parão,
Por onde minhas magoas
Pouco a pouco creſcendo,
Para nunca acabar ſe começarão:
Alli ſe ajuntarão
Neſte lugar ameno,
Aonde agora mouro,
Teſta de neue & ouro,
Riſo brando, ſuaue, olhar ſereno,
Hum geſto delicado,
Que ſempre n'alma m'eſtarà pintado.

Neſta florida terra,
Leda, freſca, & ſerena,
Ledo & contente para mĩ viuia
Em paz com minha guerra,
Contente com a pena
Que de tão bellos olhos procedia;
Hum dia n'outro dia
O eſperar m'enganaua,
Longo tempo paſſei,
Com a vida folguei,
Sò porqu'em bem tamanho m'empregàua,
Mas que me preſta ja
Que taõ fermoſos olhos não os ha.

O quem me alli diſſera

Que de amor tão profundo
O fim podesse ver ind'algũa hora;
O quem cudar podera
Que ouuesse ahi no mundo
Apartarme'eu de vos minha senhora,
Para que desd'agora
Perdesse a esperança,
E o vão pensamento,
Desfeito em hum momento,
Sem me poder ficar mais q̃ a lẽbrança,
Que sempre estará firme
Ate o derradeiro despedirme.

Mas a mòr alegria
Que daquì leuar posso,
Com a qual defendeime triste espero,
He que nunca sentia
No tempo que fui vosso
Quererdesme vos quãto vos eu quero;
Porque o tormento fero
De vosso apartamento
Não vos dará tal pena,
Como a que me condena:
Que mais sentirei vosso apartamento,
Que o que minh'alma sente
Morra eu senhora, & vos ficai cõtente.

Canção tu estaras
Aqui acompanhando,
Estes campos, & estas claras agoas,
E por mĩ ficaras
Chorando & suspirando,

E ao mundo moſtrando tantas magoas,
Que de tão larga hiſtoria,
Minhas lagrimas fiquem por memoria.

Canção quinta.

SE eſte meu penſamento
Como he doce & ſuaue,
Daalma podeſſe vir gritando fora,
Moſtrando ſeu tormento,
Cruel, aſpero, & graue,
Diante de vos sò minha ſenhora,
Podera ſer que agora
O voſſo peito duro
Tornara manſo & brando:
E eu que ſempre ando
Paſſaro ſolitario humilde, eſcuro,
Tornado hum Ciſne puro,
Brando & ſonoro pello ar voando,
Com canto manifeſto,
Pintara meu tormento, & voſſo geſto.

Pintara os olhos bellos
Que trazem nas mininas
O minino que os ſeus nelles cegou.

E os dourados cabellos
Em tranças de ouro finas
A quem o sol seus rayos abaixou,
A testa que ordenou
Natura tão fermosa,
O bem proporcionado
Nariz, lindo, afilado,
Que a cada parte tem a fresca rosa,
A boca graciosa,
Que querella louuar he escusado:
Em fim he hum thesouro,
Os dentes perlas, as palauras ouro.

Vira se claramente
ô dama delicada,
Que em vos se esmerou a natureza,
E eu de gente em gente
Trouxera trasladada
Em meu tormento vossa gentileza,
Somente a aspereza
De vossa condição,
Senhora não disera,
Porque se não soubera
Que em vos podia auer algum senão:
E se alguem com razão

Porque morres dissera, respondera
Mouro porqu'he tão bella
Qu'inda não sou pera morrer por ella.

E se polla ventura
Dama vos offendesse
Escreuendo de vos o que não sento,
E vossa fermosura
Tão baixo não descesse,
Que a alcançasse hũ baixo entendimento:
Seria o fundamento
Daquillo que cantasse
Todo de puro amor,
Porque vosso louuor
Em figura de magoas se mostrasse:
E onde se julgasse
A causa pello effeito, minha dor
Diria alli sem medo
Quem me sentir vera de quem procedo.

Então amostraria
Os olhos saudosos,
O suspirar que a alma traz consigo,
A fingida alegria,
Os passos vagarosos,

O fallar, o esquecerme do que digo,
Hum pelejar comigo,
E logo disculparme,
Hum recear ousando,
Andar meu bem buscando,
E de poder achallo acouardarme:
Emfim aueriguarme
Que o fim de tudo quanto estou fallando,
São lagrimas & amores,
São vossas isenções, & minhas dores.

Mas quem terá senhora
Palauras com que iguale
Com vossa fermosura minha pena:
Que em doce voz de fora
Aquella gloria falle
Que dentro na minh'alma amor ordena,
Não pode tão piquena
Força d'engenho humano,
Com carga tão pesada,
Se não for ajudada
D'hum piadoso olhar, d'hum doce engano:
Que fazendome o danno
Tão deleitoso, & a dor tão moderada,
Que emfim se conuertesse
Nos gostos dos louuores que escreuesse.

Canção

Canção não digas mais, & se teus versos
A pena vem pequenos,
Não queirão de ti mais, que diras menos.

Canção seista.

COm força desusada
A quenta o fogo eterno
Hũa ilha, lá nas partes do Oriente,
De estranhos habitada,
Aonde o duro inuerno
Os campos reuerdesce alegremente;
A Lusitana gente
Por armas sanguinosas,
Tem della o senhorio:
Cercada está d'hum rio
De maritimas agoas saudosas;
Das heruas que aqui nascem,
Os gados juntamẽte, & os olhos pascẽ.

Aqui minha ventura
Quis que hũa gram parte
Da vida que não tinha se passasse,
Para que a sepultura
Nas mãos do fero Marte
De sangue, & de lembranças matizasse;
Se amor determinasse
Que a troco desta vida.

Que

De mĩ qualquer memoria
Ficaſſe como hyſtoria,
Que de hũs fermoſos olhos foſſe lida,
A vida & alegria
Por tão doce memoria trocaria.

Mas eſte fingimento
Por minha dura ſorte
Com falſas eſperanças me conuida;
Não cuide o penſamento
Que pòde achar na morte
O que não pode achar tão longa vida;
Eſtá ja tão perdida
A minha confiança,
Que de deſeſperado
Em ver meu triſte eſtado,
Tambem da morte perco a eſperança;
Mas ô que ſe algum dia
Deſeſperar podeſſe, viuiria.

De quanto tenho viſto
Iagora não m'eſpanto,
Que atè deſeſperar ſe me defende;
Outrem foi cauſa diſto,
Que eu nunqua pude tanto,
Que cauſaſſe eſte fogo que me encende:
Se cudão que me offende
Temor de eſquecimento,
Ouxala meu perigo
Me fora tão amigo
Que algum temor deixara ao penſamento,

Quem

Quem vio tamanho enleo,
Que ouueſſe ahi eſperança ſem receo?

Quem tem que perder poſſa
Se pode recear,
Mas triſte quem não pode ja perder;
Senhora a culpa he voſſa,
Que pera me mattar
Baſtára hũa hora ſò de vos não ver:
Poſeſtesme em poder
De fallas eſperanças,
E do que mais me eſpanto
Que nunqua vali tanto
Que viueſſe tãbem com eſquiuãças;
Valia tão pequena
Não pode mereſcer tão doce pena.

Ouueſe amor comigo
Taõ brando, & pouco irado,
Quãto agora em meus males ſe conheſce,
Que não há mòr caſtigo
Pera quem tem errado,
Que negarlhe o caſtigo que mereſce;
E bem como aconteſce
Que aſsi como ao doente
Da cura deſpedido,
O medico ſabido
Tudo qnanto deſeja lhe conſente,
Aſsi me conſentia
Eſperança, deſejo, & ouſadia.

E agora

E agora venho a dar
Conta do bem passado,
A esta triste vida,& longa ausencia
Quem pode imaginar
Que pode auer peccado
Que mereça tão graue penitencia?
Olhai que he consciencia
Por tão pequeno erro
Senhora tanta pena:
Não vedes que he onzena?
Mas se tão longo & misero desterro
vos dá contentamento,
Nunca me acabe nelle meu tormento.

Rio fermoso,& claro,
E vos ò aruoredos.
Que os justos vencedores corais,
E ao cultor auaro,
Continuamente ledos,
D'hum tronco sô diuersos fruttos dais,
Assi nunca sintais
Do tempo injuria algũa,
Que em vos achem abrigo
As magoas que aqui digo,
Em quanto der o sol virtude á lũa:
Porque de gente em gente
Saibão que ja não mata a vida ausente.

Canção neste desterro viuirâs,
Voz nua & descuberta,
Ate que o tempo em Ecco te conuerta.

Canção

Canção ſettima.

MAndame amor que cante docemente,
O que elle ja em minh'alma tem impreſſo,
Com proſuppoſto de deſabafarme:
E porque com meu mal ſeja contente,
Diz que ſer de tão lindos olhos preſo
Contallo baſtaria a contentarme,
Eſte excellente modo de enganarme
Tomàra eu de amor por intereſſe,
Se não ſe arrependeſſe
Co a pena o engenho eſcureſcendo.
Porem a mais me atreuo,
Em virtude do geſto de que eſcreuo,
E ſe he mais o que canto que o q̃ entendo,
Inuoco o lindo aſpeito,
Que pòde mais que amor em meu defeito.

Sem conhecer amor viuer ſoîa,
Seu arco & ſeus enganos deſprezando,
Quando viuendo delles me mantinha
O amor enganoſo, que fingia

Mil vontades alheas enganando,
Me fazia zombar de quem o tinha:
No Touro entraua Phebo, & Progne vinha
O corno de Acheloo Flora entornana,
Quando o amor soltaua
Os fios d'ouro, as tranças encrespadas,
Ao doce vento esquiuas,
Dos olhos rutilando o lume viuas,
E as rosas antre a neue semeadas,
Co riso tão galante,
Que hum peito desfizera de diamante.

Hum não sei que suaue respirando,
Causaua hum admirado & nouo espanto,
Que as cousas insensiueis o sentião:
E as garrulas aues leuantando
Vozes desordenadas em seu canto,
Como em meu desejo se encendião,
As fontes crystallinas não corrião,
Inflammadas na linda vista pura,
Floresçia a verdura
Que andando cos diuinos pès tocaua,
Os ramos se abaixauão,
Tendo inueja das heruas que pisauão,
(Ou porque tudo ante ella se abaixaua)

Não ouue couſa emfim
Que não paſmaſſe della, & eu de mĩ.

Porque quando vi dar entendimento
As couſas que o não tinhaõ, o temor
Me fez cudar que effeito em mĩ faria
Conhecime não ter conhecimento,
E niſto sò o tiue, porque amor
Mo deixou, porque viſſe o que podia:
Tanta vingança amor de mĩ queria,
Que mudaua a humana natureza:
Os montes, & a dureza
Delles, em mĩ por troca traſpaſſaua:
Ô que gentil partido,
Trocar o ſer do monte ſem ſentido,
Pollo que n'hum juyzo humano eſtaua!
Olhay que doce engano,
Tirar cõmum proueito de meu dano!

Aſsi que indo perdendo o ſentimento
A parte racional me entriſtecia,
Vella a hum appetite ſometida,
Mas dentro n'alma o fim do penſamento
Por tão ſublime cauſa me dezia
Qu'era razão ſer a razão vencida.

Assi que quando a via ser perdida,
A mesma perdição a restauraua,
E em mansa paz estaua
Cadahum com seu contrario n'hum sogeito,
Ô gran concerto este:
Quem será que nã julgue por celeste
A causa donde vem tamanho effeito,
Que faz n'hum coração
Que venha o appetite a ser razão?

Aqui senti de amor a mòr fineza,
Como foi ver sentir o insensiuel,
E o ver a mĩ de mĩ mesmo perderme:
Emfim senti negarse a natureza,
Por onde cri que tudo era possiuel
Aos lindos olhos seus, senão quererme,
Despois que ja senti desfallecerme,
Em lugar do sentido que perdia
Naõ sei que m'escreuia
Dentro n'alma co as letras da memoria,
O mais deste processo
Co claro gesto juntamente impresso,
Que foi a causa de tão longa historia,
Se bem a declarei
Eu não a escreuo, d'alma a trasladei.

Cançaõ se quem te ler
Naõ crer dos olhos lindos o que dizes,
Pello que em si escondem,
Os sentidos humanos lhe respondem
Bem podem dos diuinos ser juyzes.

Canção oitaua.

TOmei a triste pena
Ia de desesperado
De vos lembrar as muitas que padesço,
Com ver que me condena
A ficar eu culpado
O mal que me trataes, & o q̃ meresço.
Confesso que conheço
Que em parte eu causei
O mal em que me vejo,
Pois sempre meu desejo
Tão comprido, em vos cumprir deixei;
Mas não tiue sospeita
Que seguisseis tenção tão imperfeita.

Se em vosso esquecimento
Tão enuolto estou
Como os sinais demostrão que mostrais,
Viuo neste tormento,
Lembranças mais não dou
Que as que de razão tomar queirais:
Olhai que me trattais

Assi

Assi de dia em dia
Com vossas esquiuanças,
E as vossas esperanças
De que vãmente eu m'enriquescia,
Renouão a memoria
Pois cõ tela de vos sò tenho gloria.

E se isto conhecesseis
Que he verdade pura,
Como ouro de Arabia reluzente,
Inda que não quisesseis
A condição tão dura
Mudareis n'outra muito differente,
E eu como innocente
Que estou neste caso,
Isto em mãos posera
De quem sentença dera,
Que ficasse o direito justo & raso.
Se não arreceara
Que a vos por mĩ, a mĩ por vos matara.

Em vos escritta vi
Vossa grande dureza,
E n'alma escritta está, que de vos viue,
Não que acabasse alli
Sua grande firmeza
O triste desengano que então tiue;
Porque antes que a dor priue
De todo meus sentidos,
Ao grande tormento
Acode o entendimento,

Com dous fortes ſoldados, guarneſcidos
De rica pedraria,
Que ficão ſendo minha luz & guia.
Deſtes acompanhado
Eſtou poſto ſem medo
A tudo o que o fatal deſtino ordene,
Pode ſer que canſado,
Ou ſeja tarde, ou cedo,
Com pena de penarme me deſpene:
E quando me condene
(Que iſto he o que eſpero)
Inda a mayores dores
Perdidos os temores
Por mais que venha não direi não quero,
Com tudo eſtou tão forte
Que nem me mudará a meſma morte.

Canção ſe ja não queres
Ver tanta crueldade,
La vas onde veras minha verdade.

Canção nona.

I Vnto d'hum ſeco, fero, & eſteril monte,
Inutil, & deſpido, caluo, informe,
Da natureza em tudo aborreſcido,
Onde nem aue voa, ou fera dorme,
Nem rio claro corre, ou ferue fonte,
Nem verde ramo faz doce ruido,

Cujo nome do vulgo introduzido
Por antiphraſi he felix infelice,
O qual a natureza
Situou junto â parte
Onde hum braço de mar alto reparte,
Abaſsia da Arabica aſpereza,
Onde fundada já foi Berenice,
Ficando à parte donde
O ſol que nelle ferue ſe lh'eſconde.

Nelle apareſce o Cabo com que a coſta
Africana, que vem do Auſtro correndo,
Limite faz, Aromata chamado,
Aromata outro tempo; que voluendo
Os ceos, a ruda lingoa mal compoſta,
Dos proprios outro nome lhe tem dado,
Aqui, no mar que quer apreſſurado
Entrar polla garganta deſte braço,
Me trouxe hum tempo & teue
Minha fera ventura
Aqui neſta remota, aſpera, & dura
Parte do mundo, quis que a vida breue
Tambem de ſi deixaſſe hum breue eſpaço,
Porque ficaſſe a vida
Pello mundo em pedaços repartida.

Aqui m'achei gaſtando hũs triſtes dias,
Triſtes, forçados, maos, & ſolitarios,
Trabalhoſos, de dor, & d'ira cheos,
Não tendo tãosòmente por contrarios
A vida, o ſol ardente, & agoas frias,
Os ares groſſos, feruidos, & feos,
Mas os meus penſamentos que ſam meos
Para enganar a propria natureza,
Tambem vi contra mi,
Trazendome à memoria
Algũa ja paſſada & breue gloria,
Qu'eu ja no mundo vi quando viui,
Por me dobrar dos malles a aſpereza,
Por me moſtrar que auia
No mundo muitas horas de alegria.

Aqui eſtiu'eu co eſtes penſamentos
Gaſtãdo o temp' & a vida, os quais tão alto
Me ſubião nas aſas, que caîa
(E vede ſe ſeria leue o ſalto,
De ſonhados & vãos contentamentos)
Em deſeſperação de ver hum dia
Aqui o imaginar ſe conuertia
N'hum ſubito chorar, & n'hũs ſoſpiros,
Que rompião os ares:

Aqui a alma catiua
Chagada toda estaua em carne viua,
De dores rodeada, & de pesares,
Desamparada & descuberta aos tiros
Da soberba fortuna,
Soberba, inexorauel, & importuna.

Não tinha parte donde se deitasse,
Nem esperança algũa onde a cabeça
Hum pouco reclinasse por descanso,
Todo lhe he dor & causa que padeça,
Mas que pereça não, porque passasse
O que quis o destino nunca manso,
Ô que este irado mar gritando amanso,
Estes ventos da voz importunados,
Parece que se enfreão,
Somente o ceo seuero
As estrellas & o fado sempre fero
Com o meu perpetuo danno se recreão,
Mostrandose potentes & indignados,
Contra hum corpo terreno,
Bicho da terra vil, & tão pequeno.

Se de tantos trabalhos sò tirasse
Saber inda por certo que algũa hora

Lembraua a hũs claros olhos que ja vi,
E se esta triste voz rompendo fora,
As orelhas angelicas tocasse
Daquella em cujo riso ja viui,
A qual tornada hum pouco sobre si,
Reuoluendo na mente pressurosa
Os tempos já passados,
De meus doces errores,
De meus suaues males, & furores,
Por ella padescidos & buscados,
Tornada (inda que tarde) piadosa,
Hum pouco lhe pesasse,
E comsigo por dura se julgasse.

Isto sò que soubesse, me seria
Descanso para a vida que me fica,
Co isto afagaria o soffrimento,
Ah senhora senhora, que tão rica
Estais, que câ tão longe de alegria
Me sustentais c'hum doce fingimento,
Em vos affigurando o pensamento
Foge todo o trabalho, & toda a pena:
Sò com vossas lembranças
Me acho seguro & forte
Contra o rosto feroz da fera morte:

E logo se me ajuntão esperanças
Com que a fronte tornada mais serena
Torna os tormentos graues
Em saudades brandas, & suaues.

Aqui coelles fico preguntando
Aos ventos amorosos que respirão
Da parte donde estais por vos senhora
As aues que alli voão se vos virão,
Que fazieis, que estaueis praticando,
Onde, como, com quem, que dia, & qu'ora?
Alli a vida cansada, que melhora
Toma nouos espritos com que vença,
A fortuna & trabalho,
Sò por tornar a veruos,
Sô por ir a seruiruos, & quereruos,
Dizme o tempo que a tudo dará talho,
Mas o desejo ardente, que detença
Nunca soffreo, sem tento
M'abre as chagas de nouo ao soffrimento.

Assi viuo, & se alguem te preguntasse
Canção, como não mouro,
Podeslhe responder, que porque mouro.

Canção

Canção decima.

VInde quà meu tão certo ſecretario,
Dos queixumes que ſempre ando fazẽdo,
Papel, com que a pena deſafogo,
As ſem razões digamos que viuendo
Me faz o inexorauel, & contrario
Deſtino ſurdo, a lagrimas & a rogo
Deitemos agoa pouca, em muito fogo,
Acendaſe com gritos hũ tormento,
Que a todas as memorias ſeja eſtranho,
Digamos mal tamanho
A Deos, ao mundo, â gente, & enfim ao vento,
A quem ja muitas vezes o contei
Tanto debalde, como o conto agora,
Mas ja que para errores fui naſcido,
Vir eſte a ſer hum delles não duuido;
Que pois ja de acertar eſtou tão fora,
Não me culpem tambem ſe niſto errei;
Siquer eſte refugio ſó terei,
Fallar, & errar ſem culpa liuremente,
Triſte quem de tão pouco eſtà contente.

Ia me deſenganei que de queixarme,
Não ſe alcança remedio, mas quem pena
Forçado he gritar, ſe a dor he grande,
Gritarei, mas he debil & piquena
A voz para poder deſabafarme;
Porque nem com gritar a dor ſe abrande,
Quem me dará ſiquer que fora á mande.

Lagrimas

Lagrimas & soſpiros infinitos,
Iguais ao mal que dentro n'alma mora?
Mas quem pode algũa hora
Medir o mal com lagrimas, ou gritos?
Emfim direi aquillo que m'entinão
A ira, a magoa, & dellas a lembrança,
Qu'he outra dor por ſi mais dura & firme;
Chegai deſeſperados para ouuirme,
E fujão os que viuem de eſperança,
Ou aquelles que nellas imaginão,
Porque amor & fortuna determinão
De lhe darem poder para entenderem
A medida dos malles que teuerem.

Foi minha ama hũa fera, que o deſtino
Não quis que molher foſſe a que teueſſe
Tal nome para mĩ, nem a aueria,
Aſsi criado fui, porque bebeſſe
O veneno amoroſo de minino,
Que na mayor idade beberia:
E por coſtume não me mattaria.
Logo então vi a imagem & ſemelhança
D'aquella humana fera tão fermoſa,
Suaue auenenoſa,
Que me criou aos peitos da eſperança,
De quem eu vi deſpois o original;
Que de todos os grandes deſatinos
Faz a culpa ſoberba & ſoberena;
Pareceme que tinha forma humana,
Mas ſcentillaua ſpiritos diuinos,
Hum meneo & preſença tinha tal,

Que

Que se vangloriaua todo o mal
Na vista della; a sombra coa viueza
Excedia o poder da natureza.

Que genero tão nouo de tormento
Teue amor, que não fosse não sômente
Prouado em mĩ, mas todo executado?
Implacaueis durezas que o feruente
Desejo, que dá força ao pensamento,
Tinhão de seu proposito aballado;
E de se ver corrido & injuriado
Aqui sombras phantasticas, trazidas
De algũas temerarias esperanças,
As bemauenturanças,
Nellas tãmbem pintadas & fingidas;
Mas a dor do desprezo recebido,
Que a phanthasia me desatinaua,
Estes enganos punha em desconcerto;
Aqui o adeuinhar, & o ter por certo
Que era verdade quanto adeuinhaua,
E logo o desdizerme de corrido,
Dar ás cousas que via outro sentido,
E pera tudo emfim buscar razões,
Mas erão muitas mais as semrazões.

Pois quem pòde pintar a vida ausente,
Com hum descontentarme quanto via,
E aquelle estar tão longe donde estaua,
O fallar sem saber o que dezia;
Andar sem ver por onde, & juntamente
Sospirar, sem saber que sospiraua;

Pois quando aquelle mal me atormentaua
E aquella dor que das Tartareas agoas
Saîo ao mundo,& mais que todas doe,
Que tantas vezes foe
Duras iras tornar em brandas magoas,
Agora co furor da magoa irado,
Querer & não querer deixar de amar,
E mudar noutra parte por vingança
O deſejo priuado de eſperança,
Que tão mal ſe podia ja mudar,
Agora a ſaudade do paſſado
Tormento,puro, doce,& magoado,
Fazia conuerter eſtes furores
Em magoadas lagrimas de amores.

Que deſculpas comigo que buſcaua
Quando o ſuaue amor me não ſoffria
Culpa na couſa amada,& tão amada,
Em fim eraõ remedios que fingia
O medo do tormento que enſinaua,
A vida a ſoſtentarſe de enganada,
Niſto hũa parte della foi paſſada,
Na qual ſe tiue algum contentamento
Breue,imperfeito,timido,indecente,
Não foi ſenão ſemente
De longo & amariſsimo tormento;
Eſte curſo contino de triſteza,
Eſtes paſſos tão vãmente eſpalhados,
Me forão apagando o ardente goſto,
Que táo de ſiſo n'alma tinha poſto,
D'aquelles penſamentos namorados,

Em

Em que eu criei a tenra natureza,
Que do longo costume da aspereza
Contra quem força humana não resiste,
Se conuerteo no gosto de ser triste.

Dest'arte a vida noutra fui trocando,
Eu não, mas o destino fero, irado,
Q'eu inda assi por outra a não trocara;
Fezme deixar o patrio ninho amado,
Passando o longo mar, que ameaçando
Tantas vezes me esteue a vida chara;
Agora exprimentando a furia rara
De Marte, que cos olhos quis que logo
Visse & tocasse o acerbo frutto seu,
E neste escudo meu,
A pintura verão do infesto fogo;
Agora peregrino vago, & errante,
Vendo nações, lingoages, & costumes,
Ceos varios, qualidades differentes,
Sò por seguir com passos diligentes
A ti fortuna injusta, que consumes
As idades, leuandolhe diante
Hũa esperança em vista de diamante,
Mas quando das mãos cae se conhece
Que he fragil vidro aquillo que aparece.

A piadade humana me faltaua,
A gente amiga ja contraria via,
No primeiro perigo & no segundo
Terra em que pòr os pès me falleścia,
Ar pera respirar se me negaua,
E faltauam'emfim o temp' & o mundo:

Que

Que ſegredo tão arduo,& tão profundo,
Naſcer para viuer,& para a vida
Faltarme quanto o mundo tem para ella:
E não poder perdella,
Eſtando tantas vezes ja perdida:
Emfim não ouue trance de fortuna,
Nem perigos, nem caſos duuidoſos,
Injuſtiças daquelles,que o confuſo
Regimento do mundo,antiguo abuſo,
Faz ſobre os outros homẽs poderoſos,
Qu'eu não paſſaſſe,atado à grã coluna
Do ſoffrimento meu,que a importuna
Perſiguição de males em pedaços
Mil vezes fez á força de ſeus braços.

Não conto tantos males como aquelle,
Que depois da tormenta procelloſa,
Os caſos della conta em porto ledo;
Que inda agora a fortuna fluctuoſa
A tamanhas miſerias me compelle,
Que de dar hum ſò paſſo tenho medo;
Ia de mal que me venha não me arredo,
Nem bem que me falleſça ja pretendo,
Que para mĩ não val aſtucia humana,
De força ſoberana,
Da prouidencia emfim diuina pendo,
Iſto que cuido,& vejo ás vezes tomo
Para conſolação de tantos dãnos:
Mas a fraqueza humana quando lança
Os olhos na que corre,& não a alcança,
Senão memoria dos paſſados annos,

As agoas que'então bebo, & o pão que como,
Lagrimas triſtes ſaõ, qu'eu nunca domo,
Senão com fabricar na fantaſia
Fantaſticas pinturas de alegria.

Que ſe poſsiuel foſſe que tornaſſe
O tempo para tras como a memoria,
Pellos veſtigios da primeira idade,
E de nouo tecendo a antigua hyſtoria
De meus doces errores me leuaſſe
Pellas flores que vi da mocidade,
E a lembrança da longa ſaudade
Então foſſe mayor contentamento,
Vendo a conuerſação leda & ſuaue,
Ond'hũa & outra chaue
Eſteue de meu nouo penſamento,
Os campos, as paſſadas, os ſinais,
A fermoſura, os olhos, a brandura,
A graça, a manſidão, a corteſia,
A ſincera amizade, que deſuia
Toda a baxa tenção, terrena, impura,
Como a qual outra algũa não vi mais,
Ah vãs memorias, onde me leuais
O fraco coração? que inda não poſſo
Domar eſte tão vão deſejo voſſo.

Nomais canção nomais, qu'irei fallando
Sem o ſentir mil annos, & ſe a caſo
Te culparem de larga, & de peſada,
Não pode ſer (lhe dize) limitada
Aagoa do mar em tão pequeno vaſo,

Nem

Nem eu delicadezas vou cantando
Co gosto do louuor, mas explicando
Puras verdades ja por mĩ passadas,
Oxalá forão fabulas sonhadas.

SEXTINAS.

FOgeme pouquo a pouquo a curta vida,
(Se por caso he verdade qu'inda viuo)
Vayseme o breue tempo d'ante os olhos,
Choro pello passado, & em quanto choro
Se me passão os dias passo & passo:
Vaiseme em fim a idade, & fica a pena.

Que maneira tão aspera de pena
Que nunqua hũa hora vio tão longa vida,
Em que possa do mal mouerse hum passo,
Que mais me monta ser morto, que viuo?
Para que choro emfim? para que fallo?
Se lograrme não pude de meus olhos?

Ô fermosos, gentis, & claros olhos
Cuja ausencia me moue a tanta pena,
Quanta se não comprende em quanto fallo,
Se no fim de tão longa & curta vida
De vos m'inda inflamasse o rayo viuo,
Por bem teria tudo quanto passo.

Mas bem sei, que primeiro o estremo passo
Me ha de vir a cerrar os tristes olhos,
Que amor me mostre aquelles por que viuo.
Testemunhas serão a tinta & pena,
Que escreuerão de tão molesta vida,
O menos que passei, & o mais que fallo.

Ô que não sei qu'escreuo, nem que fallo:
Que se de hum pensamento n'outro passo,
Vejo tão triste genero de vida,
Que se lhe não valerem tantos olhos,
Não posso imaginar, qual seja a pena
Que traslade esta pena com que viuo.

N'alma tenho contino hum fogo viuo
Que se não respirasse no que fallo,
Estaria ja feita cinza a pena:
Mas sobr'a mayor dòr que soffro & passo,
Me temperão as lagrimas dos olhos,
Com que fugindo não se acaba a vida.

Morrendo estou na vida, & em morte viuo,
Vejo sem olhos, & sem lingoa fallo,
E juntamente passo gloria, & pena.

Prosegue a segunda parte com as Odes.

Ode primeira, á Lũa.

DEtem hum pouco Musa o largo prãto,
Que amor te abre do peito,
E vistida de rico & ledo manto
Demos honra & respeito
A aquella cujo obieito
Todo o mundo alumia,
E quando escuro está he mais que o dia.

Ô Dellia, que a pesar da neuoa grossa
Cos teus rayos de prata
A escura noite fazes que não possa
Encontrar o que tratta,
E o que n'alma retratta,
Amor por teu diuino
Rosto, porque endoudeço, & desatino.

Tu que de fermosissimas estrellas,
Coroas & rodeas
Teus cabellos d'argento, & faces bellas,
E os campos fermoseas,

Co as roſas que ſemeas,
Co as boninas que geras,
O teu celeſte amor na Primauera.

Pois Delia dos teus cêos vêdo eſtàs quantos
Furtos de puridades
Suſpiros, magoas, ais, muſicas, prantos,
As amantes vontades,
Hũas por ſaudades,
Outras por crus indicios,
Fazem das proprias vidas ſacrificios.

Vejo teu Endimião por eſtes montes,
Suſpenſo o cèo olhando,
E o teu nome cos olhos feitos fontes,
Embalde, & em vão chamando,
Pedindo & ſuſpirando
Merces á tua beldade,
Sem em ti achar hũa hora piedade.

Por ti feito paſtor de branco armento,
As ſelvas ſolitarias
Acompanhado ſò do penſamento,
Conuerſa as alimarias,
De todo amor contrarias
Mas não como ti duras,
Onde lamenta & chora deſuenturas.

Por ti guarda o ſitio freſco d'Ilio
Suas ſombras fermoſas,
Para ti Erymanto, & o lindo Epillio

As mais purpureas roſas,
E as drogas cheiroſas
Deſte noſſo Oriente,
Tambem Arabia Felix eminente.

De que Panthera, Tigre, ou Leopardo
As aſperas entranhas,
Não temerão o agudo & fero dardo,
Quando pellas montanhas
Mui remotas & eſtranhas,
Ligeira atraueſſauas
Tão fermoſa, que amor de amor matauas?

Das caſtas virgẽs ſempre os altos gritos
Clara lucina ouuiſte,
Renouandolhe a força & os eſpritos:
Mas os daquelle triſte
Ia nunca conſentiſte
Ouuillos hum momento,
Para ſer menos graue ſeu tormento.

Não fujas de mĩ aſsi, nem aſsi te eſcondas,
D'hum tão fiel amante,
Olha como ſoſpirão eſtas ondas,
E como o velho Atlante,
O ſeu colo arrogante,
Moue piadoſamente
Ouuindo a minha voz fraca & doente.

Triſte de mĩ que o pior he queixarme,
Pois minhas queixas digo,

A quem ja ergue a mão para mattarme,
Como a cruel imigo,
Mas eu meu fado sigo,
Que a isto me destina,
E isto sò pretende, & sò m'ensina.

Quãtos dias ha que o cêo me desengàna
E eu sempre porfio.
Cada vez mais na minha teima insana,
Tendo liure aluedrio
Não fujo o desuario,
E este que em mi vejo.
Para esperança minha, & meu desejo.

ô quãto melhor fora que dormissem
Hum sono perenal,
Estes meus olhos tristes, & não vissem
A causa de seu mal,
Fugir a tempo tal,
Mais que d'antes por thema,
Mais cruel que vssa fera, mais que ema.

Ay de mĩ que me abraso em fogo viuo,
Com mil mortes ao lado,
E quãdo mouro mais então mais viuo,
Porque assi me ha ordenado
Meu infelice estado,
Que quando me conuida
A morte para a morte tenha vida.

Minha secreta amiga mansa noite,

Estas

Eſtas roſas (por quanto
Ouuiſte meus queixumes (hora doute
Eſte freſco Adianto,
Humido inda do pranto
E lagrimas da eſpoſa
Do cioſo Tithão branca & fermoſa.

Ode ſegunda.

Taõ ſuaue, tão freſca, & tão fermoſa,
Nunqua no ceo ſabio,
A Aurora no principio do verão,
Aas flores dando a graça coſtumada,
Como a fermoſa manſa fera, quando
Hum penſamento viuo me inſpirou,
Por quem me deſconheço.

Bonina pudibunda, ou freſco roſa,
Nunqua no campo abrio,
Quando os rayos do ſol no Touro eſtão
De cores differentes eſmaltada
Como eſta flor, que os olhos inclinando
O ſoffrimento triſte coſtumou
A pena que padeſço.

Ligeira

Ligeira, bella Nympha, linda, iroſa,
Não creo que ſeguio
Satyro, cujo braudo coração
D'amores commoueſſe fera irada,
Que aßi foſſe fugindo, & deſprezando
Eſte tormento, onde amor moſtrou
Tão proſpero começo.

Nunqua emfim couſa bella, & riguroſa
Natura produzio,
Que iguale àquella forma & condição,
Que as dores em que viuo eſtima em nada:
Mas com tão doce geſto, irado, & brando
O ſentimento, & a vida me enleuou
Que a pena lhe agradeſço.

Bem cudei de exaltar em verſo, ou proſa,
Aquillo que a alma vio,
Antre a doce dureza & manſidão,
Primores de belleza deſuſada,
Mas quando quis voar ao ceo cantando,
Entendimento, & engenho, me cegou,
Luz de tão alto preço.

Naquella alta pureza deleitoſa,

Que ao mundo se encubrio
E nos olhos angelicos, que sam
Senhores desta vida destinada,
E naquelles cabellos que soltando
Ao manso vento a vida me enredou,
Me alegro, & entristeço.

Saudade & sospeita perigosa,
Que amor constituyo,
Por castigo daquelles que se vão,
Temores, penas d'alma desprezada,
Fera esquiuança, que me vay tirando
O mantimento que me sustentou,
A tudo me offereço.

Ode terceira.

SE de meu pensamento
Tanta razão tiuera de agrauarme,
Quanta de meu tormento
A tenho de queixarme,
Poderas triste lyra consolarme.

E minha voz cansada
Que noutro tempo foi alegre & pura,
Não fora assi tornada,
Tão rouca, tão pesada, nem tão dura.

A ſer como ſohia
Podera leuantar voſſos louuores,
Vos minha Hierarchia
Ouuireis meus amores,
Que exemplo ſaõ ao mũdo ja de dores.

Alegres meus cudados,
Contentes dias, horas, & momentos,
ò quam bem alembrados
Sois de meus penſamentos,
Reinando agora em mĩ duros tormẽtos.

Ay goſtos fugitiuos,
Ay gloria já acabada, & conſumida,
Crueis males eſquiuos,
Qual me deixais a vida
Quam chea de peſar; quam deſtruida!

Mas como não he morta
A triſte vida jà, que tanto dura?
Como não abre a porta
A tanta deſuentura,
Qu'em vão co ſeu poder o tempo cura.

Mas para padeſcella
Se esforça meu ſogeito, & conualeſce,
Que ſò pera dizella
A força me falleſce,
E de todo me canſa, & m'enfraqueſce.

ô bem afortunado

Tu que alcançaſte com lyra toante
Orpheo ſer eſcutado,
Do fero Rhadamante,
E cos teus olhos ver a doce amante.

As infernais figuras
Moueſte com teu canto docemente:
As tres furias eſcuras,
Implacaueis á gente,
Quietas ſe tornárão de repente.

Ficou como paſmado
Todo o Stygio Reino co teu canto,
E quaſi deſcanſado
De ſeu eterno pranto,
Ceſſou de alçar Siſipho o graue cãto.

A ordem ſe mudaua
Das penas que ordenaua alli Plutão,
Em deſcanſo tornaua
A roda de Ixião,
E em gloria quantas penas alli ſaõ.

Pello qual admirada
A Rainha infernal, & cõmouida
Te deu a deſejada
Eſpoſa que perdida,
De tantos dias ja tiuera auida.

Pois minha deſuentura
Como ja não abrãda hũa alma humana,

Que

Que he contra mĩ mais dura,
E mui mais deshumana,
Que o furor de Calirõe profana.

ô crua, esquiua, & fera,
Duro peito, cruel, impedernido,
De algũa tigre fera,
Da Hircania nascido,
Ou dantre as duras rochas produzido.

Mas que digo coitado
E de quẽ fio em vão minhas querellas?
Só vos (ò do salgado
Humido Reino) bellas
E claras Nymphas, condoeyuos dellas.

E d'ouro guarnescidas
Vossas louras cabeças, leuantando
Sobol'agoa erguidas,
As tranças gorteiando,
Sahi alegres todas, ver qual ando.

Sahi em companhia
Cantando & colhendo as lindas flores,
Vereis minha agonia
Ouuireis meus amores,
Assentareis meus prantos, meus clamores.

Vereis o mais perdido
E mais mofino corpo que he gerado,
Que està ja conuertido

Em choro, & neſte eſtado
Sòmente viue nelle o ſeu cudado.

Ode quarta.

FErmoſa fera humana,
Em cujo coração ſoberbo & rudo
A força ſoberana
Do vingatiuo amor, que vence tudo
As pontas amoladas
De quantas ſettas tinha tem quebradas.

Amada Circe minha,
(Poſto que minha naõ) com tudo amada,
A quem hum bem que tinha
Da doce liberdade deſejada,
Pouco a pouco entreguei,
E ſe mais tenho inda entregarei.

Pois natureza iroſa
Da razão te deu partes tão contrarias,
Que ſendo tão fermoſa
Folgues de te queimar em flãmas varias,
Sem arder em nenhũa,
Mais qu'em quanto alumia o mũdo a lũa.

Pois

Pois triumphando vas
Com diuersos despojos de ptrdidos,
Que tu priuando estâs
De razão, de juizo, & de sentidos.
E quasi a todos dando,
Aquelle bem que a todos vas negando.

Pois tanto te contenta
Ver o nocturno moço em ferro enuolto
Debaixo da tormenta
De Iupiter em agoa & vento solto,
A porta que impedido
Lhe tem seu bẽ de magoa adormescido.

Porque não tẽs receo
Que tantas innocẽcias & esquiuãças,
A Deosa que poem freo
A soberbas, & doudas esperanças,
Castigue com rigor
E contra ti se acenda o fero Amor.

Olha a fermosa Flora
De despojos de mil sospiros rica,
Pello capitão chora
Que là em Thessallia emfim vẽcido fica.

E foi ſublime tanto
Qu'altares lhe deu Roma, & nome ſanto.

Olha em Lesbo aquella
No ſeu Pſalteiro inſigne conheſcida
Dos muitos que por ella
Se perderão, perdeo a chara vida
Na rocha que ſe inflama
Com ſer remedio eſtremo de quem ama.

Pello moço eſcolhido,
Onde mais ſe moſtrauão as tres graças,
Que Venus eſcondido
Para ſi teue hum tempo antre as alfaças,
Pagou coa morte fria
A mà vida que a muitos ja daria.

E vendoſe deixada
Daquelle por quem tantos ja deixára,
Se foi deſeſperada
Precipitar da infame Rocha chara,
Que o mal de mal querida
Sabe que vida lhe he perder a vida.

Tomaime brauos mares,

Tomaime vos, pois outrem me deixou,
E assi dos altos ares,
Pendendo com furor se arremessou,
Acude tu suaue,
Acude poderosa, & diuina aue.

Toma nas asas tuas
Minino pio Elysa sem perigo,
Antes que nessas cruas
Agoas, quando apague o fogo antigo,
He digno amor tamanho
De viuer, & ser tido por estranho?

Não que he razão que seja
Para as lobas isentas que amor vendem,
Exemplo onde se veja
Que tambem ficão presas as que prendem:
Assi deu por sentença
Nemesis, que amor quis que tudo vença.

Ode quinta.

NVnca manhã ſuaue
Eſtendendo ſeus rayos pello mundo,
Deſpois de noite graue,
Tempeſtuoſa, negra, em mar profundo,
Alegrou tanto nao, que ja no fundo
Se vio em mares groſſos,
Como a luz clara a mĩ dos olhos voſſos.

Aquella fermoſura
Que sò no virar delles reſplandeſce,
Com que a ſombra eſcura
Clara ſe faz, & o campo reuerdeſce,
Quando meu penſamento ſe entriſteſce,
Ella & ſua viueza
Me desfazem a nuuem da triſteza.

O meu peito onde eſtais,
He pera tanto bem pequeno vaſo,
Quando a caſo virais
Os olhos que de mĩ não fazem caſo,
Todo gentil ſenhora então me abraſo
Na luz que me conſume,
Bem como a borboleta faz no lume.

Tomaime vos, pois outrem me deixou,
E assi dos altos ares,
Pendendo com furor se arremessou,
Acude tu suaue,
Acude poderosa, & diuina aue.

Toma nas asas tuas
Minino pio Elysa sem perigo,
Antes que nessas cruas
Agoas, quando apague o fogo antigo,
He digno amor tamanho
De viuer, & ser tido por estranho?

Não que he razão que seja
Para as lobas isentas que amor vendem,
Exemplo onde se veja
Que tambem ficão presas as que prendem:
Assi deu por sentença
Nemesis, que amor quis que tudo vença.

Ode quinta.

NVnca manhã ſuaue
Eſtendendo ſeus rayos pello mundo,
Deſpois de noite graue,
Tempeſtuoſa, negra, em mar profundo,
Alegrou tanto nao, que ja no fundo
Se vio em mares groſſos,
Como a luz clara a mĩ dos olhos voſſos.

Aquella fermoſura
Que sò no virar delles reſplandeſce,
Com que a ſombra eſcura
Clara ſe faz, & o campo reuerdeſce,
Quando meu penſamento ſe entriſteſce,
Ella & ſua viueza
Me desfazem a nuuem da triſteza.

O meu peito onde eſtais,
He pera tanto bem pequeno vaſo,
Quando a caſo virais
Os olhos que de mĩ não fazem caſo,
Todo gentil ſenhora então me abraſo
Na luz que me conſume,
Bem como a borboleta faz no lume.

Se mil almas tiuera
Que a tão fermoſos olhos entregara,
Todas quantas tiuera
Pollas peſtanas delles pendurara,
E enleuadas na viſta pura & clara,
(Poſto que diſſo indignas,)
Se andarão ſempre vendo nas mininas.

E vos que deſcuidada
Agora viuireis de tais querellas,
D'almas minhas cercada
Não podeſseis tirar os olhos dellas,
Não pode ſer que vendo a voſſa antr'ellas
A dor que lhe moſtraſſem
Tantas hũa alma sò não abrandaſſem.

Mas pois o peito ardente
Hũa sò pòde ter, fermoſa dama,
Baſta que eſta sòmente
Como ſe foſſem duas mil vos ame:
Para que a dor de ſua ardente flama
Conuoſco tanto poſſa,
Que não queiras cinza hũa almavoſſa.

TERCEIRA PARTE.

Das Elegias, & algũas Oitauas.

ELEGIA PRIMEIRA.

O Poeta Simonides fallando
Co capitão Themiſtocles hum dia
Em couſas de ſciencia praticando,
Hũa arte ſingular lhe prometia,
Que então compunha, com que lhe enſinaſſe
A ſe lembrar de tudo o que fazia.
Onde tão ſutis regras lhe moſtraſſe
Que nunqua lhe paſſaſſe da memoria
Em nenhum tempo as couſas que paſſaſſe.
Bem mereſcia certo fama & gloria,
Quem daua regra contra o eſquecimento,
Qu'enterra em ſi qualquer antigua hyſtoria.
Mas o capitão claro cujo intento
Bem differente eſtaua, porque auia
As paſſadas lembranças por tormento.
Ó illuſtre Simonides (dizia)
Pois tanto em teu engenho te confias,
Que moſtras à memoria noua via,
Se me deſſes hũa arte que em meus dias
Me não lembraſſe nada do paſſado,

Ó quanto milhor obra me farias.
Se este excellente ditto ponderado
Fosse por quem se visse estar ausente
Em lougas esperanças degradado,
Ó como bradaria justamente
Simonides inuenta nouas artes
Não meças o passado co presente.
Que se he forçado andar por varias partes
Buscando à vida algum descanso honesto,
Que tu fortuna injusta mal repartes,
E se o duro trabalho he manifesto
Que por graue que seja, ha de passarse
Com animoso sprito, & ledo gesto,
De que serue âs pessoas alembrarse
Do que se passou ja, pois tudo passa
Senão de entristecerse, & magoarse?
Se n'outro corpo hũa alma se traspassa,
Não, como quis Pithagoras na morte,
Mas como manda Amor na vida escassa,
E se este amor no mundo está de sorte
Que na virtude sò d'hum lindo obiecto
Tem hum corpo sem alma viuo & forte,
Onde este obiecto falta, que he defecto
Tamanho pera a vida, que ja nella
M'estâ chamando à pena a duro Alecto:

Porque me nãocriàra minha eſtrella
Seluatica no mundo, & habitante
Na dura Scythia, on na aſpereza della:
Ou no Caucaſo horrendo fraco infante,
Criado ao peito d'algũa tigre Hyrcana,
Homem fora formado de diamante.
Porque a ceruiz ferina & inhumana
Não ſommettera ao jugo & dura lei
Daquelle que dâ vida quando engana:
Ou em pago das agoas que eſtillei
As que do mar paſſei forão de Lethe,
Para que m'eſquecera o que paſſei.
Que o bem que a eſperança vãa promete,
Ou a morte o eſtorua, ou a mudança,
Que he mal que hũa alma em lagrimas derrete.
Ia ſenhor cairà como a lembrança
No mal do bem paſſado, he triſte & dura,
Pois naſce aonde morre a eſperança.
E ſe quiſer ſaber como ſe apura
N'hũa alma ſauàoſa, não ſe enfade
De ler tão longa & miſera eſcrittura.
Soltaua Eolo a redea & liberdade
Ao manſo Fauonio brandamente,
E eu ja tinha ſolta a ſaudade,
Neptuno tinha poſto o ſeu Tridente.

A proa a branca escuma diuidia,
Coa gente maritima contente.
O coro das Nereidas nos seguia,
Os ventos namorada Galathea,
Consigo sossegados os mouia.
Das argenteas conchinhas Panopea
Andaua pello mar fazendo molhos
Melanto, Diamene, com Legea.
Eu trazendo lembranças por antolhos
Trazia os olhos na agoa sossegada,
E a agoa sem sossego nos meus olhos.
A bemauenturança ja passada
Diante mĩ tinha tão presente,
Como se não mudasse o tempo nada.
E com o gesto immoto, & descontente,
C'hum sospiro profundo, & mal ouuidõ,
Por não mostrar meu mal a toda a gente:
Dizia, ò claras Nymphas, se o sentido
Em puro amor tiuestes, & inda agora
Da memoria o não tendes esquecido,
Se por ventura fordes algũa hora
Aonde entra o gran Tejo a dar tributo
A Thetis, que vos tendes por senhora,
Ou por verdes o prado verde enxuto
Ou por colherdes ouro rutilante,

Das Tagicas areas rico frutto:
Nellas em verſo heroico & elegante,
Eſcreuei c'hũa concha o que em mĩ viſtes,
Pode ſer que algum peito ſe quebrante.
E contando de mĩ memorias triſtes,
Os paſtores do Tejo que me ouuião
Oução de vos as magoas que me ouuiſtes.
Ellas que ja no geſto me entendião,
Nos meneos das ondas me moſtrauão
Que em quanto lhe pedia conſentião.
Eſtas lembranças que me acompanhauão
Polla tranquillidade da bonança,
Nem na tormenta graue me deixauão.
Porque chegado ao cabo da eſperança,
Começo da ſaudade que renoua,
Lembrando a longa & aſpera mudança.
Debaixo eſtando ja da eſtrella noua,
Que no nouo Hemiſpherio reſplandeſce,
Dando do ſegundo axe certa proua.
Eis a noite com nuues eſcureſce
Do ar ſupitamente foge o dia,
E o largo Oceano ſe embraueſce:
A machina do mundo pareſcia
Que em tormenta ſe vinha desfazendo,
Em ſerras todo o mar ſe conuertia.

Lutando

Luttando Boreas fero, & Noto horrendo,
Sonoras tempestades leuantauão,
Das naos as velas concauas rompendo.
As cordas co ruido assuuiauão,
Os marinheiros ja desesperados
Com gritos pera o ceo o ar coalhauão.
Os rayos por Vulcano fabricados
Vibrana o fero & aspero Tonante,
Tremendo os Polos ambos de assombrados.
Alli amor mostrandose possante
E que por nenhum modo não fugia,
Mas quanto mais trabalho mais constante,
Vendo a morte diante, em mĩ dezia,
Se algũa ora senhora vos lembrasse
Nada do que passei me lembraria.
Emfim nunca ouue cousa que mudasse
O firme amor do intrinsico daquelle
Em cujo peito hũa vez de siso entrasse.
Hũa cousa senhor por certo asselle,
Que nunqua amor se affina, nem se appura
Em quanto estâ presente a causa delle.
Dest'arte me chegou minha ventura
Á esta desejada & longa terra,
De todo o pobre honrado sepultura.
Vi quanta vaidade em nos s'encerra,

E dos

E dos propios quam pouca, contra quem
Foi logo neceſſario termos guerra.
Que hũa ilha que o Rei de Porcà tem
Que o Rei da Pimenta lhe tomára,
Fomos tomarlha, & ſucedeonos bem.
Com hũa armada groſſa, que ajuntàra
O Viſorei de Goa, nos partimos
Com toda a gente darmas que ſe achâra,
E com pouco trabalho deſtruimos
A gente no curuo arco exercitada.
Com mortes cõ incendios os punimos.
Era a ilha com agoas alagada,
De modo que ſe andaua em almadias,
Emfim outra Veneza trasladada,
Nella nos detiuemos sòs dous dias,
— Que forão para algũs os derradeiros,
Que paſſârão de Styge as agoas frias.
Que eſtes ſaõ os remedios verdadeiros
Que pera a vida eſtão apparelhados
Aos que a querem ter por caualleiros.
Ô lauradores bemauenturados,
Se conheceſſem ſeu contentamento,
Como viuem no campo ſoſſegados.
Dalhes a juſta terra o mantimento,
Dalhes a fonte clara a agoa pura,

Mungem ſuas ouelhas cento a cento.
Não vem o mar irado, a noite eſcura,
Por ir buſcar a pedra do Oriente,
Não temem o furor da guerra dura.
Viue hum com ſuas aruores contente,
Sem lhe quebrar o ſono ſoſſegado
O cudado do ouro reluzente.
Se lhe falta o veſtido perfumado,
E da fermoſa cor Aſſyria tinto,
E dos torçaes Attalicos laurado:
Se não tem as dilicias de Corintho,
E ſe de Pario os marmores lhe faltão
O Piropo, a Eſmeralda, & o Iacintho,
Se ſuas caſas d'curo não ſe eſmaltão,
Eſmaltaſelhe o campo de mil flores,
Onde os cabritos ſeus comendo ſaltão.
Alli amoſtra o campo varias cores,
Vem ſe os ramos pender co frutto ameno,
Alli ſe affina o canto dos paſtores.
Alli cantara Tityro, & Sileno,
Emfim por eſtas partes caminhou
A ſaã juſtiça pera o cèo ſereno.
Ditoſo ſeja aquelle que alcançou
Poder viuer na doce companhia
Das manſas ouelhinhas que criou.

Este bem facilmente alcançaria
As causas naturais de toda a cousa,
Como se gera a chuua & neue fria.
Os trabalhos do sol que não reposa,
E porque nos dà a lũa a luz alhea,
Se tolhernos de Phebo os rayos ousa.
E como tão de pressa o cèo rodea,
E como hum sò os outros traz consigo,
Ese he benigna ou dura Scytharea.
Bem mal pode entender isto que digo,
Quẽ ha de andar seguindo o fero Marte
Que traz os olhos sempre em seu perigo.
Porem seja senhor de qualquer arte,
Que posto que a fortuna possa tanto,
Que tão lõge de todo o bem me aparte,
Não poderâ apartar meu duro canto
Desta obrigação sua, em quãto a morte
Me não entrega ao duro Rhadamanto,
Se pera tristes ha tão leda sorte.

Elegia segunda.

A DOM ANTONIO DE NO-ronha eſtando na India.

AQuella que de amor deſcomedido
Pello fermoſo moço ſe perdeo,
Que sò por ſi de amores foi perdido.
Deſpois que a Deoſa em pedra a conuerteo,
De ſeu humano geſto verdadeiro,
A vltima voz ſò lhe concedeo.
Aſsi meu mal do proprio ſer primeiro
Outra couſa nenhũa me conſente,
Que eſte canto que eſcreuo derradeiro.
E ſe algũa pouca vida eſtando auſente
Me deixa amor, he porque o penſamento
Sinta a perda do bem d'eſtar preſente.
Senhor vos eſpanta o ſentimento
Que tenho em tanto mal para eſcreuelo,
Furto eſte breue tempo a meu tormento.
Porque quem tem poder para ſoffrello
Sem ſe acabar a vida co cuidado,
Tambem terá poder pera dizello.
Nem eu eſcreuo mal tão coſtumado,
Mas n'alma minha triſte, & ſaudoſa
A ſaudade eſcreue, & eu traslado.
Ando gaſtando a vida trabalhoſa,
Eſpalhando a continua ſaudade,
A o longo de hũa praya ſaudoſa.
Vejo do mar a inſtabilidade,
Como com ſeu ruido impetuoſo,

Retumba

Retumba na mayor concauidade.
E com ſua branca eſcuma furioſo,
Na terra a ſeu peſar lhe eſtá tomando
Lugar onde ſe eſtenda cauernoſo.
E lla como mais fraca lhe eſtá dando
As concauas entrenhas onde eſteja
Suas ſalgadas ondas eſpalhando.
A todas eſtas couſas tenho inueja
Tamanha, que não ſei determinarme,
Por mais determinado que me veja.
Se quero em tanto mal deſeſperarme,
Não poſſo, porque amor & ſaudade,
Nem licença me dão para matarme.
Aas vezes cuido em mĩ ſe a nouidade
E eſtranheza das couſas coa mudança,
Se poderão mudar hũa vontade.
E com iſto afiguro na lembrança
A noua terra, o nouo tratto humano,
A eſtrangeira gente, & eſtranha vſança.
Subome ao monte que Hercules Thebano
Do altiſsimo Calpe diuidio,
Dando caminho ao mar Mediterrano.
Dalli eſtou tenteando aonde vio
O pomar das Heſperidas, mattando
A ſerpe que a ſeu paſſo reſiſtio.
Em outra parte eſtou aſigurando
O poderoſo Antheo, que derrubado
Mais força ſe lhe eſtáua accreſcentando.
Mas do Herculeo braço ſojugado
No ar deixou a vida, não podendo
Da madre terra ja ſer ajudado.

Nem

Nem com isto em fim que estou dizendo,
Nem com as armas tão continuadas,
De lembranças passadas me defendo.
Todas as cousas vejo remudadas,
Porque o tempo ligeiro não consente
Que estejão de firmeza acompanhadas.
Vi ja que a Primauera de contente
De mil cores alegres reuestia
O monte, o rio, o campo alegremente.
Vi ja das altas aues a armonia,
Que ate aos montes duros conuidaua
A hum modo suaue de alegria.
Vi ja que tudo emfim me contentaua,
E que de muito cheo de firmeza
Hum mal por mil prazeres não trocaua.
Tal me tem a mudança & estranheza,
Que se vou pellos campos, a verdura
Paresce que se secca de tristeza.
Mas isto he ja costume da ventura,
Que os olhos que viram descontentes,
Descontente o prazer lhe afigura.
Ô graues & insuffriueis accidentes
De fortuna & d'amor, que penitencia
Tão graue dais aos peitos innocentes.
Não basta exprimentarme a paciencia,
Com temores, & falsas esperanças,
Sem que tambem m'attẽte o mal d'ausencia?
Trazeis hum brando animo em mudanças,
Para que nunca possa ser mudado,
De lagrimas, [illegible]piros, & lembranças.

E ſe eſtiuer ao mal acoſtumado,
Tambem no mal não conſentis firmeza,
Para que nunqua viua deſcanſado.
Viuia eu ſoſſegado na triſteza,
E alli não me faltaua hum brando engano,
Que tiraſſe os deſejos da fraqueza.
E vendome enganado eſtar vfano,
Deu á roda fortuna,& deu comigo
Onde de nouo choro o nouo danno.
Ia deue de baſtar o que aqui digo,
Para dar a entender o mais que callo,
A quem ja vio tão aſpero perigo.
E ſe nos brauos peitos faz aballo
Hum peito magoado,& deſcontente,
Que obriga a quem o ouue a conſolallo;
Não quero mais ſenão que largamente
Senhor me mandeis nouas deſſa terra,
Ao menos poderei viuer contente.
Porque ſe o duro fado me deſterra,
Tanto tempo do bem,que o fraco eſprito
Deſampare a priſaõ onde ſe encerra;
Ao ſom das negras agoas de Cocito
Ao pê dos carregados aruoredos
Cantarei o que n'alma tenho eſcritto.
E por entre eſſes horridos penedos,
A quem negou natura o claro dia,
Entre tormentos aſperos & medos.
Com a tremula voz, canſada, & fria,
Celebrarei o geſto claro & puro,
Que nunqua perderei da fantaſia.
E o muſico de Thracia ja ſeguro

De perder ſua Eurydice tangedo,
Me ajudara ferindo o ar eſcuro.
As namoradas ſombras reuoluendo
Memorias do paſſado me ouuirão,
E com ſeu choro o rio irá creſcendo.
Em Salmoneo as penas faltarão,
E das filhas de Bello juntamente
De lagrimas os vaſos ſe enherão.
Que ſe o amor não ſe perde em vida auſente,
Menos ſe perderá por morte eſcura;
Porque em fim a alma viue eternamente,
E amor he affeito d'alma, & ſempre dura.

Elegia ſegunda.

O Sulmonenſe Ouidio deſterrado
Na aſpereza do Ponthо, imaginando
Verſe de ſeus parentes apartado:
Sua chara molher deſamparando,
Seus doces filhos, ſeu contentamento,
De ſua patria os olhos apartando:
Não podendo encubrir o ſentimento,
Aos montes, & às agoas ſe queixaua
De ſeu eſcuro & triſte naſcimento.
O curſo das eſtrellas contemplaua,
E como por ſua ordem diſcurria

O céo, o ar, & a terra adonde estaua.
O speixes pello mar nadando via,
As feras pello monte, procedendo
Como seu natural lhes permittia.
De suas fontes via estar nascendo
Os saudosos rios de cristal,
A sua natureza obedescendo.
Assi sò, de seu proprio natural,
Apartado se via em terra estranha,
A cuja triste dor não acha igual.
Sò sua doce Musa o acompanha,
Nos versos saudosos que escreuia,
E lagrimas com que alli o campo banha.
Dest'arte me afigura a fantasia
A vida com que viuo desterrado,
No bem que noutro tempo possuîa.
Alli contemplo o gosto ja passado,
Que nunqua passarâ polla memoria,
De quem o tem na mente debuxado.
Alli vejo a caduca & debil gloria,
Desenganar meu erro, coa mudança
Que faz a fragil vida transitoria:
Alli me representa esta lembrança
Quam pouca culpa tenho, & me entristesce,
Ver sem razão a pena que me alcança.

Que a pena que com causa se padesce
A causa tira o sentimento della,
Mas muito doe a que se não mereſce.
Quando a roxa manhã, fermoſa, & bella
Abre as portas ao ſol, & cae o orualho,
E torna a ſeus queixumes Philomela.
Eſte cudado que co ſono atalho
Em ſonhos me pareſce, que o que a gente
Para deſcanſo tem, me dà trabalho.
E depois de acordado cegamente
(Ou por melhor dizer deſacordado,
Que pouco acordo tem hum deſcontente)
Dalli me vou com paſſo carregado,
A hum outeiro erguido, & alli me aſſento,
Soltando a redea toda a meu cudado.
Depois de farto ja de meu tormento,
Dalli eſtendo os olhos ſaudoſos
Aa parte aonde tenho o penſamento.
Não vejo ſe não montes pedregoſos.
E os campos ſem graça, & ſeccos vejo,
Que ja floridos vira, & gracioſos.
Vejo o puro, ſuaue, & brando Tejo,
Com as concauas barcas, que nadando
Vão pondo em doce effeito ſeu deſejo.
Hũas co brando vento nauegando,

Outras cos leues remos brandamente
As criſtallinas agoas apartando.
Dalli fallo coa agoa que não ſente,
Com cujo ſentimento a alma ſai
Em lagrimas desfeita claramente.
O fugitiuas ondas eſperai,
Que pois me não leuais em companhia,
Aomenos eſtas lagrimas leuai.
Ate que venha aquelle alegre dia,
Que eu va onde vos bis contente & ledo,
Mas tanto tempo quem o paſſaria?
Não pòde tanto bem chegar tão cedo,
Porque primeiro a vida acabarà,
Que ſe acabe tão aſpero degredo.
Mas eſta triſte morte que virà,
Se em tão contrario eſtado me acabaſſe,
A alma impaciente adonde irá?
Que ſe âs portas Tartareas chegaſſe
Temo que tanto mal polla memoria
Nem ao paſſar de Lethe lhe paſſaſſe.
Que ſe a Tantalo & Tycio for notoria
A pena com que vay que a atormenta,
A pena que lâ tem terão por gloria.
Eſta imaginação me accreſcenta
Mil magoas no ſentido, porque a vida

De imaginações triſtes ſe ſuſtenta.
Que pois de todo viue conſumida,
Porque o mal que poſſue ſe reſumma
Imagina na gloria poſsuîda.
Atte que a noite eterna me conſuma,
Ou veja aquelle dia deſejado,
Em que fortuna faça o que coſtuma,
Se nella habi mudar hum triſte eſtado.

CAPITVLO.

AQuelle mouer d'olhos excellente,
Aquelle viuo ſpiritu inflãmado
Do criſtallino roſto tranſparente,
Aquelle geſto immoto & repouſado,
Qu'eſtando n'alma propriamente eſcritto,
Não pôde ſer em verſo trasladado,
Aquelle parecer que he infinito
Pera ſe comprender de engenho humano,
O qual offendo em quanto tenho dito;
Me inflamma o coração d'hum doce engano,
M'enleua,& engrandeſce a fantaſia,
Que não vi mayor gloria que meu danno.
ô bemauentnrado ſeja o dia
Em que tomei tão doce penſãmento,
Que de todos os outros me deſuia.

E bemauenturado o soffrimento
Que soube ser capaz de tanta pena,
Vendo que o foi da causa o entendimento.
Façame quem me mata, o mal que ordena,
Tratteme com enganos, desamores,
Que então me salua, quando me condena.
E se de tão suaues disfauores
Penando viue hũa alma consumida,
ò que doce penar, que doces dores!
E se hũa condição endurescida
Tambem me nega a morte por meu danno,
ò que doce morrer, que doce vida!
E se me mostra hum gesto brando & humano,
Como que de meu mal culpada se acha,
ò que doce mintir, que doce engano!
E se em querer lhe tanto ponho tacha,
Mostrando refrear o pensamento,
ò que doce fingir, que doce cacha!
Assi que ponho ja no soffrimento
A parte principal de minha gloria,
Tomando por melhor todo o tormento.
Se sinto tanto bem sò na memoria
De vos ver, linda dama, vencedora,
Que quero eu mais que ser vossa a vittoria?
Se tanto vossa vista mais namora,
Quanto eu sou menos para merescer uos,
Que quero eu mais, que teruos por senhora?
Se procede este bem de conheceruos,
E consiste o vencer em ser vencido,
Que quero eu mais senhora, que querervos?
Se em meu proueito faz qualquer partido,

Sô na vista d'hũs olhos taõ serenos,
Que quero eu mais ganhar, que ser perdido?
Se meus baixos spritos de piquenos
Ainda não merescem seu tormento,
Que quero eu mais q̃ o mais não seja menos?
A causa emfim m'esforça o soffrimento,
Porque a pesar do mal que me resiste
De todos os trabalhos me contento,
Que â razão faz a pena alegre ou triste.

A dom Antonio de Noronha, sobre o Desconcerto do mundo.

Q Vem pôde ser no mundo tão quieto?
Ou quem terá tão liure o pensamento?
Quem taõ exprimentado, & taõ discreto,
Taõ fora emfim de humano entendimento?
Que ou com publico effeito, ou com secreto,
Lhe não reuolua & espante o sentimento,
Deixandolhe o juyzo quasi incerto,
Ver, & notar do mundo o desconcerto?

Quem ha que veja aquelle que viuia
De latrocinios, mortes, & adulterios,
Que ao juyzo das gentes merescia
Perpetua pena, immensos vituperios,
Se a fortuna em contrario o leua & guia,
Mostrando em fim que tudo saõ mysterios,
Em alteza d'estado triumphante,
Que por liure que seja não se espante?

Quem

Quem ha que veja aquelle que tão clara
Teue a vida, que em tudo por perfeito
O proprio Momo âs gentes o julgara,
Ainda que lhe vira aberto o peito,
Se a má fortuna ao bem sòmente auara,
O reprime, & lhe nega seu direito,
Que lhe não fique o peito congelado
Por mais & mais que seja exprimentado?

Democrito dos Deoses preferia
Que eraõ sòs dous, a pena & beneficio,
Segredo algum será da fantasia,
De que eu achar não posso claro indicio,
Que se ambos vem por não cudada via,
A quem os naõ merece, he grande vicio,
Em Deoses sem justiça & sem razaõ
Mas Democrito o disse, & Paulo não.

Dirm'eis que se este estranho desconcerto
Nouamente no mundo se mostrasse,
Que por liure que fosse, & mui experto,
Naõ era d'espantar se me espantasse,
Mas que seja de Socrates foi certo
Que nenhum grande caso lhe mudasse
O vulto, ou de prudente, ou de constante,
Que tome exemplo delle, & não m'espante.

Paresse

Pareſce a razão boa, mas eu digo
Que eſte vſo da fortuna tão dannado,
Que quanto mais vſado, & mais antigo
Tanto he mais eſtranhado, & blasphemado:
Pòrque ſe o cêo das gentes tão amigo
Não dâ à fortuna tempo limitado,
Não he para cauſar mui grande eſpanto,
Que mal tão mal olhado dure tanto.

Outro eſpanto mayor aqui me enlea,
Que com quanto fortuna tão profana
Com eſtes deſconcertos ſenhorea,
A nenhũa peſſoa deſengana,
Não ha ningem que aſſente, nem que crea
Eſte diſcurſo vão da vida humana,
Por mais que philoſophe, nem que entenda,
Que algum pouco do mundo não pretenda.

Diogenes piſaua de Platão
Com ſeus ſordidos pès o rico eſtrado,
Moſtrando outra mais alta preſunção,
Em deſprezar o fauſto tão prezado,
Diogenes não ves que eſtremos ſão
Eſſes que ſegues de mais alto eſtado,
Que ſe de deſprezar te prezas muito,
Ia pretendes do mundo fama & fruito.

Deixo agora Reis grandes, cujo estudo
He fartar esta sede cubiçosa,
De querer dominar, & mandar tudo
Com fama larga, & pompa sumptuosa,
Deixo aquelles que tomão por escudo
De seus vicios, & vida vergonhosa,
A nobreza de seus anteceſſores,
E naõ cudaõ de si que saõ peores.

Deixo aquelle a quem o sono esperta
Do gran fauor do Rei que serue & adora,
Que se mantem desta aura, falsa, incerta,
Que dos corações tanto he senhora.
Deixo aquelles que estaõ coa boca aberta
Por se encher de thesouros d'hora em hora,
Doentes desta falsa hydropesia,
Que quanto mais alcança, mais queria.

Deixo outras obras vãs do vulgo errado,
A quem não ha ninguem que contradiga,
Nem doutra couſa algũa he sojugado
Que de hũa opinião, & vsança antiga:
Mas pregunto ora a Cesar esforçado,
Ou a Platão diuino, que me diga
Este das muitas terras em que andou,
Estoutro de vencellas, que alcançou?

Cesar

Cesar dirâ, Sou dino de memoria,
Vencendo varios pouos esforçados,
Fui Monarchà do mundo, & larga hystoria
Ficarâ de meus feitos sublimados,
He verdade: mas esse mando & gloria
Lograsteo muito tempo? os conjurados
Bruto & Cassio o dirão que se venceste
Emfim emfim âs mãos dos teus morreste.

Dirà Platão por ver o Ethna & o Nilo
Fui a Cicilia, ao Egypto, & a outras partes,
Sò por ver & escreuer em alto estillo
Da natural sciencia em muitas artes,
O tempo he breue, & queres consumillo,
Platão, todo em trabalhos: & repartes
Tão mal de teu estudo as breues horas,
Quem emfim do falso Phebo o filho adoras.

Pois quando do mundo estâ apartada
A alma desta prisão terreste & escura,
Està em tamanhas cousas occupada,
Que da fama que fica nada cura,
Pois se o corpo terreno sinta nada
O Synico o dirá, se por ventura
No campo onde deitado morto estaua
De si os cães & as aues enxotaua.

Quem tão baixa tiuesse a fantasia
Que nunqua em mòres cousas a metesse,
Que em sô leuar seu gado á fonte fria,
E mungirlhe do leite que bebesse,
Quão bemauenturado que seria,
Que por mais que fortuna reuoluesse,
Nunqua em si sentiria mayor pena,
Que pesarlhe da vida ser pequena.

Veria erguer do sol a roxa face,
Veria correr sempre a clara fonte,
Sem imaginar a agoa donde nasce,
Nem quem a luz esconde no Orizonte,
Tangendo a frauta donde o gado pasce,
Conhesceria as heruas do alto monte,
Em Deos creria simples & quicto,
Sem mais especular nenhum secreto.

De hum certo Trasilao se lee & escreue
Entre as cousas da velha antiguidade,
Que perdido hum grã tempo o siso teue
Por causa d'hũa grande infirmidade,
E em quanto de si fora deulo estene
Tinha por teima, & cria por verdade
Que erão suas as naos que nauegauão,
Quantas no porto Pirèo anchorauão.

Por

Por hum senhor mui grande se teria
(Alem da vida alegre que passaua)
Pois nas que se perdião não perdia,
E das que vinhão saluas se alegraua,
Não tardou muito tempo, quando hum dia
Huncrito seu irmão, que ausente estaua,
Aa terra chega, & vendo o irmão perdido,
Do fraternal amor foi cõmouido.

Aos medicos o entrega, & com auiso
O faz estar â cura refusada,
Triste, que por tornarlhe o charo siso,
Lhe tira a doce vida descansada,
As heruas Appollinias de improuiso
O tornão à saude atras passada,
Sesudo Trasilao, ao charo irmão
Agradesce a vontade, a obra não.

Porque depois de verse no perigo
Dos trabalhos que o siso lhe obrigaua,
E depois de não ver o estado antigo
Que a vã apinião lhe apresentaua,
Ô imigo irmão com cor d'amigo,
Para que me tiraste (suspiraua)
Da mais quieta vida, & liure em tudo,
Que nunqua pode ter nenhum sesudo.

Porque Rei, porque duque me trocàra?
Porque ſenhor de grande fortaleza?
Que me daua que o mundo ſe acabâra?
Ou que a ordem mudaſſe a natureza?
Agora heme peſada a vida chara.
Sei que couſa he trabalho, & que triſteza,
Torname a meu eſtado, que eu te auiſo
Que na doudice sò conſiſte o ſiſo.

Vedes aqui ſenhor, mui claramente
Como fortuna em todos tem poder,
Senão sò no que menos ſabe & ſente
Em quem nenhum deſejo pòde auer,
Eſte ſe pode rir da cega gente,
Neſte não pòde nada aconteſcer,
Nem eſtarâ ſuſpenſo na balança
Do temor mao da perfida eſperança.

Mas ſe o ſereno cêo me concedera
Qualquer quieto, humilde, & doce eſtado,
Onde com minhas Muſas sò viuera,
Sem verme em terra alhea degradado,
E alli outrem ninguem me conheſcera
Nem eu conheſcera outro mais honrado,
Senão a vos tambem, como eu, contente,
Que bem ſei que o ſerieis facilmente.

E ao longo d'hũa clara & pura fonte,
Que em burbulhas nascendo conuidasse
Ao doce passarinho que nos conte
Quem da clara consorte o apartasse:
Depois cubrindo a neue o verde monte
Ao gasalhado o frio nos leuasse,
Auiuando o juyzo ao doce estudo,
Mais certo manjar d'alma emfim que tudo.

Cantàranos aquelle que tão claro
O fez o fogo da aruore Phebea,
A qual elle em estillo grande & raro,
Louuando, o cristallino rio enfrea,
Tangeranos na frauta Sannazaro,
Hora nos montes, hora pella aldea,
Passara celebrando o Tejo vfano
O brando & doce Lasso Castelhano.

E commosco tambem se achará aquella
Cuja lembrança, & cujo claro gesto
N'alma somente vejo: porque nella
Está em essencia, puro & manifesto,
Por alta influição de minha estrella,
Mitigando o firme peito honesto,
Entretescendo rosas nos cabellos
De que tomasse a luz o sol em vellos.

E alli em quanto as flores acolhesse,
Ou pello inuerno ao fogo accommodado,
Quanto de mi sentira nos dissesse
De puro amor o peito salteado,
Não pedira então que amor me desse
De Trasilao o insano & doudo estado,
Mas que então me dobrasse o entendimento,
Por ter de tanto bem conhecimento.

Mas para onde me leua a fantasia,
Porque imagino em bemauenturanças
Se tão longe a fortuna me desuia,
Qu'inda me não consente as esperanças?
Se hum nouo pensamento amor me cria,
Onde o lugar, o tempo, as esquiuanças
Do bem me fazem tão desamparado,
Que não pode ser mais que imaginado.

Fortuna em fim co Amor se conjurou
Contra mi, porque mais me magoasse,
Amor a hum vão desejo me obrigou,
Só para que a fortuna mo negasse,
A este estado o tempo me achegou,
E nelle quis que a vida se acabasse,
Se ha em mi acabarse, qu'eu não creo,
Que atte da muita vida me receo.

OITAVA RHIMA,

A dom Conſtantino, Viſorei na India.

COmo nos voſſos ombros tão conſtantes
(Principe illuſtre & raro) ſuſtenteis
Tantos negocios arduos & importantes,
Dignos do largo Imperio que regeis,
Como ſempre nas armas rutilantes
Veſtido, o mar & a terra ſegureis
Do pirata inſolente, & do tyranno,
Iugo do potentiſſimo Ottomano.

E como com virtude neceſſaria,
Mal entendida do juyzo alheo,
Aa deſordem do vulgo temeraria
Na ſanta paz ponhaes o duro freo,
Se com minha eſcrittura longa & varia
Vos occupaſſe o tempo, certo creo
Que com ridiculoſa fantaſia
Contra o commum proueito peccaria.

E não menos seria reputado
Por doce adulador, sagaz & agudo,
Que contra meu tão baixo & triste estado
Busco fauor em vos, que podeis tudo,
Se contra a opinião do vulgo errado
Vos celebrasse em verso humilde & rudo:
Dirão que com lisonja ajuda peço
Contra a miseria injusta que padesço.

Porem porque a virtude pode tanto
No liure arbitrio (como disse bem
A Dario Rei, o moço sabio & santo,
Que foi reedificar Hierusalem)
Esta me obriga que em humilde canto
Contra a tenção que a plebe ignara tem,
Vos faço claro o que vos não alcança,
E não de premio algum vil d'esperança.

Romulo, Bacco, & outros, que alcançârão
Nomes de Semideoses soberanos,
Em quanto pello mundo exercitárão
Altos feitos, & quasi mais que humanos
Com justissima causa se queixârão
Que não lhe responderão os mundanos
Fauores, do rumor justos & iguoaes,
A seus merescimentos immortaes.

Aquelle que nos braços poderosos
Tirou a vida ao Tingitano Antheo,
A quem os seus trabalhos tão famosos
Fizerão cidadão do alto cêo,
Achou que a má tençaõ dos enuejosos
Naõ se doma senaõ despois que o vêo
Se rompe corporal, porque na vida,
Ninguem alcança a gloria merescida.

Pois logo se varões tão excellentes
Foraõ do baixo vulgo molestados,
O vituperio vil das rudes gentes
Em louuor dos Reais & sublimados,
Quem no lume dos vossos ascedentes,
Poderâ por os olhos, que abalados
Lhe não fiquem da luz vendo os mayores
Vossos passados Reis & emperadores.

Quem verâ aquelle pay da patria sua
Açoute do soberbo Castelhano,
Que o duro jugo sò coa espada nua
Remoueo do pescoço Lusitano,
Que não diga ô gran Nuno a eterna tua
Memoria causarà, se não m'engano,
Que qualquer teu menor tanto se estime,
Que nunqua possas ser senaõ sublime.

Nisto

Nisto não fallo mais, porque conheço
Que da materia se me abaixa o engenho,
Mas pois que a dizer tudo me offereço,
Que dias ha que no desejo o tenho,
Sendo vos de tão alto & illustre preço
A vida fostes pòr n'hum fraco lenho,
Por largo mar, & vndosa tempestade,
Sò por seruir a Regia Magestade.

E despois de tomar a redea dura
Nũ mão, do pouo indomito que estaua
Costumado à largueza, & á soltura
Do pesado gouerno que acabaua,
Quem não terâ por santa & justa cura
Qual de vosso conceito se esperaua,
A tão desenfreada infirmidade
Applicarlhe contraria qualidade?

Não he muito senhor, se o moderado
Gouerno se blasphema, & se desama,
Porque o pouo a larguezas costumado
A a lei serena & justa dura chama,
Pois o zello em virtude sò fundado
De saluar almas da Tartarea flamma
Cea agoa salutifera de Christo,
Poderâ por ventura ser mal quisto?

Quem quiſeſſe negar tão gran verdade
Qual he o ſeu effeito ſanto & pio,
Negue tambem ao ſol a claridade,
E certifique mais que o fogo he frio:
Que o ſucceſſo he contrario da vontade,
As obras que ſaõ boas, & o deſuio:
Eſtâ nas mãos dos homẽs comettellas,
E nas de Deos eſtà o ſucceſſo dellas.

Sey eu, & ſabem todos os futuros
Veraõ por vos o eſtado accreſcentado,
Seraõ memoria voſſa os fortes muros
Do Cambaico Dâmão bem ſuſtentado:
Da ruina mortal ſerão ſeguros,
Tendo todo o alicerſe ſeu fundado
Sobre orfãs emparadas com maridos,
E pagos os ſeruiços bem deuidos.

Camanha infamia aa Principe he perderſe
Ponto do eſtado ſeu, que inteiro herdou,
Por tão celebre gloria pòde terſe
Se accreſcentado & proſpero o deixou,
Nunqua conſintio Roma ennobrecerſe
Com triumpho ninguem, ſe não ganhou
Prouincia que o Imperio accreſcentaſſe,
Por mayores victorias que alcançaſſe.

Pòde tomar o voſſo nome dino
Damão por honra ſua clara & pura,
Como ja do primeiro Conſtantino
Tomou Bizancio aquelle que inda dura,
E tu Rei que no Reino Neptunino
La no ſeo Gangetico a natura
Te apoſentou, de ſeres enemigo
Deſte eſtado, não ficas ſem caſtigo.

Bem viſte contra ti nadantes naues,
Cortar a eſpumoſa agoa nauegando,
Ouuiſte o ſom das tubas não ſuaues,
Mas com temor horrifero ſoando,
Sentiſte os golpes aſperos & graues
Do braço Luſitano nunqua brando,
Não ſoffreſte o grã brado penetrante
Que os troũes imita do Tonante.

Mas antes dando as coſtas & a vittoria
Aa Bargances ventura, não corrido,
Dèſte bem a entender camanha gloria
He de tal vencedor ſeres vencido,
Quem fez obras tão dignas de memoria
Sempre ſerà famoſo & conheſcido,
Onde os juyzos altos ſe eſtimarem,
Que eſtes sòs tem poder de fama darem.

Não vos temais Senhor do pouo ignaro
E ingrato a quem tanto fez por elle,
Mas sabei, que he final de serdes claro,
Serdes agora tão mal quisto delle:
Themistocles da patria sua emparo,
O forte liberal Cimon, & aquelle
Que leis ao pouo deu de Esparta antigo,
Testemunhas serão disto que digo.

Pois ao justo Aristides hum robusto
Votando no Ostracismo costumado,
Lhe disse claro assi porque era justo,
Desejaua que fosse desterrado,
Pachitas por fugir do pouo injusto,
Calũnioso, dando no Senado
Conta de Lesbos, que elle ja mandára,
Se tirou com sua espada a vida chara.

Demosthenes deitado das tormentas,
Populares, a Pallas foi dizendo
De que tres monstros grandes te contentas,
Do Drago, Emocho, & do vil pouo horrendo?
Que glorias immortaes ouue, que isentas,
Do veneno vulgar fossem? & vendo
Pois mil exemplos deixo de Romanos,
E vos tambem sois hum dos Lusitanos.

OITAVA RHIMA,

Sobre a ſetta que o ſanto Padre mandou a elRey dom Sebaſtião, no anno do Senhor de 1575.

MVi alto Rey, a quem os céos em ſorte
Derão o nome Auguſto, & ſublimado,
Daquelle caualleiro que na morte
Por Chriſto foi de ſettas mil paſſado,
Pois delle o fiel peito, caſto, & forte
Co nome Imperial tendes tomado,
Tomai tambem a ſetta veneranda,
Que a vos o ſucceſſor de Pedro manda.

Ia por ſorte do céo, que o conſentio,
Tendes o braço ſeu, reliquia chara,
Defenſor contra o gladio que ferio
O pouo que Dauid contar mandara.
No qual, pois tudo em vos ſe permittio,
Preſagio temos, & eſperança clara
Que ſereis braço forte & ſoberano,
Contra o ſoberbo gladio Mauritano.

E o que este presagio agora encerra,
Nos faz ter por mais certo & verdadeiro
A setta que vos dá quem he na terra
Das reliquias celestes dispenseiro,
Que as vossas settas saãs na justa guerra
Agudas entrarão por derradeiro,
Caindo a vossos pès pouo sem lei
Nos peitos que inmigos saõ do Rei.

Quando vossas bandeiras despregaua
Albuquerque fortissimo com gloria,
Pollas prayas da Persia, & alcançaua
De nações tão remotas a vittoria,
As settas embebidas que tiraua
O arco Armusiano, he larga hystoria,
Que no ar, Deos querendo, se virauão.
Pregandose nos peitos que as tirauão.

O querido de Deos por quem peleja
O ar tambem, & o vento conjurado,
Ao atambor acode porque veja
Que quem a Deos ama, he de Deos amado,
Os contrarios reueis â madre Igreja
Atroarão co tom do cêo irado,
Que assi deu ja fauor mayor que humano,
A Iosue Hebreo, a Theodosio Hispano.

Pois

Pois se as settas tiradas da inimiga
Corda, contra si sò nociuas saõ,
Que faraõ Rei as vossas, que tem liga
Coa que ja tocou Sebastiaõ?
Tinta vem do seu sangue, com que obriga
A leuantar a Deos o coração,
Crendo que as que vos atirareis
No sangue Sarraceno as tingireis.

Ascanio (se trazer me he concedido
Entre santos exemplos hum profano)
Rei do largo imperio conhecido,
Romano, & sò reliquia do Troyano,
Vingou com setta & animo attreuido
As soberbas palauras de Numano,
E logo foi dalli remunerado,
Com louuores d'Appollo celebrado.

Assi vos Rei, que fostes segurança
De nossa liberdade, & que nos dais
De grandes bẽs certissima esperança,
Nos costumes & aspeito que mostrais
Concebemos segura confiança
Que Deos a quem seruis & venerais
Vos farâ vingador dos seus reueis,
E os premios vos darâ que mereceis.

Estes humildes versos, que pregão
São destes vossos Reinos com verdade,
Recebei com humilde & leda mão,
Pois he deuido a Reis benignidade,
Tenhão (se não merescem galardão)
Fauor sequer da Regia Magestade,
Assi tenhais de quem ja tendes tanto
Com o nome & reliquia fauor santo.

Fim da Terceira parte.

QVARTA PARTE, DAS ECGLOGAS.

¶ Aa morte de dom Antonio de Noronha, que morreo em Africa, & à morte de dom Ioão III. de Portugal, & de dona Ioana, mãi delRey dom Sebastião.

ECGLOGA PRIMEIRA.

Vmbrano, & Frondelio, pastores.

VMBRANO.

QVe grande variedade vão fazendo
Frondelio amigo, as oras apressadas,
Como se vão as cousas conuertendo,
Em outras cousas varias, & inspiradas:
Hum dia a outro dia vay trazendo,
Por suas mesmas horas ja ordenadas,
Mas quão conformes são na quantidade,
Tão differentes são na qualidade.

Eu vi ja deſte campo as varias flores
Aas eſtrellas do ceo fazendo inueja,
Vi andar adordanos os paſtores
De quanto pollo mundo ſe deſeja,
E vi co campo compentir nas cores
Os trajos de obra tanta, & tão ſobeja,
Que ſe a rica materia não faltaua,
A obra de mais rica ſobejaua.

E vi perder ſeu preço âs brancas roſas,
E quaſi eſcurecerſe o claro dia
Diante d'bũas moſtras perigoſas,
Que Venus mais que nunqua engrandeſcia.
Emfim vi as paſtoras tão fermoſas
Que o amor de ſi meſmo ſe temia:
Mas mais temia o penſamento falto
De não ſer para ter temor tão alto.

Agora tudo eſtà tão differente,
Que moue os coraçoẽs a grande eſpanto,
E pareſce que Iupiter potente
Se enfada ja d'o mundo durar tanto,
O Tejo corre turuo & deſcontente,
As aues deixão ſeu ſuaue canto,
E o gado em ver que a herua lhe falleſce
Mais que de a não comer nos emmagreſce.

Frõd. Vmbrano irmão, decreto he da natura
Inuiolauel, fixo, & sempiterno,
Que a todo o bem succeda desuentura,
E não aja prazer que seja eterno:
Ao claro dia segue a noite escura,
Ao verão suaue, o duro inuerno,
E se hahi quem sayba ter firmeza,
He sòmente esta lei de natureza.

Toda alegria grande & sumptuosa
A porta abrindo, vem ao triste estado;
Se hũa hora vejo alegre & deleitosa,
Temendo estou do mal aparelhado,
Não vès que mora a serpe venenosa
Entre as flores do fresco & verde prado?
Não te engane nenhum contentamento,
Que mais instauel he que o pensamento.

E praza a Deos que o triste & duro fado
De tamanhos desastres se contente,
Que sempre hum grande mal inopinado
He mais do que o espera a incauta gente:
Que vejo este carualho, que queimado
Tão grauemente foi do rayo ardente,
Não seja ora prodigio que declare
Que o Barbaro cultor meus campos are.

Vmb. Em quanto do ſeguro azambugeiro
Nos paſtores de Luſo ouuer cajados,
E o valor antigo que primeiro
Os fez no mundo taõ aſſinalados,
Naõ temas tu Frondelio companheiro,
Qu'em nenhum tempo ſejaõ ſojugados,
Nem que a ceruiz indomita obedeſça
A outro jugo algum que ſe offereça.

E poſto que a ſoberba ſe leuante
Do imigo, a torto & a direito,
Naõ creas tu que a força repugnante
Do fero, & nunca ja vencido peito
Que deſde quem poſſue o monte Athlante,
Atte onde bebe o Hidaſpe tem ſogeito,
O poſſa nunqua ſer de força alhea,
Em quanto o ſol a terra & o cèo rodea.

Frõ. Vmbrano, a temeraria ſegurança
Que em força, ou em razão naõ ſe aſſegura,
He falſa & vã, que a grande confiança
Naõ he ſempre ajudada da ventura,
Que la junto das aras da eſperança
Nemeſis moderada juſta & dura
Hum freo lh'eſtâ pondo, & lei terribel,
Que os limites não paſſe do poſſiuel.

E ſe attentas bem os grandes dannos
Que ſe nos vaõ moſtrando cada dia,
Porás freo tambem a eſſes enganos
Que te eſtâ afigurando a ouſadia,
Tu não ves como os lobos Tingitanos
Apartados de toda a couardia,
Matão os cães dos gados guardadores,
E não sòmente os cães, mas os paſtores?

E o grande curral ſeguro & forte
Do alto monte Athlas, não ouuiſte,
Que com ſanguinolenta & fera morte
Deſpouoado foi por caſo triſte?
Ô caſo deſaſtrado, Ô dura ſorte,
Contra quem força humana naõ reſiſte,
Que alli tambem da vida foi priuado
Tionio meu, ainda em flor cortado.

Vmbrano.

De lagrimas me banha todo o peito
Deſſe caſo terribel a memoria,
Quando vejo quam ſabio, & quão perfeito,
E quam merecedor de longa hyſtoria
Era eſſe teu páſtor, que ſem direito
Deu às Parcas a vida tranſitoria:
Mas não kabi quem d'erua o gado farte,
Nem do juuenil ſangue o fero Marte.

Porem, se te não for muito pesado,
(Ia que a triste morte me lembraste)
Cantares desse caso desastrado
Aquelles brandos versos que cantaste
Quando ontem recolhendo o manso gado
De nossoutros pastores te apartaste:
Qu'eu tambem, que as ouelhas recolhia
Não te podia ouuir como queria.

Frondelio.

Como ques que venoue ao pensamento
Tamanho mal, tamanha desuentura?
Porque espalhar sospiros vãos ao vento,
Pera os que tristes são he falsa cura,
Mas pois tambem te mòue o sentimento
Da morte de Tionio triste & escura,
Eu porei teu desejo em doce effeito,
Se a dor não m'impedir a voz no peito.

Vmbrano.

Canta agora pastor, que o gado pasce
Antre as humidas heruas sossegado,
E lâ nas altas serras, onde nasce
O sacro Tejo, a sombra recostado,
Com seus olhos no chão, a mão na face,
Estâ pera te ouuir aparelhado,
E em silencio triste estão as Nymphas,
Dos olhos estillando claras lymphas.

O prado, as flores brancas & vermelhas,
Está suauemente apresentando,
As doces & sollicitas abelhas
Com hum brando susurro vão voando,
As mansas & pacificas ouelhas,
Do comer esquecidas, inclinando
As cabeças estão ao som diuino
Que faz passando o Tejo crystallino.

O vento dantre as aruores respira,
Fazendo companhia ao claro rio,
Nas sombras a aue garrula sospira
Suas magoas espalhando ao vento frio,
Toca Frondelio toca a doce lyra,
Que daquelle verde alamo sombrio
A branda Philomela entristescida
Ao saudoso canto te conuida.

Canta Frondelio.

Aquelle dia as agoas não gostarão
As mimosas ouelhas, & os cordeiros
O campo encherão de amorosos gritos,
Não se pendurarão dos sargueiros
As cabras de tristeza, mas negarão

O pasto a si, & o leite aos cabritos,
Prodigios infinitos
Mostraua aquelle dia,
Quando a Parca queria
Principio dar ao fero caso triste:
E tu tambem (ò coruo) o descubriste
Quando da mão direita em voz escura
Voando, repetiste
A tyrannica lei da morte dura.

Tionio meu, o Tejo crystallino,
E as aruores que tu ja desamparaste,
Chorão o mal de tua ausencia eterna,
Não sei porque tão cedo nos deixaste?
Mas foi consentimento do destino,
Por quem o mar & a terra se gouerna,
E a noite sempiterna,
Que tu tão cedo viste,
Cruel, acerba, & triste,
Sequer de tua idade não te dera
Que lograras a fresca primauera?
Não vsara comnosco tal crueza,
Que nem nos montes fera,
Nem pastor ha no campo sem tristeza.

Os Faunos certa guarda dos pastores
Ia não seguem as Nymphas na espessura,
Nem as Nymphas aos ceruos dão trabalho
Tudo como vês, he cheo de tristura,
Aas abelhas o campo nega as flores
E âs flores a Aurora nega o orualho,
Eu, que cantando espalho
Tristezas todo o dia,
A frauta que sobia
Mouer as altas aruores tangendo,
Se me vay de tristeza enrouquescendo,
Que tudo vejo triste neste monte,
E tu tambem correndo
Manas enuolta & triste (ò clara fonte.)

As Tagides no rio, & na espessura
No monte, as Oreadas, conhescendo
Quem te obrigou ao duro & fero Marte,
Como geral sentença vão dizendo
Que não pòde no mundo auer tristeza
Em cuja causa amor não tenha parte,
Porque assi desta arte
Nos olhos saudosos,
Nos passos vagarosos,
No rosto, que o amor & a fantasia

Da pallida viola lhe tingia,
A todos de si daua final certo
Do fogo que trazia
Que nunqua soube Amor ser incuberto.

Ia diante dos olhos lhe voauão
Imagẽs, & fantasticas pinturas,
E exercicios do falso pensamento;
E pellas solitarias espessuras,
Entre os penedos sòs que naõ fallauão,
Falaua & descubria seu tormento.
N'hum longo esquecimento
De si todo embebido,
Andaua taõ perdido,
Que quando algum pastor lhe perguntaua
A causa da tristeza que mostraua,
Como quem para penas sô viuia,
Sorrindo lhe tornaua,
Se naõ viuesse triste morreria.

Mas como este tormento o assinalou,
E tanto no seu rosto se mostrasse,
Entendido mui bem do pay sesudo,
Porque do pensamento lho tirasse,
Longe da causa delle o apartou,

Porque emfim longa auſencia acaba tudo:
Mas ò falſo Marte rudo,
Das vidas cubiçoſo,
Que aonde o generoſo
Peito reſuſcitaua em tanta gloria
De ſeus anteceſſores a memoria,
Alli fero & cruel lhe deſtruiſte
Por injuſta vittoria
Primeiro que o cudado a vida triſte.

Pareſceme Tionio que te vejo
Por tingires a lança cobiçoſo,
Naquelle infido ſangue Mauritano
No Hiſpano ginete bellicoſo,
Que ardendo tambem vinha no deſejo
De derrubar por terra o Tingitano,
Ô confiado engano,
Ô incurtada vida,
Que a virtude opprimida
Da multidão forçoſa do inimigo,
Não pode defenderſe do perigo,
Porque aſsi o deſtino o permittio,
E aſsi leuou conſigo
O mais gentil paſtor que o Tejo vio.

Qual o mancebo Euryalo enredado
Entre o poder dos Rutulos, fartando
As iras da ſoberba & dura guerra,
Do criſtallino roſto a cor mudando,
Cujo purpureo ſangue derramado
Pellas aluas eſpaldas tinge a ſerra,
Que como flor que a terra
Lhe nega o mantimento,
Porque o tempo anarento
Tambem o largo humor lhe tem negado,
O collo inclina languido & canſado,
Tal te pinto Tionio dando o eſprito,
A quem to tinha dado,
Qu'eſte he ſomente eterno & infinito.

Da boca congelada a alma pura
Co nome juntamente da inimiga,
E excellente Marfida derramaua,
E tu gentil ſenhora não te obriga
A pranto ſempiterno, a morte dura,
De quem por ti ſomente a vida amaua,
Por ti aos Eccos daua
Accentos numeroſos,
Por ti aos bellicoſos
Exercicios ſe deu do fero Marte,

E tu ingrata, o amor ja noutra parte
Porâs, como acontesce ò fraco intento,
Que emfim emfim desta arte
Se muda o feminino pensamento,

Pastores deste valle ameno & frio,
Que de Tionio o caso desastrado
Quereis nas altas serras que se cante,
Hum tumulo de flores adornado,
Lhe edificai ao longo deste rio:
Que a vella enfree ao duro nauegante,
E o Lasso caminhante
Vendo tamanha magoa,
Arrase os olhos d'agoa,
Lendo na pedra dura o verso escritto,
Que diga assi: Memoria sou que grito
Para dar testemunho em toda parte
Do mais gentil esprito
Que tirárão do mundo Amor & Marte.

Vmbrano.

Qual o quieto sono aos cansados:
Debaixo d'algũa aruore sombria,
Ou qual aos sequiosos & encalmados,

O vento

O vento respirante, & a fonte fria,
Tais me forão teus versos delicados,
Teu numeroso canto & melodia:
E ainda agora o tom suaue & brando,
Os ouuidos me fica adormentando.

Em quanto os peixes humidos tiuerem,
As areosas couas deste rio,
E correndo estas agoas conhescerem
Do largo mar o antigo senhorio,
E em quanto estas heruinhas pasto derem
Aas petulantes cabras, eu te fio
Que em virtude dos versos que cantaste
Sempre viua o pastor que tanto amaste.

Mas ja que poueo a pouco o sol nos falta,
E dos montes as sombras se accrescentão,
De flores mil o claro cèo se esmalta,
Que tão ledas aos olhos se apresentão,
Leuemos pello pè desta serra alta
Os gados, que jagora se contentão
Do que comido tem, Frondelio amigo,
Anda, que atte o outeiro irei contigo.

Frõd. Antes por este valle, amigo Vmbrano
Se te aprouuer, leuemos as ouelhas,
Que se eu por acerto naõ m'engano
D'aqui me soa hum Ecco nas orelhas,
O doce accento não paresce humano,
E se tu neste caso me aconselhas,
Eu quero ver daqui que cousa seja,
Qu'o tom m'espanta, & a voz me faz inueja.

Vmb. Contigo vou, que quanto mais m'achego
Mais gentil me paresce a voz que ouuiste,
Peregrina, excellente, & não te nego
Que me faz cà no peito a alma triste,
Ves como tem os ventos em sossego?
Nenhum rumor da serra lhe resiste,
Nenhum passaro voa, mas paresce
Que do canto vencido lhe obedesce.

Porem irmão melhor me paresçia
Que nãa fossemos lâ, que estoruaremos:
Mas subidos nesta aruore sombria
Todo o valle d'aqui descubriremos,
Os çurrões & cajados toda via
Neste comprido tronco penduremos,
Para subir fica homem mais ligeiro,
Deixame tu Frondelio ir primeiro.

Esp era assi, dar'ei de pè se queres,
Subirás sem trabalho, & sem ruido,
E depois que subido la estiueres,
Darm'as a mão de cima, qu'he partido:
Mas primeiro me dize, se puderes
Ver, donde nasce o canto nunqua ouuido,
Quem lança o doce accento delicado
Falla, que ja te vejo estar pasmado.

Vmbrano.

Cousas não costumadas na espessura,
Que nunqua vi, Frondelio, vejo agora,
Fermosas Nymphas vejo na verdura,
Cujo diuino gesto o cèo namora.
Hũa de desusada fermosura,
Que das outras parece ser senhora,
Sobre hum triste sepulchro, não cessando
Está perlas dos olhos distillando.

De todas estas altas semideas,
Que em torno estão do corpo sepultado,
Hũa regando as humidas areas
De flores tem o tumulo adornado,
Outras queimando lagrimas Sabeas
Enchem o ar de cheiro sublimado,
Outras em ricos panos mais auante,
Enuoluem brandamẽte hum nouo infante.

Hũa que dantre as outras se apartou,
Com gritos que a montanha entristecerão,
Diz que depois que a morte a flor cortou,
Que as estrellas sòmente merecerão,
Que este pènhor charissimo ficou
Daquelle a cujo imperio obedecerão
Douro, Mondego, Tejo, & Guadiana,
Tè o remoto mar da Taprobana.

Diz mais, que se encontrar este minino
A noite intempestiua amanhecendo,
Que o Tejo agora claro & crystallino
Tornarâ a fera Alecto em vulto horrendo,
Mas se for conseruado do destino,
Que as estrellas benignas prometendo
Lhe estão o largo pasto da Ampelusa,
Co monte que em mao ponto vio Medusa.

Este prodigio grande a Nympha bella
Com abundantes lagrimas recita,
Mas qual a eclypsada clara estrella,
Que entre as outras o cèo primeiro habita,
Tal cuberta de negro vejo aquella
A quem sò n'alma toca a gran desdita,
Dà câ Frondelio a mão, & sobe a ver
Tudo o mais que eu de dor não sei dizer.

Frõ. ò triſte morte, eſquiua, & mal olhada,
Que à tanta fermoſura injurias,
De aquella Deoſa bella & delicada,
Sequer algum reſpeito ter deuias.
Esta he por certo Aonia filha amada
Daquelle gran paſtor, que em noſſos dias
Danubio enfrea, & manda o claro Ibero,
E eſpanta o morador do Euxino fero.

Morreolhe o excellente & poderoſo,
(Que a iſſo eſtâ ſogeita a vida humana)
Doce Tionio, d'Aonia charo eſpoſo,
Ah lei dos fados aſpera & tyranna,
Mas o ſom peregrino, & piadoſo
Com que a fermoſa Nympha a dor engana,
Eſcuta hum pouco, nota, & vê Vmbrano,
Quam bem que ſoa o verſo Caſtelhano.

Aonia.

Alma y primero amor del alma mia,
Spiritu dichoſo, en cuya vida
La mia eſtuuo en quanto Dios queria.
Sombra gentil, de ſu priſion ſalida,
Que del mundo a la patria te boluiſte
Donde fuiſte engendrada, y procedida.

Reſcibe

Reſcibe allà eſte ſacrificio triſte,
Que te offreſcen los ojos que te vieron,
Si la memoria dellos no perdiſte.
Que pues los altos cielos permittieron,
Que no te acompanhaſſe em tal jornada,
Y para ornarſe ſolo ati quiſieron,
Nunqua permittiran que acompañada
De mĩ no ſea eſta memoria tuya,
Que eſtà de tus deſpojos adornada.
Ni dexaran, por mas qu'el tiempo huya
D'eſtar en mĩ con ſempiterno llanto,
Haſta que vida y alma ſe deſtruya.
Mas tu gentil ſpiritu entretanto
Que otros campos y flores vas piſando,
Y otras çampoñas oyes, y otro canto,
Aora embeueſcido eſtès mirando
Allâ enel Empyreo aquella Idea
Qu'el mundo enfrena y rige cou ſu mando.
Aora te poſſuya Scytharea,
En ſu tercero aſsiento, o porque amaſte,
O porque nueua amante allà te ſea.
Aora el ſol te admire, ſi miraſte
Como va por los ſignos encendido,
Las tierras alumbrando que dexaſte.
Si en ver eſtos milagros no has perdido

La

La memoria de mi, o fue en tu mano
No passar por las agoas del oluido.
Buelue vn poco los ojos a este llano,
Verás vna que a ti con triste lloro
Sobre este marmol sordo llama en vano.
Pero si entraren en los signos de oro,
Lagrimas y gemidos amorosos,
Que mueuan el suppremo y santo choro,
La lumbre de tus ojos tan hermosos
Yo la vere mui presto, y podrê verte,
Que a pesar delos hados enojosos
Tambien para los tristes vuo muerte.

EGLOGA II.

Almeno, & Agrario, pastores.

AO longo do sereno
Tejo, suaue & brando,
Nhum valle d'altas aruores sombrio,
Estaua o triste Almeno
Suspiros spalhando
Ao vento, & doces lagrimas ao rio.
No derradeiro fio
O tinha a esperança,
Que com doces enganos
Lhe sustentâra a vida tantos annos
N'huã amorosa & branda confiança,
Que quem tanto queria
Parece que nã erra se confia,

A noite escura daua
Repouso aos cansados
Animais, esquecidos da verdura,
O valle triste estaua
C'hũs ramos carregados

Que a noite fazião mais escura:
Mostraua a espessura
Hum temeroso espanto,
As roucas rãs soauão
N'hum charco d'agoa negra, & ajudauão
Do passaro nocturno o triste canto.
O Tejo com som graue
Corria mais medonho que suaue,

Como toda a tristeza
No silencio consiste,
Parescia que o valle estaua mudo,
E com esta graueza
Estaua tudo triste.
Porem o triste Almeno mais que tudo:
Tomando por escudo
De sua doce pena
Para poder soffrella,
Estar imaginando a causa della,
Que em tanto mal, he cura bem piquena,
Mayor he o tormento,
Que toma por aliuio hum pensamento.

Ao rio se queixaua,
Com lagrimas em fio,

Com que crescião as ondas outro tanto,
Seu doce canto daua
Tristes agoas ao rio,
E o rio triste som ao doce canto.
Co cansado pranto,
Que as agoas refreaua,
Responde o valle vmbroso,
Da mansa voz o accento temeroso,
Na outra parte do rio retumbaua,
Quando da fantasia
O silencio rompendo, assi dizia.

Corre suaue & brando
Com tuas claras agoas,
Saidas de meus olhos (doce Tejo)
Fè de meus males dando,
Para que minhas magoas
Sejão castigo igual de meu desejo,
Que pois em mi não vejo
Remedio nem o espero,
E a morte se despreza
De me mattar, deixandome à crueza
Daquella por quem meu tormento quero,
Saiba o mundo meu danno
Porque se desengane em meu engano.

Ia que minha ventura,
Ou quem me a cauſa ordena,
Quer por paga da dor tome ſoffrella,
Serâ mais certa cura
Para taman ha pena
Deſeſperar de auer ja cura nella,
Porque ſe miuha eſtrella
Cauſou tal eſquiuança,
Conſinta meu cuidado
Que me farte de ſer deſeſperado,
Para deſenganar minha eſperança,
Que para iſſo naſci,
Para viuer na morte, & ella em mi.

Não ceſſe meu tormento
De fazer ſeu officio,
Que aqui tem hũa alma ao jugo attada,
Nem falte o ſoffrimento,
Porque pareſce vicio,
Para tão doce mal faltarme nada,
ô Nympha dilicada,
Honra da natureza,
Como pòde iſto ſer,
Que de tão peregrino parecer
Podeſſe proceder tanta crueza?

Não

Não vem de nenhum geito
De cauſa diuinal contrario effeito.

Pois como pena tanta
He contra a cauſa della?
Fòra be de natural minha triſteza:
Mas a mĩ que me eſpanta,
Não baſta ò Nympha bella,
Que podes preuerter a natureza?
Não he a gentileza
De teu geſto celeſte
Fora do natural?
Não pode a natureza fazer ta'.
Tu m ſma(bella Nympha)te fizeſte
Porem porque tomaſte
Tão dura condição ſe te formaſte?

Por ti o alegre prado
Me he peſado & duro,
Abrolhos me pareſcem ſuas flores,
Por ti do manſo gado
Como de mĩ, não curo,
Por não fazer offenſa a teus amores.
Os jogos dos paſtores,
As lutas entre a rama,

Nada me faz contente,
E sou ja do que fui tão differente,
Que quãdo por meu nome alguẽ me chama
Pasmo quando conheço
Que inda comigo mesmo me paresço.

O gado que apascento
Sãõ n'alma meus cudados,
E as flores que no campo sempre vejo
Sãõ no meu pensamento
Teus olhos debuxados,
Com que estou enganando meu desejo,
As agoas frias do Tejo
De doces se tornârão
Ardentes & salgadas,
Despois que minhas lagrimas cansadas
Com seu puro licor se misturarão,
Como quando mistura
Hyppanis co Exampèo su'agoa pura.

Se ahi no mundo ouuesse
Ouuiresme algũa hora
Assentada na praya deste rio,
E de arte te dissesse
O mal que passo agora,

Que podesse mouerte o peito frio,
ô quanto desuario
Que estou affigurando:
Ia agora meu tormento
Não pode pedir mais o pensamento,
Que este fantasiar que imaginando
A vida me reserua,
Querer mais de meu mal serâ soberba.

Ia a esmaltada Aurora
Descobre o negro manto,
Da sombra que as montanhas encubria,
Descansa frauta agora,
Qua meu cansado canto
Não merece que veja o claro dia:
Não canse a fantasia
De estar em si pintando
O gesto dilicado,
Em quanto tras ao pasto o manso gado.
Este pastor que là sò vem falando
Calarmeei sômente,
Que meu mal nem ouuirse me consente.

Agrario pastor.
Fermosa manhã clara & deleitosa,

Que como fresca rosa na verdura
Te mostras bella & pura, marchetando
As Nymphas espalhando seus cabellos
Nos verdes montes bellos, tu sò fazes
Quando a sombra desfazes, triste & escura,
Formosa a espessura, & fresca a fonte,
Formoso o alto monte, & o rochedo,
Formoso o aruoredo, & deleitoso,
Emfim tudo formoso co teu rosto,
D'ouro & rosas composto & claridade,
Trazes a saudade ao pensamento,
Mostrando n'hum momento o roxo dia,
Co a doce armonia nos cantares,
Dos passaros a pares, que voando
Seu pasto andão buscando nos raminhos,
Para os amados ninhos, que mantem,
ô grande & summo bem de natureza,
Estranha subtileza de pintora,
Que matiza n'hũa hora de mil cores,
O cèo, a terra, as flores, monte, & prado,
ô tempo ja passado, quam presente
Te vejo abertamente na vontade,
Quamanha saudade tenho agora,
Do tempo que a pastora minha amaua,
E de quanto prezaua minha dor,

Então tinha o amor mayor poder,
Então n'hum sò querer nos igualaua,
Porque quando hum chamaua a quem queria,
O Ecco respondia da affeição,
No brando coração da doce immiga,
Nesta amorosa liga concertauão,
Os tempos que passauão com prazeres
Mostraua a flaua Ceres polas eiras,
Das brancas sementeiras ledo frutto,
Pagando seu tributo òs lauradores,
E enchia aos pastores todo o prado
Pales, do manso gado guardadora,
Zephiro, & a fresca Flora passeando
Os campos esmaltando de boninas,
Nas agoas cristallinas triste estaua
Narcisso, que inda olhaua n'agoa pura,
Sua linda figura delicada,
Mas Ecco namorada de seu gesto
Com pranto manifesto seu tormento,
No derradeiro accento lamentaua,
Alli tambem se achaua o sangue tinto
Do purpureo lacintho, & o destroço
De Adonis lindo moço, morte fea,
Da bella Scytharea tão chorada,
Toda a terra esmaltada destas rosas,

Alli as Nymphas fermoſas pellos prados
Os Faunos namorados apos ellas,
Moſtrandolhe capellas de mil cores,
Que fazião das flores que colhiaõ,
As Nymphas lhe fogiaõ amedrentadas,
As fraldas leuantadas pellos montes,
A freſca agoa das fontes espalharſe
Vertuno transformarſe alli ſe via,
Pomona que trazia os doces fruitos,
Alli paſtores muitos, que tangiaõ,
As gaitas que trazião, & cantando
Eſtauão enganando ſuas penas,
Tomando das Sirenas o exercicio,
Ouuiaſe Salicio lamentarſe,
Da mudança queixarſe crua & fea,
Da dura Galathea tão fermoſa,
E da morte enuejoſa Nemoroſo
Ao monte cauernoſo ſe querella,
Que ſua Eliſa bella em pouco eſpaço
Cortára inda em agraço a dura ſorte,
Ô immatura morte, que a ninguem
De quantos vida tem, nunca perdoas,
Mas tu tempo que voas apreſſado,
Hum deleitoſo eſtado quam aſinha
Neſta vida meſquinha trãsfiguras,

Em mil desauenturas, & a lembrança
Nos deixas por herança do que leuas,
Assi que se nos ceuas com prazeres,
He para nos comeres no milhor,
Cada vez em peor te vas mudando,
Quanto vês inuentando, que oje approuas,
Logo amanhã reprouas com instancia,
ô estranha inconstancia, & tão profana,
De toda a cousa humana inferior,
A quem o cego error sempre anda annexo,
Mas eu de que me quexo? ou que digo?
Viue o tẽpo comigo, ou elle tem
Culpa no mal que vem da cega gente?
Por ventura elle sente, ou elle entende
Aquillo que defende o ser diuino?
Elle vsa de contino seu officio,
Que ja por exercicio lhe he diuido,
Dânos frutto colhido na sazão.
Do fermoso verão, & no inuerno,
Com seu humor eterno congellado,
Do vapor leuantado, co a quentura
Do sol, a terra dura lhe dâ alento,
Para que o mantimento produzindo
Estê sempre comprindo seu costume,
Assi que não consume de si nada,

Nem

Nem muda da passada vida hum dedo,
Antes sempre está quedo no diuido,
Porque este he seu partido, & sua vsança,
E nelle está mudança, & mais firmeza,
Mas quem a lei despreza, & pouco estima,
De quem de lá de cima está mouendo
O cèo sublime & horrendo, o mundo puro,
Este muda o seguro & firme estado,
Do tempo naõ mudado da verdade,
Naõ foi naquella idade de ouro claro,
O firme tempo caro & excellente,
Viuia entaõ a gente moderada,
Sem ser a terra arada daua paõ,
Sem ser cauado o chão as fruttas daua,
Nem chuua desejaua, nem quentura,
Supria então natura o necessario,
Pois quem foi tão contrario a esta vida?
Saturno, que perdida a luz serena,
Causou que em dura pena desterrado
Fosse do cèo deitado onde viuia,
Porque os filhos comia, que geraua,
Por isso se mudaua o tempo igual
Em mais baixo metal, & assi descendo
Nos veo assi trazendo a este estado,
Mas eu desatinado adonde vou?

Para onde me leuou a fantasia?
Qu'estou gastando o dia em uãs palauras?
Quero ora minhas cabras ir leuando
Ao manso Tejo brando, porque achar
No mundo que emendar, não he d'agora,
Basta que a vida fora delle tenho,
Com meu gado me auenho, & estou contente,
Porem se me não mente a vista, eu vejo
Nesta paya do Tejo, estar deitado
Almeno, que enleuado em pensamentos,
As horas & momentos vay gastando,
Par' elle vou chegando, sò por ver
Se poderei fazer que o mal que sente
Hum pouco se lhe ausente da memoria.

Almeno sonhando.

Ò doce pensamento, ò doce glorja,
Saõ estes por ventura os olhos bellos
Que tem de meus sentidos a vittoria?
São estas (Nympha) as tranças dos cabellos
Que fazem de seu preço o ouro alheo,
E a mĩ de mĩ mesmo, sò com vellos?
He esta a alua colũna, o lindo esteo,
Sustentador das obras mais que humanas,

Que

Que eu nos braços tenho, & não no creo?
Ah falso pensamento, que m'enganas,
Fazesme pòr a boca onde não deuo,
Com palauras de doudo, & quasi insanas
Como alçarte tão alto assi me atreuo?
Tais asas doutas eu, ou tu mas das?
Leuasme tu a mĩ, ou eu te leuo?
Não poderei eu ir onde tu vas?
Porem pois ir não posso onde tu fores
Quando fores, não tornes donde estàs.

Agrario.

Ô que triste successo foi de amores
O que a este pastor acontesceo,
Segundo ouui contar a outros pastores.
Que tanto por seu danno se perdeo;
Que o longo imaginar em seu tormento,
Em desatino amor lho conuerteo.
Ô forçoso vigor do pensamento,
Que pòde noutra cousa estar mudando,
A forma, a vida, o siso, o entendimento.
Estase hum triste amante transformando
Na vontade daquella que tanto ama,
De si sua propria essencia trasportando.

E nenhũa outra cousa mais desama
Que a si, se vê qu'em si ha algum sentido,
Que deste fogo insano não se inflama.
Almeno que aqui está tan influido
No fantastico sonho, que o cuidado
Lhe traz sempre ante os olhos esculpido.
Estasselhe pintando de enleuado
Que tem ja da fantastica pastora
O peito diamantino mitigado.
Em este doce engano estaua agora
Falando como em sonhos, mas achando
Ser vento o que sonhaua, grita & chora.
Desta arte andauaõ sonhos enganando,
O pastor somnolento, que a Diana
Andaua entre as ouelhas celebrando.
Dest'arte a nuuem falsa em forma humana
O vão pay dos Centauros enganâua,
O que Amor quando contenta sempre engana.
Como a este que consigo sô fallaua,
Cudando que fallaua de enleuado,
Com quem lhe o pensamento figuraua.
Não pôde quem quer muito ser culpado,
Em nenhum erro, quando vem a ser
O amor em doudice transformado.
Não he amor amor, se não vier

Com

Com doudices, deshonras, dissensões,
Pazes, guerras, prazer, & desprazer.
Perigos, lingoas mâs, murmurações,
Ciumes, arroidos, competencias,
Temores, mortes, nojos, perdições:
Estas saõ verdadeiras experiencias
De quem poem o desejo onde não deue,
De quem engana alheas innocencias.
Mas isto tem Amor, que não se escreue
Senão onde he illicito & custoso,
E onde he mòr o perigo mais se attreue.
Passaua alegre tempo, deleitoso
O Troyano pastor, em quanto andaua
Sem ter alto desejo, & perigoso.
Seus furiosos Touros coroaua,
E nos alamos altos escreuia
Teu nome (Ennone) quando ati sò amaua.
Crescião os altos alamos, crescia
O amor que te tinha sem perigo,
E sem temor contente te seruia.
Mas despois que deixou entrar comsigo
Illicito desejo, & pensamento,
De sua quietação taõ inimigo,
A toda a patria pos em detrimento
Com morte de parentes, & de irmaõs.

Com cru incendio, & grande perdimento.
Nisto fenecem pensamentos vãos,
Tristes seruiços mal galardoados,
Cuja gloria se passa dantre as mãos.
Lagrimas & suspiros arrancados.
Dalma todos se pagão com enganos,
E oxala fossem muitos enganados.
Andão com seu tormento tão vfanos,
Gastando na doçura de hum cuidado
Apos hũa esperança tantos annos.
E tal ha tão perdido namorado,
Tão contente co pouco, que daria
Por hum sò mouer d'olhos, todo o gado.
E em todo o pouoado & companhia,
Sendo ausentes de si, estão presentes
Com quem lhe pinta sempre a fantasia.
C'hum certo não sei que andaõ contentes,
E logo hum nada os torna ao contrario,
De todo o ser humano differentes.
ô tyrannico amor, ò caso vario,
Que obrigas hum querer que sempre seja
De si contino & aspero aduersario.
E outr'hora nenhũa alegre esteja,
Senaõ quando do seu despojo amado
Sua imiga estar triumphando veja.

Quero fallar com eſte, qu'enredado
Neſta cegeira eſtâ ſem nenhum tento,
Acorda ja paſtor deſacordado.
Alm. ô porque me tiraſte hum penſamento
Que agora eſtaua os olhos debuxando,
De quem aos meus foi doce mantimento.

Agrario.

Neſſa imaginação eſtâs gaſtando
O tempo & a vida Almeno? ò perda grande,
Não ves quam mal os dias vas paſſando?

Almeno.

Fermoſos olhos, ande a gente & ande,
Que nunca vos ireis deſta alma minha,
Por mais que o tẽpo corra, & a morte o mãde.

Agrario.

Quem poderâ cuidar que tão aſinha
Se perca o curſo aſſi do ſiſo humano,
Que corre por direita & juſta linha?
Que ſejas tão perdido por teu danno,
Almeno irmão, não he por certo auiſo,
Mas mui grande doudice, & grande engano.

Almeno.

ô Agrario, que vendo o doce riſo,
E o roſto taõ fermoſo, como eſquiuo,
O menos que perdi, foi todo o ſiſo.

E não entendo desque fui cattiuo,
Outra cousa de mi, senão que mouro
Nem isto entendo bem, pois inda viuo.
Aa sombra deste vmbroso, & verde louro,
Passo a vida, ora em lagrimas cansadas,
Ora em louuores dos cabellos d'ouro.
Se preguntares porque são choradas,
Ou porque tanta pena me consume,
Reuoluendo memorias magoadas.
Desque perdi da vista o claro lume,
E perdi a esperança, & a causa della,
Não choro por razão, mas por costume.
Iamais pude co fado ter cautella,
Nem nunca ouue em mi contentamento
Que não fosse trocado em dura estrella.
Que bem liure viuia & bem isento,
Sem nunca ser ao jugo sometido,
De nenhum amoroso pensamento.
Lembrame (Agrario amigo) que o sentido
Tão fora de amor tinha, que me ria
De quem por elle via andar perdido.
De varias cores sempre me vestia,
De boninas a fronte coroaua,
Nenhum pastor cantando me vencia.
A barba então nas faces me apontaua,

Na luta, no correr, & em qualquer manha,
Sempre a palma antre todos alcançaua.
Da minha idade tenra em tudo estranha,
Vendo, como acontesce affeiçoadas
Muitas Nymphas do rio, & da montanha:
Com palauras mimosas & forjadas
Da solta liberdade, & liure peito,
As trazia contentes, & enganadas.
Mas não querendo amor que deste geito
Dos corações andasse triumphando,
Em quem elle crion tão puro effeito:
Pouco & pouco me foi de mi leuando,
Dissimuladamente âs mãos de quem
Tod'esta injuria agora está vingando.

Agrario.

Deste teu caso Almeno eu sei mui bem
O principio & o fim, que Nemoroso
Contado tudo isso, & mais me tem.
Mas querote dizer se o enganoso
Amor, he costumado a desconcertos,
Que nunca amando fez pastor ditoso.
Ia que nelle estes casos sãō tão certos,
Porque os estranhas tanto, que de magoa
Te chorão as montanhas, & os desertos.
Vejote estar gastando em viua fragoa

E juntamente em lagrimas vencendo
A gran Sicilia em fogo, o Nilo em agoa.
Vejo que as tuas cabras não querendo
Goſtar as verdes heruas, ſe emmagrecem,
As tetas aos cabritos encolhendo.
Os campos que co tempo reuerdeſcem,
Os olhos alegrando deſcontentes,
Em te vendo pareſce que entriſteſcem.
Todos os teus amigos & parentes,
Que la da ſerra vem por conſolarte,
Sentindo n'alma a pena que tu ſentes.
Se querem de teus mailes apartarte,
Deixando a caſa & gado, vas fugindo,
Como ceruo ferido, a outra parte.
Não ves que amor as vidas conſumindo
Viue sò de vontades enleuadas,
No falſo pareſcer d'hum geſto lindo?
Nem as heruas das agoas deſejadas
Se fartão, nem de flores as abelhas,
Nem eſte amor de lagrimas canſadas.
Quantas vezes perdido entre as ouelhas
Chorou Phebo de Daphne as eſquiuanças
Regando as flores brancas & vermelhas.
Quantas vezes as aſperas mudanças
O namrrado Gallo tem chorado,

De quem o tinha enuolto em esperanças.
Estaua o triste amante recostado,
Chorando ao pè d'hum freixo o triste caso,
Que o falso amor lhe tinha destinado,
Por elle o sacro Pindo, & o gran Parnaso
Na fonte de Aganippe distilando,
O fazião de lagrimas hum vaso.
Vinha o intenso Apollo alli culpando
A sobeja tristeza perigosa,
Com asperas palauras reprouando.
Gallo porque endoudeces, que a fermosa
Nympha que tanto amaste, descubrindo
Por falsa a fè que daua & mintirosa.
Pollas Alpinas neues vay seguindo
Outro amor, outro bem, outro desejo,
Como enemiga emfim de ti fugindo.
Mas o misero amante, que o sobejo
Mal empregado amor lhe defendia
Ter de tamanha fè vergonha ou pejo,
Da falsifica Nympha não sentia
Senão que o frio do gelado Rheno
Os delicados pês lhe offenderia.
Ora se tu ves claro, amigo Almeno,
Que de amor os desastres sāo de sorte
Que para mattar basta o mais piqueno,

Porque não pões hum freo a mal tão forte,
Que em estado te poem, que sendo viuo
Ia não se entende em ti vida nem morte?

Almeno.

Agrario, se do gesto fugitiuo
Por caso da fortuna desastrado
Algũa hora deixar de ser cattiuo,
Ou sendo para as Vrsas degradado
Aonde Boreas tem o Occeano,
Cos frios Hyperboreos congelado,
Ou onde a filho de Clymene insano,
Mudando a cor das gentes totalmente,
As terras apartou do tratto humano
Ou se por qualquer outro accidente
Deixar este cudado tão ditoso,
Porquem sou de ser triste tão contente.
Este rio, que passa deleitoso,
Tornando por detras, irà negando
Aa natureza o curso presuroso.
As feras pello mar irão buscando
Seu pasto, & andarsehão polla espessura
Das heruas os delphins apascentando.
Ora se tu ves n'alma quão segura
Tenho esta fee, & amor, para que insistes
Nesse conselho & pratica tão dura?

Se de tua perfia não desistes
Vai repastar teu gado a outra parte,
Que he dura a companhia para os tristes.
Hũa sô cousa quero encomendarte,
Para repouso algum de meu engano,
Antes que o tempo emfim de mi te aparte.
Que se esta fera que anda em trajo humano,
Vires polla montanha andar vagando,
De meu despojo rica, & de meu danno,
Com os espritos viuos inflamando
O ar, o monte, & a serra, que consigo
Continuamente leua namorando.
Se queres contentarme como amigo,
Passando, lhe dirâs, gentil pastora
Não ha no mundo vicio sem castigo.
Tornada em duro marmore não fora
A fera Anaxarete, se amoroso
Mostrára o rosto angelico algũa hora.
Foi bem justo o castigo riguroso,
Porem quem te ama, Nympha, não queria
Noda tão fea em gesto tão fermoso.

Agrario.

Tudo farei Almeno, & mais faria,

Por

Por te ver algum'hora descansado,
Se se acabão trabalhos algum dia.
Mas bem vès como Phebo ja impinado
Me manda que da calma iniqua & crua
Recolha em algum valle o manso gado.
Tu nessa fantasia falsa tua
Para engano mayor de teu perigo
Naõ queres companhia senão a sua.
Voume daqui, & fique Deos contigo,
E ficarâs melhor acompaahado.

Almeno.

Elle contigo va, como comigo
Me fica acompanhando meu cudado.

Outra

ECGLOGA III.

De Almeno, & Beliſa, continuando cõ a paſſada.

PAſſado ja algum tempo que os amores
D'Almeno por ſeu mal erão paſſados,
Porque nunca amor cumpre o que promete,
Entre hũs verdes vlmeiros apartados,
Regando pello campo as brancas flores,
Em lagrimas canſadas ſe derrete:
Quando a linda paſtora que compete
Co monte em aſpereza,
Co prado em gentileza,
Por quem o triſte Almeno endoudecia,
Pella praya do Tejo diſcurria
A lauar a beatilha, & o trançado,
Ia o ſol conſentia
Que ſaiſſe da ſombra o manſo gado.

E acordado ja do penſamento
Que tão deſacordado o ſempre teue,
Vio por acerto o bem que incerto tinha:
E porque onde amor a mais ſe atreue
Alli mais enfraqueſce o entendimento,

Não

Não lhe soube dizer o que conuinha,
Como homem que aaprazada briga vinha
A quem de fóra engana
A confiança humana,
E depois vendo o rosto a quem resiste,
Treme, teme o perigo, & não insiste
Ia se arrepende, a audacia lhe falleſce,
Dest'arte o pastor triste
Ousa, arrecea, esforça, & enfraqueſce.

Etendo assi atonito o sentido,
Cometteo com furor desatinado
E tirou da fraquexa o coraçaõ,
Comettimento faz desesperado;
Que hũa sò saluação tem hum perdido,
Perder toda a esperança â saluação,
As magoas que passarão se dirão,
Mas as que ella dizia,
Lembrandolhe que via
As agoas murmurar do Tejo amenas,
Remeto a vos, ò Tagides Camenas,
Que de magoa não posso dizer tanto,
Porque em tamanhas penas
Me cansa a pena, & a dor m'impede o canto.

Beliſa.

Beliſa paſtora.

Que alegre campo, & praya deleitoſa,
E quam ſaudoſa faz eſta eſpeſſura
A fermoſura angelica & ſerena,
Da tarde amena, & quam ſaudoſamente
A sèſta ardente abranda ſuſpirando
De quando em quando o vento alegre & frio.
No fundo rio os mudos peixes ſaltão,
No àr ſe eſmaltão os cêos d'ouro & verde,
E Phebo perde a força da quentura,
Polla eſpeſſura leuão paſſeando
O gado brando, ao ſom das çamphoninas,
Piſando as finas & fermoſas flores,
Os guardadores, que cantando o geſto
Fermoſo & honeſto, das paſtoras que amão,
Ao ar derramão mil ſoſpiros vãos,
Hum louua as mãos, & outro os olhos bellos,
Outro os cabellos douro em ſom ſuaue,
A amoroſa aue leua o contraponto,
Mas ò que conto, & que ſaudoſa hyſtoria
Que na memoria aqui ſe me offereſce:
Se não me eſquece, ja neſte lugar
Ouui ſoar nos valles algum dia,
E reſpondia o Ecco o nome em vão
N'hum coração, Beliſa retumbando

Estou cudando como o tempo passa,
E quão escassa he toda alegre vida,
E quão comprida, quando he triste & dura,
Nesta espessura longo tempo amei,
Se me enganei com quem do peito amaua,
Não me pesaua de ser enganada,
Fui salteada emfim de hum pensamento,
Que hum mouimento tinha casto & sãõ,
Conuersação foi fonte deste engano,
Que por meu danno entrou com falsa cor,
Porque o amor na Nympha que he segura
Entra em figura de vontade honesta,
Mas que me presta agora dar disculpa
Se ahi ouue culpa pola o firme amor,
Sò n'hum pastor que nunca o sol nem lua
Ou serra algũa, desd'o Ibero ao Indo,
Virão outro tão lindo, & tão manhoso,
Neste amoroso estado, & fè que tinha,
Qua n'alma minha tão secretamente,
Viui contente amando & encubrindo,
Elle fingindo mintirosos dannos,
Que saõ enganos que não custão nada,
Tendo alcançada ja no entendimento
A fè & intento meu sò nelle posto,
Que logo o rosto mostra os corações,

E as affeições cos olhos se praticão,
Que mais publicão muito que palauras,
Com suas cabras sempre à parte vinha
Onde eu mantinha os olhos & o desejo,
Tu manso Tejo, & tu florido prado,
Do mais passado emfim que aqui não digo,
Sereis me obrigo testemunho certo,
Que descuberto vos foi tudo & claro,
Ô tempo auaro, ô sorte nunca igual,
Camanho mal quereis à humana gente,
Porque hum contente estado assi trocastes?
Vos me tirastes do meu peito isento,
Ô pensamento honesto, & repousado,
Ia dedicado ao coro de Diana,
Vos n'hũa vfana uida me pusestes,
E alli quisestes que gozasse o danno
Do doee engano, que se chama amor,
Com cujo error passaua o tempo ledo,
E vos tão cedo me tirais hum bem,
Que amor ja tem impresso na alma minha,
Depois que a tinha enuolta em esperanças,
E com lembranças tristes me deixais,
Mal me pagais a fè que sempre tiue:
Mas assi viue quem sem dita nasce,
Mas ja que a face alegre o sol esconde,

E não responde alguem a tantas magoas,
Senão as agoas que dos olhos saem,
As sombras caem, & vãose as alimarias
Das eruas varias fartas, seu caminho,
Buscando o ninho os passaros sem dono
Ia pello sono esquecem o comer,
Quero esquecer tambem tão doce historia,
Pois he memoria que traz mòr cuidado,
Isto he passado, & se me deu paixão,
Os dias vão gastando o mal & o bem,
E não conuem quererme magoar,
Do que emendar não posso ja com magoas,
Nas claras agoas deste rio brando,
Que vão regando o campo matizado,
Este trançado lauar quero emfim,
Que ja de mi m'esqueço coa lembrança
Desta mudança, que esquecer não sei
Inda qu'eu mudarei a opinião,
Qu'emfim homẽs são, a que o esquecimento
De pressa faz mudar o pensamento.

Almeno.

Se a vista não m'engana a fantasia,
Como ja m'enganou mil vezes, quando
Minha ventura enganos me offria,

Pare-

Parece-me que vejo estar lauando
Hũa Nympha hum vèo no claro Tejo;
Que se m'está Belisa affigurando.
Não pòde ser verdade isto que vejo,
Que facilmente aos olhos se affigura
Aquillo que se pinta no desejo.
Ô acontecimento que a ventura
Me dá pera môr danno: está be certo,
Que não he doutrem tanta fermosura.
Se poderei fallarlhe de mais perto?
Mas fugirmeha: não pòde ser, que o rio
Par'acolá não tem caminho aberto.
Ô temor grande, ò grande desuario,
Que a voz m'impide, & a lingoa negligente
Dest'arte está tornando o peito frio.
De quanto me sobeja estando ausente,
Que pera lhe fallar sempre imagino,
Tudo me falta agora em estar presente.
Ô aspeito suaue & peregrino,
Pois como tão asinha a si se esquece
Hũa fè verdadeira, hum amor fino?

Belisa.

Ô altas semideas, pois padesçe
Em vosso rio a honra delicada,
De quem tamanha força não meresce,

Ou seja por vos (Nympha) reseruada,
Ou n'algũa aruore alta ou pedra dura
Seja por vos asinha transformada.

Almeno.

Ah Nympha não te mudes a figura,
Nem vos Deosas queirais que eu seja parte
De se mudar tamanha fermosura.
Porque a quem falta a voz para falarte,
E a quem falleſce a lingoa & ousadia,
Tambem faltarão mãos para tocarte.

Belisa.

Que me queres Almeno, ou que porfia
Foi a tua tão aspera comigo,
Minha vontade naõ to merescia.
Se com o amor o fazes, eu te digo,
Que amor que tanto mal me faz em tudo,
Naõ pôde ser amor, mas enemigo.
Naõ es tu de saber taõ falto & rudo,
Que taõ sem siso amasses, como amaste,

Almeno.

Onde viste tu Nympha amor sesudo?
Porque te naõ alembra que folgaste
Com meus tormentos triste, & algũ hora
Com teus fermosos olhos me olhaste?

Como te esquesce ja (gentil pastora)
Que folgauas de ler nos freyxos verdes
O que de ti escriuia cada hora?
Como tão presto assi a memoria perdes
Do amor que mostrauas, que eu não digo
Se vos ò altos montes não disserdes?
Porque te não alembras do perigo
A que sò por me ouuir te auenturauas
Buscando horas de sèsta, horas d'abrigo?
Coa maçãa de discordia me tirauas
Que Venus que aganhou por fermosura
Tu como mais fermosa lha ganhauas.
E escondendote entre a espessura,
Hias fogindo como vergonhosa
Da namorada & doce trauessura.
Não era esta a maçã d'ouro fermosa,
Com que encuberta assi de astucia tanta
Cedipe se enganou de cubiçosa.
Nem a que curso teue de Athalanta
Mas era aquella com que Galathea
O pastor catiuou como elle canta.
Se más tencões poserão nodoa fea
Em nosso firme amor de inueja pura
Porque pagarei eu a culpa alhea?

Quem

Quem desta fé, quem deste amor não cura
Nunca teue sogeito o coração,
Que o firme amor coa alma eterna dura.

Belisa.

Mal conheçes Almeno hũa affeição
Que se eu desse amor tenho esquecimento
Meus olhos magoados to dirão.
Mas teu sobejo & liure atreuimento
E teu pouco segredo, discudando
Foy causa deste longo apartamento.
Ves as Nimphas do Tejo que mudando
Me vão ja pouco apouco o claro gosto
Noutra forma mais dura traspasando.
Hum sò segredo meu te manifesto,
Que te quis muito em quanto Deos queria,
Mas de pura affeição, & amor honesto.
E pois teu mao cudado & ousadia
Causou tão dura & aspera mudança
Folgo que muitas vezes to dizia.
Ficate embora, & perde a confiança
Que mais me não veras, como ja viste
Que assi se desengana hũa esperança.

Almeno.

Ô duro apartamento, ò vida triste

Ô nunca acontecida desuentura,
Pois como, Nympha, assi te despidiste?
Assi se ha de ir tornando sem ter cura
Nessa silueſtre & aſpera rudeza,
Tão branda & excellente fermoſura?
Tua nunca entendida gentileza,
E teus membros assi se trasformarão,
Negandoselhe a propria natureza?
Dest'arte teus cabellos se tornârão,
Deixando ja seu preço ao ouro fino,
Em folhas que a cor tem do que negárão?
Se este conſentimento foi diuino,
Conſintame tambem que perca a vida,
Antes que a mais me obrigue o deſatino.
Que se a fortuna dura embraueſcida
Tanto em meu tormento se deſmede,
Não viua mais hũa alma tão perdida,
E vos feras do monte, pois vos pede
Minha pena o remedio derradeiro,
Fartai ja de meu ſangue voſſa ſede.
E vos paſtores rudos deſte outeiro,
Porque a todos emfim se manifeſte
Que couſa he amor puro & verdadeiro,
Ao pè deſte funereo acipreſte

Me fareis hum ſepulchro ſem arreo
De boninas que o prado ameno veſte.
Com deſuſadas muſicas de Orpheo
Que me vos cantareis, & deſta ſorte
Não auerei inueja ao Mauſoleo,
E porque minha cinza ſe conforte
Em voſſos metros doces & ſuaues,
As exequias fareis de minha morte.
Alli reſponderaõ as altas aues
Naõ modulas no canto, nem laſciuas,
Mas de dor hora roucas, hora graues.
Não correraõ as agoas fugitiuas
Alegres por aqui, mas ſaudoſas,
Que pareſçaõ que vem dos olhos viuas.
Naſceraõ pellas prayas deleitoſas
Os aſperos obrolhos em lugar
Dos roxos lirios, das pudicas roſas,
Não traraõ as ouelhas a paſtar
D'arredor do ſepulchro os guardadores
Que não comeraõ nada de peſar.
Virão os Faunos, guarda dos paſtores
Se morri por amores preguntando,
Reſponderão os Eccos, Por amores.
E para os que aqui forem caminhando,

Hum epitaphio triſte ſe lerâ
Que eſteja minha morte declarando:
E no tronco d'hũa aruore eſtarâ
N'hũa ruda cortiça pendurado
Eſcritto c'hũa fouce, aſsi dirâ.
Almeno fui paſtor de manſo gado,
Em quanto conſintio minha ventura
De Nymphas & paſtoras celebrado.
Se algũa hora por dita na eſpeſſura
Se perder o amor & a affeição,
Tirem a pedra deſta ſepultura,
E em figura de cinza os acharão.

EGLOGA IIII.

A hũa dama.

Frondoſo, & Duriano, Paſtores.

CAntando por hum valle docemente
Deſcião dous paſtores quando Phebo
No reino de Neptuno ſe eſcondia,
De idade cadahum era mancebo,
Mas velho no cuidado & deſcontente
Do que lhe elle cauſaua pareſcia,
O que cadahum dizia
Lamentando ſeu mal, ſeu duro fado,
Naõ ſou eu taõ ouſado,
Que o ouſe a cantar ſem voſſa ajuda,
Porque ſe a minha ruda
Frauta, deſte amor voſſo for dina
Poſſo eſcuſar a fonte Caballina

Em vos tenho Helicon, tenho Pegaſo,
Em vos tenho Caliope, em vos Thalia,
E as outras ſete irmãs do fero Marte
Em vos perde Minerua ſua valia,

Em vos estão os sonos de Parnaso,
Das Pierides em vos s'encerra a arte,
Co a mais piquena parte
Senhora, que me deis da ajuda vossa,
Podeis fazer qu'eu possa
Eferuer ao sol resplandescente,
Podeis fazer que a gente
Em mi do gran poder vosso se espante,
E que vossos louuores sempre cante.

Podeis fazer que cresça d'hora em hora,
O nome Lusitano, & faça inueja
A Smirna, que de Homero se engrãdesce,
Podeis fazer tambem que o mundo veja
Soar na ruda frauta o que a sonora
Citbara Mantuana sò merece,
Ia agora me parece
Que podem começar os meus pastores,
Tratar de seus amores,
Porque inda que presentes não estejão
Ás que elles ver desejão
Mudança do lugar menos de estado,
Não muda hum coração de seu cuidado.

Ia

Ia deixaua dos montes a altura
E nas ſalgadas ondas ſe eſcondia
O ſol, quando Frondoſo & Duriano
Ao longo de hum ribeiro que corria
Polla mais freſca parte da verdura,
Claro, ſuaue, & manſo todo o anno
Lamentando ſeu danno,
Vinha ja recolhendo o manſo gado,
E hum eſtando calado,
Em quanto hũ pouco o outro ſe queixaua,
Apos elle tornaua
A dizer de ſeu mal o que ſentia,
E em quanto elle fallaua, o outro ouuia.

Vinhaõſe aſsi queixando aos penedos,
Aos ſilueſtres montes, & aſpereza,
Que quaſi de ſeus males ſe doîaõ,
Alli as pedras perdião ſua dureza,
Alli os correntes rios eſtar quedos
Prontos a ſuas queixas pareſcião,
E sò as que podião
Eſtes males curar que ellas cauſauaõ,
O uuido lhe negauão
Por perderem de todo a eſperança,

Ma,

Mas elles que mudança
De amor com tantos males nãõ faziãõ,
Fallando inda com ellas lhes deziãõ.

Frondoso.

Isto he o que aquella verdadeira
Fê, com que te amei sempre merescia,
Sem nunca te deixar hum sò momento,
Como (cruel Belisa) t: esquecia
Hum mal cuja esperança derradeira
Em ti sò tinha posto seu assento?
Naõ vias meu tormento?
Não vias tu a fê com que te amaua?
Porque não te abrandaua
Este amor, que me tu tão mal pagaste?
Mas pois ja me deixaste
Co a esperança de ti toda perdida,
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Duriano.

Se os males que por ti tenho soffrido,
(ô Siluana em meus males tão constante)
Quiseras que algũ'hora te dissera
Ainda que de duro diamante
Fora teu cruel peito endurescido,
Creo que a piedade te mouera,

Iâgora em branda cera
Os montes ſaõ tornados, & os penedos,
E os rios que eſtão quedos,
Sentiraõ meus ſuſpiros minhas queixas,
Tu sò (cruel) me deixas
Qu'es mais que montes & penedos dura,
E fugitiua mais que a agoa pura.

Frondoſo.

Onde eſtâ aquella falla, que ſoîa
Sò com ſeu doce tom, que me chegaua
A auiuarme os ſpiritos canſados?
Onde eſtâ o olhar brando, que cegaua
O ſol reſplandeſcente oa meo dia?
Onde eſtão os cabellos dilicados,
Que ao vento eſpalhados
O ouro eſcureſciaõ, & a mĩ mattauão?
E a quantos os olhauaõ
Cauſauaõ tambem nouos accidentes?
Porque cruel conſentes
Que goze outro a gloria a mĩ deuida?
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Duriano.

Não vejo bem ja que a meu mal eſpere,
Senão ſe he eſperar que morte dura

Emfim

Emfim me venha dar tua saudade,
Vejo faltarme a tua fermosura,
A vontade me diz que desespere,
Contradizme a razão esta vontade,
Diz que n'hũa beldade
Em quem mostrou o cabo a natureza,
Naõ ha tanta crueza
Qu'hũ tão firme amor desprezar queira,
E hũa fê uerdadeira
Mas tu que de razaõ nunca curaste
Porque era darme a vida, ma tiraste.

Frondoso.

A quem (Belisa ingrata) te entregaste?
A quem dêste (cruel) a fermosura
Que sô a meu tormento se deuia?
Porq̃ hũa fè deixaste firme & pura?
Porque taõ sem respeito me trocaste,
Por quem sò nem olhàrte merescia?
E o bem que te queria,
Que nunca perderei senão por morte,
Naõ he de mayor sorte
Que quãto a cega gente estima & preza?
Sò a tua crueza
Foi nisto contra mĩ endurescida,

Perca

Perqua quem te perdeo tambem a vida,

Doriano.

Leuaſteme meu bem n'hum sô momento,
Leuaſteme com elle juntamente
De cobrallo jamais a confiança,
Deixaſteme eu lugar delle sòmente
Hũa continua dor, & hum tormento,
Hum mal em que não pòde auer mudanç,
Tu que eras a eſperança
Dos males que me tu cruel cauſaſte,
De todo te trocaſte,
Com Amor conjurada em minha morte,
Porem ſe minha ſorte
Conſente que por ti ſeja cauſada,
Morte não foi mais bemauenturada.

Frondoſo.

Não naceſte de algũa pedra dura,
Não te gerou algũa tigre Hircana,
Naõ foi tua criação entre a rudeza,
A quem (cruel) ſaiſte deshumana?
No cêo formada foi tua fermoſura,
Onde a meſma brandura he natureza,
Eſta tua dureza
Donde teue principio, ou a tomaſte?

Porque

Porque dura engeitaſte
Hum verdadeiro amor que tu bem vias?
Hũa fè que conheſcias,
Por outra de ti nunca conheſcida?
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Vaiſe co ſeu paſtor o manſo gado,
Porque de amor entende âquella parte
Que a bruta natureza lhe enſina,
O ruſtico leaõ ſem nenhũa arte
Do inſtinto natural sò inſinado,
Aonde ſente amor alli ſe inclina,
E tu que de diuina
Naõ tẽs menos que Venus & cupido,
Porque ſequer co ouuido
Hum amor verdadeiro naõ ſocorres?
Ou porque te não corres
Que te vença o leaõ em piedade,
Se Venus naõ te vence na beldade?

Frondoſo.

A mĩ naõ me faltaua o que ſe preza
Entre os celeſtes Deoſes, que formàraõ
A tua mais que humana fermoſura,
Em mĩ os voluntarios cèos faltâraõ.

Em mĩ se preuerteo a natureza
D'hũa cruel fermosa criatura,
Mas pois Belisa dura,
Que do mais alto cèo a nos vieste,
E em peito celeste
Hum tal contrario pode aposentarse,
Naõ he contrario acharse
Tamanha fè, taõ mal agradecida,
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Por ti a noite escura me contenta,
Por ti o claro dia me auorresce,
Abrolhos para mi saõ frescas flores;
A doce philomela m'entristesce,
Todo o contentamento me atormenta
Com a contemplaçaõ de teus amores,
As festas dos pastores,
Que podem alegrar toda a tristeza,
Em mi tua crueza
Faz que o mal cad'hora ua dobrando
Ô cruel, atè quando
Durarâ em ti hum tal auorrescimento?
E a vida em mi, que soffre tal tormento?

Frondoso

Frondoso.

Fugiste de hum amor tão conhecido
Fugiste de hũa fê tão clara & firme,
E seguiste a quem nunca conheceste,
Não por fugir d'amor, mas por fugirme,
Que bem vias que tinha merescido
O amor que tu a outrem concedeste,
A mĩ não me fizeste
Nenhũa semrazão, que bem conheço
Que tanto não mereço,
Fizeste a aquelle bem firme & sincero,
Que sabes que te quero
Em lhe tirar a gloria merecida,
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Cresce cad'hora em mĩ mais o cudado,
E vejo que em ti cresce juntamente
Cad'hora mais de mĩ o esquecimento,
Ô Syluana cruel porque consente
O teu feminil peito delicado,
Esquecerlhe hum tão aspero tormento?
Tal auorrescimento
Merece hum capital teu inimigo,
Não j'eu que sò contigo

Estou contente, & nada mais desejo,
Se algũa hora te vejo
Tu es hum sò bem meu, hũa sò gloria,
Que nunca se me aparta da memoria.

Frondoso.

Olhos que viraõ ja tua formosura
Vida que só deverte se sostinha,
Vontade que em ti era transformada,
Hũa alma que a tua em si sò tinha,
Taõ vnida comsigo, quanto a pura
Alma co debil corpo está pegada:
E agora apartada
Te vee de si com tal apartamento,
Qual será seu tormanto?
Qual será aquelle mal que tem presente?
Mayor he que o que sente
O triste corpo na vltima partida,
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Regendo noutro tempo o manso gado
Tangendo minha frauta nestes valles,
Passaua a doce vida alegremente,
Naõ sentia o tormento destes males,
Menos sintia o mal deste cudado,

Que tudo então em mi era contente,
Agora não somente
Desta vida suaue me apartaste,
Mas outra me deixaste
Que ao duro mal que sinto ca no peito
Me tem ja tão affeito,
Que sinto ja por gloria minha pena,
Por natureza o mal que me condena.

Frondoso.

Iuntamente viuer compridos annos,
Os fados te concedaõ, que quiseraõ
Ajuntarte com tal contentamento,
Pois para ti os bẽs todos naſceraõ,
Tormentos para mi, males & danos,
Logra tu sò teu bem, eu meu tormento,
Nenhum apartamento
Beliſa, me fara deixar de amarte,
Porque em nenhũa parte
Poderas nunca eſtar ſem mi humora,
Conſente pois agora
Que em pago desta fè tão conhecida
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Vejate eu (crua) amar quem te deſame,

Porque saibas que cousa he ser amada,
De quem tu auorreſces & deſprezas,
Vejate eu ſer ainda deſprezada
De quem tu mais deſejas que te ame,
Porque ſintas em ti tuas cruezas,
Sintas tuas durezas,
E quanto pôde o ſeu cruel effeito,
N'hum coração ſogeito,
Porqu' em ſintindo o mal qu'eu ſinto agora,
Eſpero que algum'hora
Faça o teu proprio mal de mi lembrarte,
Ia que não pode o meu nunca abrandarte.

Frondoſo.

Mil annos de tormento me pareſce
Cada hora que ſem ti, & ſem eſperança
Viuo de poder mais tornar a verte,
Suſtentame eſta vida tua lembrança,
A vida ſobre tudo me entriſteſce,
A vida antes perdera que perderte,
Mas eu ſe por quererte,
Hum bem que em ti sò tem ſeu firme aſſento
Padeſce tal tormento,
Que inda eſpera de ti quem te deſame,
Ou ao menos te ame,

Com algum falso amor, ou fee fingida,
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Entaõ (cruel) verâs se te merece
Com tamanho desprezo ser trattada,
Hũa alma que de amarte sò se preza:
Mas como podes tu ser desprezada,
Se o menos que em ti fora se parece
Abrandar pòde montes & aspereza?
Porque se a natureza
Em ti o remate pos da fermosura,
Qual serà a pedra dura
Que a teu vallor resista brandamente?
Quanto mais fraca gente
Que ao humano parecer naõ se defende,
E a mesma Venus Deosa ao teu se rende.

Frondoso.

E pois fe verdadeira, amor perfeito
Tormento desigual, & vida triste,
Iunta com hum cotino soffrimento,
E hum mal em que todo o mal consiste,
Naõ poderaõ mouer teu duro peito,
A amostrares sequer contentamento
De veres meu tormento,

Mas antes isto tudo desprezaste,
E a outrem te entregaste,
Por não me ficar nada em que esperasse:
Senão quando acabasse
A vida, que a meu mal he tão comprida,
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Longo curso de tempo, & apartado
Lugar, a hum coração que está entregue
Não podem apartar de seu intento
Porque foges (cruel) a quem te segue?
Não ves que teu fugir he escusado?
Que sem mi nunca estàs hum sò momento,
Nenhum apartamento
(Inda que a alma do corpo se aparte,)
Poderá ausentarte
Desta alma triste, que continuamente
Em si te tem presente,
Torna cruel, não fujas a quem te ama,
Vem dar a morte ou vida a quẽ te chama.

Frondoso.

A noite escura, triste, & tenebrosa,
Que ja tinha estendido o negro manto,
De escuridade a terra toda enchendo,

Fez por a estes pastores fim ao canto,
Que ao longo da ribeira deleitosa,
Vinhão seu manso gado recolhendo,
Se aquillo que eu pretendo
Deste trabalho auer, que he todo vosso,
Senhora alcançar posso,
Não será muito auer tambem a gloria,
E o lauro da vittoria,
Que Virgilio procura, & auer pretende,
Pois o mesmo Virgilio a vos se rende.

EGLOGA V.

PROSEGVINDO A PASSADA, A Dom Antonio de Noronha.

A Quem darei queixumes namorados,
Do meu paſtor queixoſo namorado?
A branda voz, ſoſpiros magoados,
A cauſa porque n'alma he magoado,
De quem ſeraõ ſeus males conſolados,
Quem lhe fará diuido gaſalhado,
Sò vos (ſenhor) famoſo & excellente,
Eſpecial em graças entre a gente?

Por partes mil lançando a fantaſia,
Buſquei na terra eſtrella que guiaſſe
Meus rudos verſos, em cuja companhia
A ſanta piedade ſempre andaſſe
Luzente & clara como a luz do dia,
Que o rude engenho meu me alumiaſſe,
Em voſſas perfeições (gran ſenhor) vejo
Cumprido inda alem o meu deſejo.

A vos se dem a quem junto se ha dado
Brandura, mansidão, engenho, & arte,
D'hum sprito diuino acompanhado,
Dos sobrehumanos hum em toda a parte,
Em vos as graças todas se hão juntado,
De vos em outras partes se reparte,
Sois claro rayo, sois ardente chama,
Gloria & louuor do tempo, azas da fama.

Em quanto aparelho hum nouo esprito,
E voz de cisne tal que o mundo espante,
Com que de vos, senhor, em alto grito
Louuores mil em toda a parte cante,
Ouui o canto agreste em tronco escritto,
Entre vacas & gado petulante
Que quando tempo for em milhor modo
Por vos me ouuirâ o mundo todo.

As vãs querellas bandas, & amorosas,
Sejão de vos trattadas brandamente,
Verdades d'alma pouco venturosas,
Saidas cõ suspiro viuo, & ardente,
Que em vossas maõs se entregaõ valerosas,
Para despois viuerem entre a gente,
Chorando sempre a antigua crueldade,
E os corações mouerem a piedade.

Ia declinaua o ſol contra o Oriente,
E o mais do dia ja era paſſado,
Quando o paſtor co graue mal que ſente,
Por dar aliuio em parte a ſeu cudado,
Se queixa da paſtora docemente,
Cudando de ninguem ſer eſcutado,
Eu que o ouui d'hũa aruore, eſcreuia
As magoas que cantou, & aſſi dizia.

Ou tu do monte Pindaro es naſcida,
Ou marmor te pario fermoſa & dura,
Que não pòde ſer ſeja concebida
Dureza tal de humana criatura,
Ou es quiçais em pedra conuertida,
E tẽs de natureza tal ventura:
Porem não fez em ti boa impreſſaõ,
Tornarte sò de marmore o coraçaõ.

Ia eſta minha voz rouca & choroſa,
Aa gente mais remota moueria,
E ſe tocaſſe a vea lacrimoſa,
Os tigres em Hircania amanſaria,
Se não foras cruel quanto fermoſa,
Meu longo ſuſpirar te abrandaria,
Mas ſuſpirar por ti, & bem quererte,
Que fazem ſenão mais endurecerte?

Se deixàras vencer a crueldade
De tua taõ perfeita fermoſura,
Hum pouco viras bem minha vontade,
E viras eſta fè taõ limpa & pura,
Por ventura que ouueras piedade
E tiuera eu quiçaes melhor ventura
Mais nunca achei melhor tua belleza,
Senão com verſe em ti tua dureza.

Ia hum peito abrandara que naõ ſente
Meu duro & graue mal ſegundo beforte,
Se deſcera ao inferno fero & ardente
Mouera a piedade a meſma morte,
Sehũa gotta de agoa brandamente
Abranda hum penedo duro & forte,
Como lagrimas tantas não farão
Hum piqueno ſinal num coração?

Na teſta tenho hũa fonte viua dagoa,
Que por meus olhos triſtes ſe derrama,
No peito eſta de fogo hũa viua fragoa,
Que tudo em ſi conuerte & tudo inflama,
A mor ao derredor por mayor magoa
Voando mais a ſende a ardente chama,
E ſe ques ver ſe ardentes ſaõ ſeus tiros,
Olha ſe ſaõ ardentes meus ſuſpiros.

Quando

Quando rumor algum grande se sente,
Que se acende fogo em casa, ou torre,
De pura compaixão vai toda agente
Gritando agoa ao fogo, & cada hum corre,
Assi anda meu peito em chama ardente
E co a agoa dos olhos se socorre,
Que quem me abrasa outra agoa me defende,
Porque com esta o fogo mais se acende.

Quando o Sol sae lá no Oriente
O seu antiguo curso começando,
Fermoso, intenso, puro, & refulgente,
O monte, campo, mar, tudo alegrando,
Quando de nos se esconde no Ponente
E noutras terras sae alumyando
Sempre em quanto dâ ao mundo giro
Por ti meus olhos chorão, & eu sospiro.

Caminha o dia todo o caminhante,
Vem acabado anoite em que descansa,
Trabalha na tormenta o marcante,
Goza o dia sereno & de bonança
Recobra o anno fertil, & abundante
Na terra o laurador se nella cansa,
Mas eu de meu trabalho, & mal tão forte,
Tormento espero em fim, & crua morte.

Co ouuir meu mal as roſas matutinas,
De dò de mi ſe cerrão & emmurcheſcem,
Co meu ſuſpiro ardente, as cores finas
Perdem o crauo, & lirio, & não floreſcem,
Co a roxa aurora as pallidas boninas
Em vez de ſe alegrarem ſe entriſteſcem,
Deixa ſeu canto Progne & Philomena,
Que mais lhe doe que a ſua a minha pena.

Reſponde o monte concauo a meus ais,
E tu como aſpide cerraslhe o ouuido,
As aruores do campo, os animais,
Moſtrão ſentir meu mal ſem ter ſentido,
E ati as minhas dores deſiguais
Não mouem eſſe peito endureſcido:
Por mais & mais que chamo, não reſpondes,
E quanto mais te buſco, mais te eſcondes.

Naquella parte adonde coſtumauas
Apaſcentar teus olhos, & teu gado,
Alli onde mil vezes me moſtrauas
Ser eu de ti o paſto deſejado,
Mil vezes te buſquei por ver ſe dauas
Ainda algum deſcanſo a meu cudado,
No campo em vão te buſco, & buſco o monte,
Qual o ferido ceruo buſca a fonte.

Este lugar de ti desamparado,
Com cujas sombras frias ja folgaste,
Agora triste & escuro he ja tornado,
Que todo o bem contigo nos leuaste:
Tu eras nosso sol mais desejado,
Não temos luz despois que nos deixaste,
Torna meu claro sol, vem ja meu bem,
Qual he o Iosue que te detem?

Depois que deste valle te apartaste,
Não pasce o branco gado com secura,
Secouse o campo desque lhe negaste
Dos teus fermosos olhos a luz pura,
Secouse a fonte donde ja te olhaste,
Quando melhor que agora aspera & dura,
Nega, sem ti, a terra dando gritos,
Pasto às cabras, & leite aos cabritos.

Sem ti doce cruel minha inimiga,
A clara luz escura me parece,
Este ribeiro, quando amor me obriga,
Com meu chorar por ti contino cresce,
Não ha fera que a fome não persiga,
Nem o campo sem ti ja não floresce,
Cegos estão meus olhos, ja não vem,
Pois que não podem ver meu claro bem.

O campo como de antes naõ ſe eſmalta
De boninas azues, brancas, vermelhas,
Naõ choue ao paſto, ja q̃ ha d'agoa falta,
As manſas & pacificas ouelhas
Sem ti perecem, & o cêo tambem lhes falta,
Não achão flor as meliſluas abelhas,
Com lagrimas que manão dos meus olhos,
Produze a terra ja aſperos abrolhos.

Torna pois ja paſtora a eſte prado,
E reſtituirâs eſta alegria,
Alegrarás o monte, o campo, o gado,
Alegrarâs tambem a fonte fria,
Torna, vem ja meu ſol tão deſejado,
Faze eſta noite eſcura em claro dia
E alegra ja eſta magoada vida,
Toda em tua auſencia conſumida.

Vem como quando o rayo eminente
Do noſſo Orizonte, que eſcondido
Deixa hum certo temor â mortal gente,
Que cauſa ver o Orbe eſcureſcido,
E quando torna a vir claro & luzente
Alegra o mundo todo entriſteſcido,
Aſsi he para mi̇ tu a luz pura,
Claro ſol, & auſente noite eſcura.

Tu esqueſida ja do bem paſſado,
E do primeyro amor que me moſtraſte,
Teu coração de mĩ tens apartado,
E o lugar tambem deſamparaſte:
Não te quero eu ati mais que ameu gado?
Não ſou eu meſmo aquelle que tu a maſte?
Pois onde mereſci tão grão deſuio?
Ouueme, pois me ves ja morto & frio.

Bem ves que por amor ſe moue tudo,
E não ha quem d'amor ſe veja iſento,
O animal mais ſimple, baixo, & rudo,
O de maïs leuantado penſamento,
Atè debaixo d'agoa o peixe mudo
Lá tem d'amor tambem ſeu mouimento,
A aue, que no ar cantando voa
Tambem por outra aue ſe affeiçoa.

A muſica do ieue paſſarinho
Que ſem concerto algũ ſolta & derrama,
Saltando de raminho em raminho,
Cantando com amor ſuſpira & chama,
Te a char no amado & doce ninho
Aquelle a quem buſca & aquem ama,
Deſcanſa do trabalho que tomára
Tendo ſò ſeu deſcanſo em quem a chàra.

A fera que he mais fera, & o lião,
Sempre acha outro leão, & outra fera,
Em quem possa empregar hũa affeição,
Que lhe a conuersação no peito gera,
Tambem sabe sentir sua paixão,
Tambem suspira, morre, & desespera,
Acena, salta, brada, ferue, & geme,
E não temendo nada, amor sò teme.

O ceruo que escondido & emboscado,
Temendo o cubiçoso caçador,
Está na selua, mõte, bosque, ou prado,
Alli onde está & viue, viue amor,
D'amor & de temor acompanhado,
Com justa causa amor tem, & temor,
Temor de quem alli ferillo vinha,
E a amor a quem ja ferido o tinha.

Se o animal insensiuel que não sente
Tambem sente d'amor a frecha dura,
Porque te não abranda o fogo ardente
Que procede de tua fermosura,
Porque escondes a luz do sol â gente?
Que nesses olhos trazes bella & pura,
Mais bella, mais suauc, & mais fermosa,
Que o lirio, o Iasmin, o crauo, a rosa.

Pòde ser se me viras, que sintiras,
Ver desfazer hum peito em triste pranto,
E bem pouco fizeras se me viras,
Ia que eu sò por te ver suspiro tanto,
As magoas & suspiros que me ouuiras,
Te podêraõ mouer a grande espanto,
A dor, a piedade, a sentimento,
E mais que pera mais he meu tormento.

Os pensamentos vãos, que o vento leue
O suspirar em vaõ tambem ao vento,
O esperar a calma, a chuua, a neue,
E não te poder ver hum sò momento,
Tormento he que sômente ati se deue,
E se pode inda auer mayor tormento,
Quem te vio, & se vè de si ausente
Muito mais passarâ mais leuemente.

Faz mossa a pedra dura em sua dureza,
Coa agoa que lhe toca brandamente,
Abranda o ferro forte a fortaleza
Se lhe toca tambem o fogo ardente,
Sò em ti não conheço a natureza,
Que a ser de pedra, ferro, ou de serpente,
Ia teu peito cruel fora desfeito
Do fogo, & das lagrimas que deito.

Quando a fermoſa Aurora moſtra a fronte
Alegra toda a terra vendo o dia,
Quando Phebo apareſce no Orizonte,
Manifeſta tambem grande alegria,
Contente come o gado ao pè do monte,
Alegre vay beber à fonte fria,
Tudo contente eſtà, alegre tudo,
Eu sò, sò, penſativo, triſte, & mudo.

Se da alma & do corpo tẽs a palma,
E do corpo ſem alma não tẽs dò,
Ha dò do corpo sò que eſtà ſem alma,
Pois ſem alma não viue o corpo sô
Na chama, no ardor, no fogo, & calma,
Na affeição, no querer, eu ſou hum sò,
Não acharâs vontade mais cattiua,
Nem outra como a tua tão eſquiua.

Se te apartas por não ouuir meu rogo,
Onde eſtiueres te ei de importunar,
Poſto que va por agoa, ferro, ou fogo,
Contigo em toda a parte m'has de achar,
Que a chama que me abraſa he de tal fogo,
Que em quanto eu viuo for ha de durar,
E o nô que me tem preſo he de tal ſorte,
Que não ſe ha de ſoltar em vida ou morte.

Neſte meu coração ſempre eſtarás
Em quanto a alma eſtiuer com elle vnida,
Meu ſpiritu tambem poſſuirâs
Deſpois que a alma do corpo for partida,
Por mais & mais que faças, não faras
Que não te ame neſta & na outra vida,
Impoſsiuel ſerà que eternamente
Eſtês de mĩ auſente eſtando auſente.

Cà me acompanhará tua memoria,
Se o rio que ſe diz do eſquecimento
Da minha não borrar taõ longa hyſtoria,
Tão graue mal, tão duro apartamento,
Atê que eu te veja entrar na gloria,
Viuirei n'hum contino ſentimento,
Inda então ſerâ (ſe iſto ſer poſſa)
Seruir eſta alma minha lâ a voſſa.

Aqui com graue dor, com triſte accento,
Deu o triſte paſtor fim a ſeu canto,
Co roſto baixo, & alto o penſamento
Seus olhos começaraõ nouo pranto,
Mil vezes fez parar no ar o vento,
E apiadou no cêo o coro ſanto,
As circunſtantes ſeluas ſe abaixárão,
De dò das triſtes magoas que eſcutâraõ.

Com hũa mão na face, & encostado,
Em sua dor tão enleuado estaua,
Que como em graue sono sepultado
Não vio o sol que ja no mar entraua:
Berrando anda em roda o manso gado,
Que o seguro curral ja desejaua,
Nas couas as raposas, & em seu ninhos
Se recolhem os simples passarinhos.

Ia sobre hum secco ramo estaua posto
O mocho co funesto & triste pranto,
A cujo som o pastor ergueo o rosto,
E vio a terra enuolta em negro manto,
Quebrando então o fio a seu gosto,
Mas não quebrando o fio a seu pranto,
Para melhor cudar em seu cudado,
Leuou para os currais o manso gado.

EGLOGA VI.

AO DVQVE DAVEIRO.

Alicuto peſcador, Agrario paſtor.

A Ruſtica contenda deſuſada
Entre as Muſas dos boſques, das areas,
De ſeus rudos cultores moduladas:
A cujo ſom attonitas & alheas
Do monte as brancas vaccas eſtiuerão,
E do rio as ſaxatiles lampreas,
Deſejo de cantar, que ſe moueraõ
Os troncos & as auenas dos paſtores,
E os ſilueſtres brutos ſoſpenderão:
Naõ menos o cantar dos peſcadores
As vndas amanſou do alto pego,
E fez ouuir os mudos nadadores.
E ſe por ſuſtentarſe o moço cego
Nos trabalhos agreſtes a alma inflama,
O que he mais proprio no ocio, & no ſoſſego.
Mais marauilhas dando a voz da fama
No meſmo mar vndoſo, & vento frio,
Braſas roxas acende a roxa flama.

Vos (ô ramo de hum tronco alto & ſombrio)
Cuja frondente coma ja cubrio
De Luſo todo o gado & ſenhorio.
E cujo ſaõ madeiro ja ſaîo
A lançar a forçoſa & larga rede,
No mais remoto mar que o mundo vio.
E vos cujo valor tão alto excede
Que cantalo em voz alta & diuina
A fonte de Parnaſo moue a ſede.
Ouui da minha humilde çanfonina,
A armonia que vos aleuantais
Tanto, que de vos meſmo a fazeis dina.
E ſe agora que affabil me eſcutais
Não ouuirdes cantar com alta tuba
O que vos deue o mundo que dourais,
Se os Reis auos voſſos, que de Iuba
Os Reinos deuaſtàrão, não ouuis,
Que nas azas do verſo excelſo ſuba,
Se não ſabem as frautas paſtoris
Pintar de Toro os campos, ſemeados
De armas, corpos fortes, & gentis,
Por hum moço animoſo ſuſtentados,
Contra o indomo pai de toda Eſpanha,
Contra a fortuna vãa, & injuſtos fados.

Hum

Hum moço cujo esforço, animo, & manha
Fez decer do Olympo o duro Marte,
E darlhe a quinta Esphera que acompanha.
Se não sabem cantar a menos parte
Do sapiente peito, & gran conselho
Que pòde (ò Reino illustre) descansarte,
Peito que o douto Apollo fez vermelho,
Deixar o sacro monte & às noue irmãs,
Diz que a elle se affeitem como a espelho:
Saberão sò cantar as suas vãs
Contendas, de Alicuto vil & Agrario,
Hum d'escamas cuberto, outro de lãs.
Vereis (Duque sereno) o estillo vario,
A nòs nouo, mas noutro mar cantado,
D'hum que sò foi das Musas secretario:
O pescador sincero, que amansado
Tem o pego do Pocrita co canto,
Pellas sonoras ondas compassado.
Deste seguindo o som que pòde tanto,
E misturando o antigo Mantuano,
Façamos nouo estillo, & nouo espanto.
Partirase do monte Agrario insano,
Para onde a força sò do pensamento,
Lhe encaminhaua o lasso peso humano.

Embebido n'hum longo esquecimento
De si, & do seu gado, & pobre fato,
Apos d'hum doce sonho, & fingimento.
Rompendo as siluas horridas do mato,
Vai por cima de outeiros & penedos,
Fugindo emfim de todo humano tratto.
Ante os seus olhos leua os olhos ledos,
Da branca Diamene, que enuerdesce
Sò co meneo os valles & rochedos.
Ora se ri consigo quando tece
Na fantasia algum prazer fingido,
Hora falla, hora mudo se entristesce.
Qual a tenra nouilha, que corrido
Tem montanhas fragosas, & espessuras,
Por buscar o cornigero marido,
E cansada nas humidas verduras,
Cair se deixa ao longo do ribeiro,
Ia quando as sombras vem descendo escuras.
E nem coa noite ao valle seu primeiro,
Se lembra de tornar como soîa,
Perdida pello bruto companheiro.
Tal Agrario chegado emfim se via,
Onde o gran pego horrissono suspira,
N'hũa praya arenosa, humida & fria.

Tanto que ao mar estranho os olhos vira,
Tornando em si de longe ouuio tocarse
De douta mão, naõ vista, & noua lyra.
Fello o som desusado desuiarse,
Para onde mais soaua desejando
DE ouuir & conuersar, & de prouarse,
Não tinha muito espaço andado, quando
N'hũa concauidade de hum penedo
Que pouco & pouco fora o mar cauando,
Topou c'hum pescador que pronto & quedo
N'hũa pedra assentado brandamente
Tangendo, fazia o mar sereno & ledo.
Mancebo era de idade florescente,
Pescador grande do alto, conhecido
Pello nome de toda a humida gente.
Alicuto se chama, que perdido
Era pella fermosa Lenoria,
Nympha que tem o mar ennobrescido.
Por ella as redes lança noite & dia,
Por ella as ondas tumidas despreza,
Por ella soffre o sol & a chuua fria.
Co seu nome mil vezes a braueza
Dos ventos feros amansou co verso,
Que remoue das rochas a dureza.

E agora em som de voz suaue & terso
Está seu nome aos eccos ensinando
Por estillo do agreste som diuerso:
Do qual Agrario attonito afloxando
Da fantasia hum pouco seu cudado,
Suspenso esteue, os numeros notando:
Mas Alicuto vendose estrouado
Pello pastor da musica diuina
Aleuantando o rosto sossegado,
Lhe diz assi: Vaqueiro da campina
Que vẽs buscar âs arenosas prayas,
Ond'a bella Amphitrite sò domina?
Que razão ha pastor porque te sayas
Pera o nosso escamo & vil terreno,
Dos mui floridos myrthos, & altas fayas?
Que se agora o mar ves brando & sereno,
E estenderemse as ondas pella area
Amanssadas das agoas com que peno,
Veras logo o como desenfrea
Eolo o vento pello mar vndoso,
De sorte que Neptuno o arrecea.
Responde Agrario: ò musico & amoroso
Pescador, eu não venho a ver o lago
Brauo quieto, ou o vento brando, & iroso:

Mas

Mas o meu pensamento, com que apago
As flamas ao desejo, me trazia
Sem ouuir & sem ver suspenso & vago.
Atè que a tua Angelica armonia
Me acordou, vendo o som com que aqui cantas
A a tua perigosa Lemnoria.
Mas se de verme ca no mar te espantas,
Eu me espanto tambem do estillo nouo
Com que as ondas horrisonas quebrantas:
O qual posto que certo louuo & aprouo
Desejo de prouar contra o silueſtre
Antigo pastoril, que eu mal renouo.
E tu que no tocar pareſces meſtre,
Podes julgar ſe ha clara differença
Entre o nouo maritimo & o campeſtre.
Não ha (diſſe Alicuto) em mi detença,
Mas antes alvoroço, inda que veja
Que eſſa tua confiança sò me vença.
Mas porque ſaibas que nenhũa inueja
Os peſcadores tem aos paſtores,
No ſom que pello mundo ſe deſeja,
Toma a lyra na mão que os moradores
Do vitreo fundo vejo ja juntarſe,
Para ouuir noſſos ruſticos amores.

E bem

E bem ves pella praya apresentarse
Nas conchas varia cor à vista humana,
E o mar vir por antr'ellas, & tornarse.
Sossegado do vento a furia insana,
Encrespa brandamente o ameno rio
Que seu licor aqui mestura & dana.
Este penedo concauo & sombrio,
Que de cangrejos ves estar cuberto,
Nos dà abrigo do sol quieto & frio.
Tudo nos mostra emfim repouso certo,
E nos conuida ao canto com que os mudos
Peixes saem ouuindo ao ar aberto.
Assi se desafião estes rudos
Poetas, nos officios discrepantes,
Nos engenhos porem sotis & agudos.
E ja mil companheiros circunstantes
Estauão para ouuir & aparelhauão
Ao vencedor os premios semelhantes.
Quando ja as lyras subito tocauão
Agrario começaua & da armonia
Os pescadores todos se admirauão,
E desta arte Alicuto respondia.

Agrario.

Vos semicapros Deoses do alto monte,
Faunos longeuos, Satyros, Syluanos,
E vos Deosas do bosque & clara fronte,
Ou dos troncos que viuem largos annos,
Se tendes pronta hum pouco a sacra fonte,
A nossos versos rusticos & humanos,
Ou me dai ja a coroa de loureiro,
Ou penda a minha lyra d'hum pinheiro.

ALICVTO.

Vos humidas Deidades deste pego,
Tritões ceruleos, Proteo, com Palemo,
E vos Nereidas do sal em que nauego,
Porque do vento as furias pouco temo.
Se as vossas ricas aras nunca nego,
O congro nadador na pâ do Remo,
Não consintais que a musica marinha
Vencida seja aqui da lyra minha.

AGRARIO.

Pastor se fez hum tempo o moço louro,
Que do sol as carretas moue & guia,
Ouuio o rio Amphriso a lyra douro,
Que o seu sacro inuentor alli tangia.
Io foi vacca, Iupiter foi touro,
Mansas ouelhas junto da agoa fria
Guardou o fermoso Adonis, & tornado
Em bezerro Neptuno foi ja achado.

Alicuto. Pescador ja foi Glauco, o qual agora
Deos he do mar Protheo, & Focas guarda
Nasceo no pego a Deosa que he senhora
Do amoroso prazer, que sempre tarda,
Se foi bezerro o Deos que a moradora
Tambẽ ja foi Delphin, & quem resguarda
Verâ que os moços pescadores eraõ
Que o escuro enigma ao vate derão.

AGRARIO.

Fermosa Dinamene, se dos ninhos
Os implumes penhores ja furtei
Aa doce philomena, & dos mortinhos
Para ti (fera) as flores apanhei,
E se os crespos madronhos nos raminhos
Ati com tanto gosto apresentei,
Porque não das a Agrario desditoso
Hum sò reuoluer d'olhos piadoso?

ALICVTO.

Para quem trago eu d'agoa em vaso cauo
Os curuos camarões viuos saltando?
Para quem as conchinhas ruiuas cauo?
Na praya os brancos buzios apanhando?
Para quem de margulho no mar brauo
Os ramos de coral venho arrancando?
Senaõ pera a fermosa Lenoria,
Que c'hum sò riso a vida me daria?

Agr. Quẽ vio ja o deſgrenhado & creſpo inuerno
D'altas nuuẽs veſtido, horrido, & feo,
Ennegreſcendo a viſta o cèo ſuperno,
Quando arranca os troncos o rio cheo,
Rayos, chuuas, trouões, hum triſte inferno,
Moſtra ao mundo hum pallido receo,
Tal he o amor cioſo a quem ſoſpeita
Que outrem de ſeus trabalhos ſe aproueita.

ALICVTO.

Se alguem vio pello alto o ſibilante
Furor, deitando flamas & bramidos,
Quando as paſmoſas ſerras traz diante
Horrido aos olhos, horrido aos ouuidos,
Abraços derrubando o ja nutante
Mundo, cos Elementos deſtruidos,
Aſsi me repreſenta a fantaſia
A deſeſperação de ver hum dia.

AGRARIO.

Minh'alua Dinamene, a Primauera
Que os campos deleitoſos pinta & veſte,
E rindoſe hũa cor aos olhos gêra
Com que na terra vem o arco celeſte,
O cheiro, roſas, flores, a verde era,
Com toda a fermoſura amena, agreſte,
Não he para meus olhos tão fermoſa,
Como a tua que abate o lirio & roſa.

Alicuto.

Alic. As conchinhas da praya que apresentão
A cor das nuuens, quando nasce o dia,
O canto das Sirenas, que adormentão
A tinta que no murice se cria,
Nauegar pellas agoas que se assentão
Co brando bafo quando a sesta he fria,
Não podem Nympha minha assi aprazerme,
Como verte hũa hora alegre verme.

AGRARIO.

A Deosa que na Lybica alagoa
Em forma virginal apareceo,
Cujo nome tomou que tanto soa,
Os olhos bellos tem da cor do cêo,
Garços os tem, mas hũa que a coroa
Das fermosas do campo mereceo
Da cor do campo os mostra graciosos,
Quem diz que não saõ estes os fermosos?

ALICVTO.

Perdoemme as deidades, mas tu diua
Que no liquido marmol es gerada,
A luz dos olhos teus celeste & viua
Tẽs por vicio amoroso atraueſſada,
Nòs pretos lhe chamamos, mas quem priua
Do dia o lume baixa & sossegada,
Traz a do seus nos meus que o não nego,
E comtudo isso inda assi estou cego.

Assi

Assi cantauão ambos os cultores
Do monte & praya, quando os atalhárão
A hum pastores, outro pescadores,
E quaisquer a seu vate coroarão
De capellas idoneas & fermosas,
Que as Nymphas lhe tecerão & ordenárão.
A Agrario de mortinhos & de rosas
A Alicuto de hum fio de torcidos
Buzios, & conchas ruiuas & lustrosas.
Estauão n'agoa os peixes embebidos,
Co as cabeças fora, & quasi em terra,
Os musicos delphins estão perdidos.
Julgauão as pastoras que na serra
O cume & preço esta do antigo canto,
Que quem o nega contra as Musas erra.
Dizem os pescadores que outro tanto
Tem da sonora frauta quanto teue
O campo pastoril de antigo manto.
Mas ja o pastor de Admeto o carro leue
Molhaua n'agoa amara, & compellia
A recolher a roxa tarde & breue,
E foi fim da contenda o fim do dia.

EGLOGA VII.

Intitulada dos Faunos, dirigida a dom Antonio de Noronha.

AS doces cantilenas, que cantauão
Os ſemicapros Deoſes amadores,
Das Napeas, que os montes habitauão:
Cantando eſcreuerei, que ſe os amores
Aos ſilueſtres Deoſes maltratârão,
Ia ficão deſculpados os paſtores.
Vos (ſenhor dom Antonio) aonde achârão
O claro Apollo & Marte hum ſer perfeito,
Em que ſuas altas mentes aſſinârão,
Se meu ingenho he rudo & imperfeito,
Bem ſabe onde ſe ſalua, pois pretende
Leuantar co a cauſa o baixo effeito.
Em vos minha fraqueza ſe defende,
Em vos inſtilla a fonte de Pegaſo,
O que meu canto pello mundo eſtende.
Vedes que altas Muſas do Parnaſo
Cantando vos eſtão na doce lyra,
Tomandome das maõs taõ alto caſo:

Vedes o louro Apollo, que me tira
De louuar voſſa ſtirpe, & eſcureſce
O que em voſſo louuor meu canto aſpira.
Ou por me auer inueja me falleſce,
Ou por não ver ſoar na frauta rude
O que a ſonora cithara mereſce.
Pois ſei vos, ſenhor, dizer, que a lingoa muda
Em quanto progne triſte o ſentimento,
Da corrompida irmã co pranto ajuda.
E em quanto Galathea ao manſo vento
Solta os cabellos louros da cabeça,
E Tityro nas ſombras faz accento.
E em quanto flor aos campos não falleça,
(Se nõ recebeis iſto por affronta)
Farâ que o Douro & o Ganges vos conheça.
Eja que a lingoa niſto fica prompta,
Conſenti que a minha Egloga ſe conte
Em quanto Apollo as voſſas couſas conta.
No cume do Parnaſo duro monte,
De ſilueſtre aruoredo rodeado,
Naſce hũa criſtallina & clara fonte,
Donde hum manſo Ribeiro diriuado,
Por cima d'aluas pedras, manſamente
Vay correndo ſuaue & ſoſſegado.

O murmurar das ondas excellente,
Os passaros excita, que cantando,
Fazem o monte verde mais contente.
Taõ claras vaõ as agoas caminhando
Que no fundo as pedrinhas delicadas
Se pode hũa & hũa estar contando.
Não se veraõ ao redor pisadas
De fera ou de pastor que alli chegasse,
Porque do espesso monte saõ vedadas.
Herua se não verà, que alli criasse
O monte ameno, triste, ou venenosa,
Senaõ que la no centro as igualasse.
O roxo lirio apar da branca rosa,
Acecem branca, & a flor que dos amantes
A cor tem magoada, & saudosa.
Alli se vem os myrthos circunstantes,
Que a cristallina Venus encubriraõ,
Da companhia dos Faunos petulantes.
Ortelã, manjarona, alli respiraõ,
Onde nem frio inuerno, ou quente estio,
As murchárão jamais, ou secas viraõ.
Desta arte vay seguindo o curso o rio,
O monte inhabitado, & deserto,
Sempre com verdes aruores sombrio.

Aqui hũa linda Nympha por acerto
Perdida da fragueira companhia,
A quem este alto monte era encuberto.
Cansada ja da caça vindo hum dia,
Quis descansar â sombra da floresta,
E tirar nas mãos aluas da agoa fria.
E vendo a nouidade manifesta
Do sitio, & como as aruores co vento
As calmas defendião da alta sesta,
Das aues o lasciuo mouimento,
Que em seus modulos versos occupadas
As asas dão ao doce pensamento.
Tendo notado tudo, ja passadas
As horas da gran sesta se tornou
A buscar as irmãs no centro amadas.
Depois que largamente lhes contou
Do não visto lugar que perto estaua,
Que tanto por estremo a namorou.
Que ao outro dia fossem lhes rogaua
A lauarse naquella fonte amena,
Que tão fermosas agoas distilaua,
Ia tinha dado hum giro a luz serena
Do gran pastor de Admeto, & ja nascia,
Aos ditosos amantes noua pena,

Quando as fermosas Nymphas a porfia
Pera o lugar do monte caminhauão,
Rompendo a manhã roxa, alegre & fria,
De hũa os cabellos louros se espalhauão,
Pello fermoso collo sem concerto,
Com dous mil nós suaues se enlaçauão.
Outra leuando o collo descuberto,
Por mais despejo em tranças os atára,
Auendo por pesado o desconcerto.
Dinamene, & Plire a quem topára,
Nuas Phebo n'hum rio, & encubrirão
Seus delicados corpos n'agoa clara,
Sirene, & Nise, que das mãos fugirão
Do Tegeo Pan, Amanta & Elysa,
Destras nos arcos, mais que quantas tirão.
A linda Daliana, com Belisa,
Ambas vindas do Tejo, que como ellas
Nenhũa tão fermosa as heruas pisa.
Todas astas Angelicas donzellas,
Pello viçoso monte alegres hião,
Quais no cèo largo as nitidas estrellas.
Mas dous silueſtres Deoses que trazião
O pensamento em duas occupado,
A quem de longe mais que a si querião.

Não

Não lhe ficaua monte, valle, ou prado,
Nem aruore por onde quer que andauaõ,
Que naõ soubesse delles seu cudado.
Quantas vezes os rios que passauaõ
Detiueraõ seu curso, ouuindo os dannos,
Que ate os duros montes magoauaõ.
Quantas vezes amor de tantos annos
Abrandàra qualquer vontade isenta,
Se em Nymphas coraçoẽs ouuesse humanos.
Mas qnem de seu cudado se contenta,
Offereça de longe a paciencia,
Que amor de alegres magoas se sustenta.
Que o moço Idalio quis nesta sciencia
Que se compadecessem dous contrarios,
Digao quem tiuer delle experiencia.
Indo os Deoses emfim por montes varios,
Exercitando os olhos saudosos,
Ao cristallino rio tributarios,
Topârão dos pès aluos & mimosos
As pisadas na terra conhecidas,
As quais foraõ seguindo presurosos.
Mas encontrando as Nymphas, que despidas
Na clara fonte estauaõ, não cudando
Que d'alguem fossem vistas, ou sentidas,

Deixarãose estar quedos, contemplando
As feições nunca vistas, de maneira
Que vissem sem ser vistos, espreitando.
Porem a espessa mata, mensageira
Da futura cilada, co rugido
Dos raminhos d'hũa aspera auelleira,
Mostrando a hum dos Deoses escondido,
Todas tamanha grita alleuantàraõ,
Como se fosse o monte destruido.
E logo assi despidas se lançarão
Pella espessura tão ligeiramente,
Que mais então que os ventos auoarão.
Qual o bando das pombas, quando sente
A fermosa Aguia cuja vista pura
Não obedesce ao sol resplandescente.
Empresta lhe o temor da morte dura
Nas asas noua força, & não parando
Cortaõ o ar, & rompem a espessura.
Dest'arte vaõ as Nymphas, que deixando
De seu despojo os ramos carregados
Nuas por entre as siluas vão voando.
Mas os amantes ja desesperados
Que para as alcançar em fim se viaõ,
Nada dos pês caprinos ajudados.

Com amorosos brados as seguiaõ,
Hum sò, que o outro ainda naõ tomaua
Folego algum da pressa que traziaõ,
Mas despois descansado se queixaua.

Primeiro Satyro.

Ah Nymphas fugitiuas,
Que sô por naõ vsar humanidade,
Os perigos dos matos não temeis,
Para que sois esquiuas,
Que inda de nos naõ peço piedade,
Mas dessas aluas carnes que offendeis?
Ah Nymphas não vereis
Que Eurydice fugindo dessa sorte
Fugio do amante, & naõ da fera morte?
Tambem assi Alcithoe foi mordida
Da bibora escondida,
Olhay que toda a Nympha na herua verde
Que a condição naõ perde perde a vida.

Que tigre, ou que leão,
Que peçonhenta fera, venenosa,
Ou que inimigo emfim vos vay seguindo?

D'huma

D'hum brando coraçaõ,
Que preso dessa vista riguroſa,
De ſi para vos foge, andais fugindo?
Olhay que em geſto lindo,
Não ſe conſente peito taõ diſforme,
Se não quereis que tudo ſe conforme,
Poſto que bellas n'agoa vos vejais,
Aa fonte naõ creais,
Que vos traz enganada ſua vingança,
Deſta noſſa eſperança que enganais.

Mas ah que naõ conſinto
Que nem pallaura minha vos offenda,
Poſto que me deſculpa a magoa pura,
Nymphas digo que minto,
Que não pôde auer nunca quem pretenda
De deſfazer em voſſa fermoſura,
Se amor de tanta dura
Por tanto mal tão pouco bem mereſce,
Naõ eſtranheis minh'alma, que endoudece,
Que ſe falla doudices de improuiſo,
Sem tento nem auiſo,
Queira Deos que dureza taõ creſcida
Que me não tire a vida alem do ſiſo.

Couſas grandes & eſtranhas
Tem pello mundo feito & faz natura,
Qu'a quẽ vos não vio (Nymphas) muito eſpantaõ,
Nas Libycas montanhas
Os Crocodillos feros, de pintura
Taõ ſingular, que sò co a viſta encantão,
A ſua voz leuantaõ
Taõ propia & natural â voz humana,
Que a quem a ouue facilmente engana,
E vos (ô gentes feras) cujo aſpeito
O mundo tem ſogeito
Tendes de natureza juntamente
A viſta, & voz de gente, & fero o peito.

Das amoroſas leis
Com que liga natura os coraçoẽs
Andais fugindo (Nymphas) na eſpeſſura,
Como não vos correis
Que aja em vos tão duras condiçoẽs,
Que poſſaõ mais que a prouida natura?
Se voſſa fermoſura
He ſobrenatural, naõ he forçado
Que aſſi tenha tambem o peito irado:
Mas antes ao amor em cuja mão

Os corações estão
Por vossa gentileza taõ fermosa,
Lhes deueis amorosa condição.

Amor he hum brando affeito,
Que Deos no mundo pos & a natureza,
Para aumentar as cousas que criou,
De amor está sogeito
Tudo quanto possue a redondeza,
Nada sem este affeito se gerou,
Por elle conseruou
A causa principal o mundo amado,
Donde o pay famulento foi deitado,
As cousas elle as atta & as conforma,
Com o mundo reforma,
A materia, quem ha que não o veja?
Quanto meu mal deseja sempre forma?

Entre as heruas dos prados
Naõ ha machos & femeas conhescidas
E junto hũa da outra permanesce?
Naõ estão carregados
Os vlmeiros das vides retorcidas,
Onde o cacho enforcado amadurece?

Naõ

Não vedes que padesce
Tanta tristeza a rola pella morte
De sua amada & vnica consorte?
Pois la no Olympo a quantos catiuou
Cupido, & maltrattou?
Milhor qu'eu o dirà a sutil donzella,
Que la na sua tella o dibuxou.

Ah caso grande & graue,
Ah peitos de diamante fabricados,
E das leis absolutas naturais,
Aquelle amor suaue,
Aquelle poder alto, que forçados
Os Deoses obedescem desprezais?
Pois quero que saibais
Que cõtra o fero amor nunca ouue escudo,
O seu costume he vingança em tudo,
Eu vos vereis deitar em hum momento,
Sospiros mil ao vento,
Lagrimas, tristes tantos, noua dor,
Por quẽ tenha outro amor no pensameto.

Mais quisera dizer
O desditoso amante, que ajudado

Se

Se via então da magoa & da triſteza,
Mas foilho defender
O outro companheiro como irado,
Com tão disforme & aſpera dureza,
Aquillo que a rudeza
E a ſciencia agreſte lhe enſinàra,
Imaginando como que acordàra
D'hum ſonho arrancãdo d'alma hũ grito.
O mais que alli foi ditto,
Vos montes o direis, & vos penedos,
Que em voſſos aruoredos anda eſcritto.

Satyro ſegundo.

Nem vos naſcidas ſois de gente humana,
Nem foi humano o leite que mamaſtes,
Mas d'algũa disforme fera Hircana,
La no Caucaſo monte vos criaſtes,
Daqui tomaſtes a aſpereza inſana,
Daqui o frio peito congelaſtes,
Sois Sphinges nos geſtos naturais,
Que o roſto sò de humanas amoſtrais.

Se

Se vos fostes criadas na espessura,
Onde não ouue cousa que se achasse
Animal, herua verde, ou pedra dura,
Que em seu tempo passado não amasse,
Nem a quem a affeição suaue & pura
Nessa presente forma não mudasse:
Porque não deixareis tambem memoria
De vos, em namorada & longa hystoria?

Olhai como na Arcadia soterrando
O namorado Alpheo sua agoa clara
La na ardente Sicilia vay buscando
Por debaixo do mar a Nympha chara,
Assi mesmo vereis passar nadando
Acis, que Galathea tanto amara,
Poronde do Cicople a grande magoa
Conuerteo do mancebo o sangue em agoa.

Virai os olhos (Nymphas) a Erycina
Espessura vereis alli tornarse
Egeria em fonte clara & cristallina,
Pella morte de Numa destillarse
Olhai que a triste Biblis vos ensina
Com perderse de todo & transformarse
Em lagrimas que emfim poderão tanto
Que accrescentarão sempre o verde manto.

Se

Se entre as claras agoas ouue amores,
Os penedos tambem foraõ perdidos,
Olhay os dous conformes amadores,
No monte Ida em pedra conuertidos,
Lethea por cayr em vaõs errores,
De ſua fermoſura procedidos,
Oleno porque a culpa em ſi tomaua,
Por não ver caſtigar quem tanto amaua.

Tomay exemplo, & vede em Cypro aquella
Por quem Iphis no laço poſ a vida,
Tambem vereis em pedra a Nympha bella,
Cuja voz foi por Iuno conſumida,
E ſe qucixar ſe quer de ſua eſtrella,
A voz extrema sò lhe he concedida,
E tu tambem (ô Daphne) que trouxeſte
Primeiro ao monte o doce verſo agreſte.

Tamanho amor tinha â branda amiga,
Que em inimiga emfim ſe foi tornando,
Porque outra Nympha eſtranha oſogiga
Suas magicas heruas vay buſcando,
Olhay a cruador a quanto obriga,
Que por vingar ſua ira, transformando
Se foi em pedra, ô dura confuſaõ,
Depois lhe peſaria, mas em vão.

Olhai (Nimphas) as aruores alçadas,
A cuja ſombra andais colhendo flores,
Como em ſeu tempo forão namoradas,
Que inda agora o tronco ſente as dores,
Vereis tambem, ſe fordes alembradas,
Como a cor das amoras he de amores,
Em ſangue dos amantes na verdura
Teſtemunha he de Tisbe a ſepultura.

E lâ pella odorifera Sabea,
Não vedes que de lagrimas daquella
Que com ſeu pay ſe ajunta & ſe recrea,
Arabia ſe enriqueſce & viue della,
Vede mais a verde aruore Penea,
Que foi ja noutro tempo Nympha bella,
E Cypariſſo angelico mancebo,
Ambos verdes com lagrimas de Phebo.

Eſtá o moço de Phrigia dilicado
No mais alto aruoredo conuertido,
Que tantas vezes fere o vento irado
Galardão de ſeus erros mereſcido,
Que da alta Bericinthia ſendo amado;
Por hũa Nympha baixa foi perdido,
E a Deoſa a quem perdeo do penſamento,
Quis que tambem perdeſſe o entendimento.

O ſubito furor lhe afiguraua
Que o monte, as caſas, & aruores cahiaõ,
Ia dos pudicos membros ſe priuaua,
Que a Deoſa & a furia grande o conſtrangiaõ.
Ia no indino monte ſe lançaua,
De ſua morte as feras ſe doiaõ,
Deſt'arte perdeo Athis na eſpeſſura
Deſpois de tantas perdas a figura.

Lembrevos quando as gentes celebrauaõ
Em Grecia as grandes feſtas de Lyeo,
Onde as fermoſas Nymphas ſe juntauaõ
E os ſacros moradores do Lyceo,
Todos em doce ſono ſe occupauaõ
Pello monte depois que anoiteceo,
Mas o Deos do Heleſponto naõ durmia,
Que hum nouo amor o ſono lhe impedia.

Mas ella emfim os braços eſtendendo,
Em ramos ſe lhe foraõ transformando,
Em rayzes os pès ſe vaõ torcendo,
E o nome Lotho sô lhe vay ficando,
Vede Napeas eſte caſo horrendo,
Que vos eſtâ de longe ameaçando,
Que aſſi tambem aquella a quem ſeguia
O ſacro Pan, a forma sò perdia.

E que direis de Philis, que perdida
Da ſaudoſa dor em que viuia,
Com deſesperaçaõ emfim trazida
Do comprido eſperar de dia em dia,
Por deſatar do corpo a triſte vida
Ataua ao colo a cinta que trazia,
Mas o tronco ſem folha pello monte
Rhodope, abraça o lento Demophonte.

Nas boninas tambem vereis Iacintho,
Por quem Phebo de ſi ſe queixa em vaõ,
Vereis o monte Idalio em ſangue tinto,
Do neto de ſeu pai, da mãy irmão,
Chora Venus a dor do moço extinto,
Maldiz o cèo & a terra com razaõ,
A terra porque logo naõ ſe abrio,
O cêo porque tal morte permittio.

E tu conſtante Clyeie, a quem falleſce
A fé de teus amores enganoſos,
No louro amante que de ti ſe eſquece,
Se eſquecem os teus olhos ſaudoſos,
Nenhum alegre eſtado permaneſce,
Que ſaõ do mundo os goſtos mintiroſos,
E tu ò clara luz por quem ſuſpiras,
Ainda agora em herua a folha viras.

Tragovos estas cousas â lembrança,
Porque se estranhe mais vossa crueza,
Com ver que a criaçaõ & longa vsança
Vos não preuerte & muda a natureza,
Dou estas lagrimas minhas em fiança
Que em tudo quanto está na redondeza
Cousa ha de amor isenta, se atentais,
Em quanto a vos não virdes não vejais.

Ia vos disse que de amor sempre tiuerão
As cousas insensiueis pena & gloria,
Vede as sensiueis como se perderaõ,
E dirvos ey das aues larga hystoria,
Que as penas que em sua alma se soffreraõ,
Nas asas lhe ficarão por memoria.
E aquelle aliuio, & leue mouimento,
Lhe ficou sô por dor do pensamento.

O doce roxinol, & a andorinha,
De donde ellas se foraõ transformando,
Senão do puro amor que o Thracio tinha
Que em Poupa inda armado a anda chamando?
Chama sem culpa â misera auezinha,
Que nas areas de Assis habitando
Do rio toma o nome, & assi se vay,
Chamando à mãy cruel, & Mouro o pay.

Vede

Vede a que engeitou Pallas por falar,
Que dos amores he mayor defeito,
E aquella que ſucede em ſeu lugar
Ambas aues do mar vſado effeito.
Hũa porque fugia ao Deos do mar,
Outra porqae temera o patrio leito,
E Silla que a ſeu pai pos em perigo,
Sò por ſer muito amiga do enemigo.

A elle lhe ficàrão ainda as cores
Da purpurea Real que ter ſoîa
Eſaco, que ſeguindo ſeus amores
O trouxe a ver tão cedo o eſtremo dia,
Ou vede os dous taõ firmes amadores,
Que amor aues tornou na praya fria,
Do Rei dos ventos era genro o triſte,
Mas contra o fado emfim nada reſiſte.

Eſtaua a triſte Alcyone eſperando
Com longos olhos o marido auſente,
Mas os irados ventos aſſoprando,
Nas agoas o afogarão triſtemente,
Em ſonhos ſe lhe eſtâ repreſentando
Que o coração preſago nunca mente,
Sô do bem as ſoſpeitas mintirão,
Que as do mal futuro certas ſaõ.

Ao pranto os olhos seus a triste ensaya,
Buscando o mar com elles hia & vinha,
Quando o corpo sem alma achou na praya,
Sem alma o corpo achou, que n'alma tinha,
Nereidas do Egèo consolaya,
Pois este triste officio vos conuinha,
Consolaya, sabi das vossas agoas,
Se consolação ha em grandes magoas.

Mas ò nescio de mĩ, que estou fallando
Das auezinhas mansas, & amorosas,
Se tambem teue amor poder & mando
Entre as feras montezes venenosas,
O leão & a leoa, como ou quando
Tais formas alcançârão temerosas,
Sabeo da Deosa Dindymene o demplo,
E a que o deu a Adonis por exemplo.

Quem fosse a mansa vacca diloîa,
Mas o gran Nilo o diga que a adora,
Que força tem a Vrsa saber sehia
Do Polo Boreal donde ella mora:
O caso de Actcon tambem dirta
Em ceruo transformado, & milhor fora
Que dos olhos perdera a vista escura
Que escolher nos seus galgos sepultura.

Daqui se tirârão duas oitauas.

Tudo

Tudo isto Acteon vio na fonte clara,
Aonde a si de improuiso em ceruo vio,
Que assi quem desta arte alli o topàra,
Que se mudasse em ceruo permittio,
Mas como o triste amante em si notàra
A desusada forma, se partio,
Os seus que o não conhecem, o vão chamando,
E estando alli presente o vão buscando.

Cos olhos & co gesto lhes fallaua,
Que a voz humana ja mudada tinha,
Qualquer delles por elle então chamaua,
E a multidão dos cães contra elle vinha,
Que viesse ver hum ceruo lhe gritaua,
Acteon aonde estâs acude asinha,
Que tardar tanto he este, (lhe dizia)
He este, he este, o ecco respondia.

Quantas cousas em vão estou fallando,
(ô esquiuas Napeas) sem que veja
O peito de diamante hum pouco brando,
De quem meu danno tanto sò deseja,
Pois por mais que de mi̇ andeis tirando,
E por mais longa em fim que a vida seja,
Nunca em mi̇ se verá tamanha dor,
Que amor a não conuerta em mais amor.

Aqui (ò Nymphas minhas) vos pintei
Todo de amores hum jardim ſuaue,
Das aues, pedras, agoas vos contei,
Sem me ficar bonina, fera, ou aue:
Se o amor dos peitos que deixei
Que dos contentamentos tem a chaue,
Por dita em tempo algum determinaſſe
Que de tão longos dannos vos peſſaſſe.

Quanto mais de vagar vos contaria
De minha larga hyſtoria, & não alhea,
E com quanta mais agoa regaria
De contente, que o rio a branca area,
Entre os contentamentos me ſeria
Eſte hum não cudado, & grande idea,
E vos goſtando deſte eſtado vfano,
Zombareis então de voſſo engano.

Mas com quem fallo, ou que eſtou gritando,
Pois não ha nos penedos ſentimento?
Ao vento eſtou pallauras eſpalhando,
A quem as digo corre mais que o vento,
A voz, & a vida, a dor me eſtão tirando,
E não me tira o tempo o penſamento,
Direi emfim as duras eſquiuanças,
Que sò na morte tenho as eſperanças.

Aqui o triſte Satiro acabou,
Com ſaluços que a alma lhe arrancauão,
E os montes inſenſiueis que abalou
Nas vltimas repoſtas o ajudauão,
Quando Phebo nas agoas ſe encerrou,
Cos animais que o mundo alumiauão,
E co luzente gado appareceo
A celeſte paſtora pello cêo.

EGLOGA VIII.

PESCATORIA.

ARde por Galathea branca & loura,
Sereno pescador pobre, forçado
D'hũa estrella cruel, que â miugoa moura.
Os outros pescadores tem lançado
No Tejo as redes, elle sò fazia
Este queixume ao vento descuidado.
Quando virà (fermosa Nympha) o dia
Em que te possa dar a conta estreita,
Desta doudice triste, & vã porfia?
Naõ ves que me foge a alma, & que m'engeita,
Buscando n'hum sò riso da tua boca,
Nos teus olhos azuis mansa colheita?
Se a esse spiritu algũa magoa toca,
Se d'amor fica nelle hũa pègada,
Que te vay, Galathea, nesta troca?
Dart'ei minh'alma, la matẽs roubada,
Naõ ta demandarei, dame por ella
Hũa sò volta d'olhos descuidada.

Se

Se muito te parece, & minha estrella
Não consentir ventura tão ditosa,
Doute as asas do amor perdidas nella.
Que mais te posso dar Nympha formosa,
Inda que o mar daljofar me cubrira
Toda esta praya leda & graciosa?
Amansão ondas, quebra o vento a ira,
Minha tormenta triste não sossega,
Arde o peito em vão, em vão sospira.
Ao romper d'alua anda a neuoa cega,
Sobre os montes d'Arrabida viçosos,
Em quanto a elles a luz do sol não chega.
Eu vejo aparecer outros fermosos
Rayos, que a graça & cor ao cêo roubârão,
Ficão meus olhos cegos mais saudosos.
Quantas vezes as ondas se encresparão,
Com meus suspiros, quantas com meu pranto
Se parârão com magoa, & me escutârão.
Se na força da dor a voz leuanto,
E ao som do remo que a agoa vay ferindo,
Por alta lũa meu cudado canto.
Os manuosos delphins me estão ouuindo,
A noite sossegada, o mar calado
Só Galathea foges, & vas rindo.

Estrao

Estranhas por ventura o mar cercado
Da fraca rede, a barca ao vento solta,
E hum pobre pescador aqui lançado?
Antes que o sol dê no cèo hũa volta,
Se pode melhorar minha ventura,
Como acontesce aos outros n'agoa enuolta,
Igual preço não he da fermosura
Area d'ouro, que o rico Tejo espraya,
Mas hum amor que pera sempre dura.
Vejão teus olhos (bella Nympha) a praya
Verás teu nome na mimosa area,
Nunca sobre elle o mar com furia saya.
Que ategora nem vento & ar salthea,
Tres dias ha que escritto aqui o deixou
Amor, guardandoo a toda a força alheã.
Elle com suas mãos mesmo ajudou,
Escolher estas conchas, que guardando,
Hũa & hũa para ti sô ajuntou.
Hum ramo te colhi de coral brando,
Antes que o ar lhe dêsse, parescia
O que eu de tua boca estou cudando,
Ditoso se o soubesse inda algum dia.

Fim da quarta parte.

QVINTA PARTE,

Das redondilhas, motes, esparsas, & grosas.

SObre os rios que vão
Por Babylonia m'achei,
onde sentado chorei
as lembranças de Syão,
& quanto nella passei.
Alli o rio corrente
de meus olhos foi manado,
& tudo bem comparado,
Babylonia ao mal presente,
Syão ao tempo passado.

Alli lembranças contentes
n'alma se representârão,
& minhas cousas ausentes,
se fizerão tão presentes
como se nunca passarão.
Alli depois de acordado,
co rosto banhado em agoa,
deste sonho imaginado,
vi que todo o bem passado
não he gosto, mas he magoa.

E vi que todos os danos
se causauão das mudanças,
& as mudanças dos annos,
onde vi quantos enganos,
faz o tempo âs esperanças.
Alli vi o mayor bem,
quão pouco espaço que dura,
o mal quão de presa vem,
& quam triste estado tem
quem se fia da ventura.

Vi aquillo que mais val,
que então se entende milhor
quando mais perdido for

vi o bem ſuceder mal,
& o mal muito pior.
E vi com muito trabalho
comprar arrependimento,
vi nenhum contentamento,
& vejome a mĩ, qu'eſpalho
Triſtes palauras ao vento.

Bem ſaõ rios eſtas agoas,
com que banho eſte papel,
bem pareſce ſer cruel,
variedade de magoas,
& confuſaõ de Babel.
Como homem q̃ por exẽplo
dos trances em q̃ ſe achou,
deſpois q̃a guerra deixou,
pellas paredes do templo
ſuas armas pendurou.

Aſſi deſpois que aſſentei
que tudo o tempo gaſtaua,
da triſteza que tomei
nos ſalgueiros pendurei
os orgaõs com q̃ cantaua.

Aquelle inſtrumento ledo,
deixei da vida paſſada,
dizendo, muſica amada
deixovos neſte arnoredo
â memoria conſagrada.

Frauta minha que tangẽdo
os montes fazieis vir
pera onde eſtaueis correndo
& as agoas que biaõ decẽdo
tornauaõ logo a ſubir.
Iamais vos não ouuirão
os tigres que ſe amanſauão,
& as ouelhas que paſtauaõ,
das heruas ſe fartaraõ,
que por vos ouuir deixauão.

Ia naõ fareis docemente
em roſas tornar abrolhos
na ribeira florefcente,
nem poreis freo à corrente
e mais ſe for dos meus olhos.
Não mouereis a eſpeſſura,
nem podereis ja trazer

atar

atras vos a fonte pura,
pois não podestes mouer
desconcertos da ventura.

Ficareis offerecida
à fama que sempre vèlla,
frauta de mi tão querida,
porque mudandose a vida
se mudão os gostos della.
Acha a tenra mocidade
prazeres accõmodados,
& logo a mayor idade
ja sente por pouquidade
aquelles gostos passados.

Hũ gosto que oje se alcãça,
amanhã ja o não vejo,
assi nos traz a mudança
de esperança em esperança,
& de desejo em desejo.
Mas em vida tão escassa
que esperança sera forte?
fraqueza da humana sorte,
que quanto da vida passa
está receitando a morte.

Mas deixar nesta espessura
o canto da mocidade,
não cude a gente futura
que sera obra da idade
o que he força da ventura.
Que idade, tẽpo, o espanto
de ver quam ligeiro passe,
nunca em mi podèrão tanto
que posto que deixe o canto,
a causa delle deixasse.

Mas em tristezas & enojos
em gosto & contentamento
por sol, por neue, por vẽto,
terne presente alos ojos
por quiẽ muero tan contẽto.
Orgãos & frauta deixaua,
despojo meu tão querido,
no salgueiro que alli estaua
que para tropheo ficaua
de quem me tinha vencido.

Mas

Mas lembrãças da affeição
que alli catiuo me tinha,
me preguntarão então
que era da muſica minha,
qu'eu cantâua em Syão?
Que foi daquelle cantar
das gentes taõ celebrado,
porq̃ o deixaua de vſar,
pois ſempre ajuda a paſſar
qualquer trabalho paſſado.

Canta o caminhante ledo
no caminho trabalhoſo,
por antr'o eſpeſſo aruoredo
& de noite o temeroſo
cantando refrea o medo.
Canta o preſo docemente,
os duros grilhões tocando,
canta o ſegador contente,
& o trabalhador cantando
o trabalho menos ſente.

Eu qu'eſtas couſas ſenti
n'alma de magoas tão chea,
como dirâ, reſpondi,
quem taõ alheo eſtâ de ſi
doce canto em terra alhea?
Como poderà cantar
q̃ em choro banh' o peito?
porque ſe quem trabalhar
canta por menos canſar
eu sò deſcanſos engeito.

Que naõ pareſce razaõ
nem ſeria couſa idonia,
por abrandar a paixão
que cantaſſe em Babylonia
as cantigas de Sião.
Que quãdo a muita graueza
de ſaudade quebrante
eſta vital fortaleza,
antes moura de triſteza
que por abrandala cante.

Que ſe o fino penſamento
sò na triſteza conſiſte,
naõ tenho medo ao tormento
que morrer de puro triſte

que

que mayor contentamento?
Nem na frauta cantarei
o que paſſo & paſſei ja,
nem menos o eſcreuerei,
porque a pena canſarà,
& eu naõ deſcanſarei.

Que ſe vida taõ pequena
s'accreſcẽta em terra eſtranha
& ſe amor aſsi o ordena,
rezão he que canſe a pena,
de eſcreuer pena tamanha.
Porem ſe pera aſſentar
o que ſente o coraçaõ
a pena ja me canſar,
naõ canſe para voar,
a memoria em Siaõ.

Terra bemauenturada,
ſe por algum mouimento
d'alma me fores mudada,
minha pena ſeja dada
a perpetuo eſquecimento.
A pena deſte deſterro
que eu mais deſejo eſculpida,
em pedra, ou em duro ferro,
eſſa nunca ſeja ouuida,
em caſtigo de meu erro.

E ſe eu cantar quiſer,
em Babylonia ſogeito,
Hieruſalem ſem te ver,
a voz quando a mouer
ſe me congele no peito.
A minha lingoa ſe apegue
âs fauces, pois te perdi,
Se em quanto viuer aſsi
ouuer tempo em que te negue
ou que me eſqueça de ti.

Mas ò tu terra de gloria,
ſe eu nunca vi tua eſſencia,
como me lembras naauſencia?
naõ me lembras na memoria,
ſenaõ na reminiſcencia.
Que a alma he taboa raſa,
que com a eſcrita doutrina
celeſte, tanto imagina,

que voa da propria casa
& sobe â patria diuina.

Naõ he logo a saudade
das terras onde nasceo
a carne, mas he de cèo,
daquella santa cidade,
donde esta alma descendeo.
E aquella humana figura,
que câ me pode alterar,
naõ he quem s'ha de buscar,
he rayo da fermosura,
que sò se deue de amar.

Que os olhos & a luz q̃ atea
o fogo que cà sogeita,
não do sol, mas da candea,
he sombra daquella idea
q̃ em Deos està mais perfeita.
E os que cà me catiuâraõ
saõ poderosos efeitos,
que os corações tem sogeitos,
sophistas que m'ensinâraõ
maos caminhos por direitos.

Destes o mundo tiranno,
me obriga com desatino,
a cantar ao som do danno
cantares de amor profano
por versos de amor diuino.
Mas eu lustrado co santo
rayo na terra de dor,
de confusoẽs & d'espanto,
como ei de cantar o canto
que sò se deue ao Senhor?

Tanto pòde o beneficio,
da graça, que dá saude,
que ordena que a vida mude,
& o que tomei por vicio
me fez grao pera a virtude.
E faz que este natural
amor, que tanto se preza
suba da sombra Real
da particular belleza,
para a belleza gêral.

Fique logo pendurada
a frauta com que tangi,

O Hierusalem sagrada,
& tome a lyra dourada,
para sò cantar de ti.
Não catiuo & ferrolhado
na Babylonia infernal,
mas dos vicios desatado,
& cà desta ati leuado,
patria minha natural.

E se eu mais der a ceruiz
a mundanos accidentes,
duros, tyrannos, & vrgentes,
visquese quanto ja fiz,
do gran liuro dos viuentes.
E tomando ja na mão
a lyra santa & capaz,
doutra mais alta inuençaõ,
caleſe esta confusaõ,
canteſa a visaõ da paz.

Ouçame o paſtor, & o Rei,
retumbe eſte accento ſanto,
mouaſe no mundo eſpanto,
que do que ja mal cantei
a palynodia ja canto.
A vos sò me quero ir,
ſenhor & gran capitão,
da alta torre de Syão,
à qual naõ poſſo ſubir
ſe me vos naõ dais a maõ.

No gran dia ſingular
que na lyra o douto ſom
Hieruſalem celebrar,
lembraiuos de caſtigar
os roins filhos de Edom.
Aquelles que tintos vão
no pobre ſangue innocente,
ſoberbos co poder vão,
arraſayos igualmente,
conheção que humanos ſaõ.

E aquelle poder tão duro
dos effeitos com que venho,
que encendẽ alma & engenho,
que ja me entrârão o muro
do liure aluidrio que tenho.

Estes que tão furiosos
gritando vem a escallarme,
maos spiritus dannosos,
que querem como forçosos
do alicerce derrubarme.

Derrubayos, fiquem sòs,
de forças fracos, imbelles,
porque não podemos nôs
nem com elles ir a vos,
nem sem vos tirarnos delles.
Não basta minha fraqueza,
para me dar defensão,
se vos santo capitão
nesta minha fortaleza
naõ poser des guarnição.

E tu, ô carne, que encantas
filha de Babel tão fea,
toda de miserias chea,
que mil vezes te leuantas,
contra quem te senhorea.
Beato sò pode ser
quem coa ajuda celeste
contra ti preualescer,
& te vier a fazer
o mal que lhe tu fizeste.

Quem com disciplina crua
se fere mais que hũa vez,
cuja alma de vicios nua,
faz nodoas na carne sua,
que ja a carne n'alma fez.
E beato quem tomar
seus pensamentos resentes,
& em nascendo os afogar,
por não virem a parar
em vicios graues & vrgentes.

Quem com elles logo der
na prdra do furor santo,
& batendo os desfizer,
na pedra que veo a ser
emfim cabeça do canto.
Quem logo quando imagina
nos vicios da carne ma,
os pensamentos declina,
àquella carne diuina,

que

que na cruz estoue ja.
Quem do vil contentamento
cá deste mundo visiuel
quanto ao homem for possiuel
passar logo o entendimento
para o mundo intelligiuel.

Alli achará alegria
em tudo perfeita & cheа,
de taõ suaue armonia,
que nem por pouca recrea,
nem por sobeja enfastia.
Alli verà taõ profundo
mysterio na summa altura,
que vencida a natureza
os mòres faustos do mundo
julgue por mayor baixeza.

Ô tu diuino aposento,
minha patria singular,
se sò com te imaginar
tanto sobe o entendimento,
que fara se em ti se achar?
Ditoso quem se partir
para ti, terra excellente,
taõ justo, & taõ penitente,
que despois de ati subir
la descanse eternamente.

Carta a hũa dama.

Querendo escreuer hum dia,
o mal que tanto estimei,
cudando no que poria,
vi amor que me dezia
escreue, que eu notarei.

E como para se ler
naõ era hystoria pequena
a que de mĩ quis fazer,
das asas tirou a pena,
com que me fez escreuer.

E logo como a tirou
Me disse, auiua os espritos,
que pois em teu fauor sou,
esta pena que te dou
fara voar teus escrittos.

E dandome a padeſcer
tudo o que quis que puſeſſe,
pude emfim delle dizer
que me deu cõ que eſcreueſſe
o que me deu a eſcreuer.

Eu qu'eſte engano entendi,
diſſelhe, Que eſcreuerei?
reſpondeo, dizendo aſsi,
Altos effeitos de ti,
& daquelle a quem te dei.

E ja que te manifeſto
todas minhas eſtranhezas,
eſcreue pois que te prezas
milagres d'hum claro geſto,
& de quem o vio triſtezas.

Ah ſenhora em quem ſe apura
a fé de meu penſamento,
eſcutai & eſtai a tento,
que com voſſa fermoſura
iguala amor meu tormento.

E poſto que tão remota
eſtejais de me eſcutar,
por me não remedear,
ouui, que pois amor nota,
milagres ſaõ de notar.

Nota.

Eſcreuem varios autores,
que junto da clara fonte
do Ganges, os moradores
viuem do cheiro das flores
que naſcem naquelle monte.

Se os ſentidos podem dar
mantimento ao viuer,
não he logo d'eſpantar,
ſe eſtes viuem de cheirar,
que viua eu sò de vos ver.

Hũa aruore ſe conheſce,
que na geral alegria
ella sò tanto entriſteſce,
que como he noite floreſce,
& perde as flores de dia.

Eu q̃ em veruos sinto o preço
que em vossa vista consiste,
em a vendo me entristeço,
porque sei que não mereço
a gloria de viuer triste.

Hum Rei de grande poder
com veneno foi criado,
porque sendo costumado,
não lhe podesse empecer,
se depois lhe fosse dado.

Eu que criei de piquena
a vida a quanto padesce,
desta sorte me acontesce,
que não me faz mal a pena,
senão quando me falesce.

Quem da doença Real
de longe enfermo se sente
por segredo natural,
fica sã̃o vendo sòmente
hum volatil animal.

Do mal que amor em mĩ cria,
quando aquella Fenix vejo,
são de todo ficaria,
mas ficame hydropesia,
que quanto mais, mais desejo.

Da biuora he verdadeiro
se a consorte vay buscar,
que em se querendo juntar,
deixa a peçonha primeiro,
porque lhe impede o gẽrar.

Assi quando me apresento
â vossa vista inhumana,
a peçonha do tormento
deixo a parte, porque danna
tamanho contentamento.

Querendo amor sustentarse
fez hũa vontade esquiua,
d'hũa estatua namorarse,
despois por manifestarse
conuerteoa em molher viua.

De quem me irei queixando,

ou quem direi que m'engana,
Se vou seguindo & buscando
hũa imagem que de humana
em pedra se vay tornando?

De hũa fonte se sabia,
da qual certo se prouaua
que quem sobr'ella juraua,
se falsidade dizia,
dos olhos logo cegaua.

Vos que minha liberdàde
senhora tyranizais,
injustamente mandais
quando vos fallo verdade
que vos naõ possa ver mais.

Da palma se escreue & canta.
ser taõ dura & taõ forçosa,
que peso naõ a quebranta,
mas antes de presunçosa,
com elle mais se leuanta.

Co peso do mal que dais,
a constancia que em mi vejo
não sòmente ma dobrais,
mas do braso meu desejo,
com que entaõ vos quero mais

Se alguem os olhos quiser
às andorinhas quebrar,
logo a mãy sem se deter
hũa herua lhe vay buscar,
que lhe faz outros nascer.

Eu que os olhos tenho atento
nos vossos que estrellas saõ,
cegaõse os do entendimento,
mas nascemme os da razaõ,
de folgar com meu tormento.

La para onde o sol sae
Descubrimos nauegando
hum nouo rio admiranõ,
que o lenho que nelle cae
em pedra se vay tornando.

Naõ se espantẽ disto as gẽtes,
mais

mais razaõ ſera que eſpante,
hum coraçaõ taõ poſſante,
que com lagrimas ardentes
ſe conuerte em diamante.

Pòde hum mudo nadador
na linha & cana influir
tão venenoſo vigor
que faz mais não ſe bulir
o braço do peſcador.

Se começaõ de beber
deſte veneno excellente,
meus olhos ſem ſe deter,
não ſe ſabem mais mouer
a nada que ſe apreſente.

Iſto ſão claros ſinais
do muito que em mĩ podeis,
nem podeis deſejar mais,
que ſe veruos deſejais,
em mĩ claro vos vereis.

E quereis ver a que fim
em mĩ tanto bem ſe poz,
porque quis amor aſſim
que por vos verdes a vos,
tambem me viſſeis a mĩ.

Dos males que me ordenais
que inda tenho por pequenos,
ſabei ſe mos eſcutais,
que ja não ſei dizer mais,
nem vos podeis ſaber menos.

Mas ja que a tanto tormento,
naõ ſe acha quem reſiſta,
eu ſenhora me contento,
de terdes meu ſoffrimento,
por aluo de veſſa viſta.

Quantos contrarios conſente
amor por mais padeſcer,
que aquella viſta excellente
que me faz viuer contente
me faça tão triſte ſer.

Mas dou eſte entendimento
ao mal que tanto me offende,
como

como na vella se entende,
que se se apaga co vento,
co mesmo vento se accende.

Exprimentouse algũa hora
da aue que chamão Cámão,
que se da casa onde mora
vê adultera a senhora,
morre de pura paixão.

A dor he tão sem medida,
que remedio lhe não val,
mas ò ditoso animal,
que pòde perder a vida
quando vê tamanho mal.

Nos gostos de vos querer
estaua agora enleuado,
senão fora salteado,
das lembranças de temer
ser por outrem desamado.

Estas sospeitas tão frias,
com que o pensamento sonha,
são assi como as Harpyas,
que as mais doces iguarias
vão conuerter em peçonha.

Fazme este mal infinito
não poder jamais dizer,
por não vir a corromper
os gostos que tenho escritto,
cos males que ey de escreuer.

Não quero que se apregoe
mal tanto para encubrir,
porq̃ em quanto aqui se ouuir
nenhũa outra cousa soe,
que a gloria de vos seruir.

Outras.

Dama d'estranho primor,
se vos for
pesada minha firmeza,
olhai não me deis tristeza,
porque a conuerto em amor.
Se cudais

de

de me matar quando vsais
de esquiuança,
irei tomar por vingança
amaruos cada vez mais.

Porem vosso pensamento
como isento,
seguirà sua tençaõ,
crendo que em tanta affeiçaõ
naõ aja accrescentamento.
Naõ creais
que desta arte vos façais
inuenciuel,
que amor sobre o impossiuel
amostra que pòde mais.

Mas ja da tençaõ que sigo
me desdigo,
que se ha tanto poder nelle
tambẽ vos podeis mais qu'elle,
neste mal que vsais comigo.
Mas se for
o vosso poder mayor,
antre nos,
quem poderâ mais que vos,
se vos podeis mais que amor?

Despois que dama vos vi
entendi
que perdêra amor seu preço,
pois o fauor que lh'eu peço
vos pede elle para si.
Nem duuido
que naõ pòde de sentido
resistir,
pois em vez de vos ferir
ficou de vos ver ferido.

Mas pois vossa vista he tal,
em meu mal,
que posso de vos querer?
que mal poderei valer
onde o mesmo amor não val?
Se atentar,
nenhum bem posso esperar,
& oxalà
que vos alembrasse ja,
sequer para me matar.

Mas nem com isto creais
que façais

meus seruiços mais pequenos,
porqu'eu quãdo espero menos
sabei que entaõ quero mais.
Nada espero,
mas de mi crede este fero,
que em ser vosso,
vos quero tudo o que posso,
& naõ posso quanto quero.

Sò por esta fantesia
merescia
de meus males algum fruito,
que ainda naõ quero muito,
para o muito que queria.
De maneira,
que naõ he na derradeira
grande espanto,
que quẽ, dama, vos quer tanto
que outrotanto de vos queira.

A hũas sospeitas.

Sospeitas que me quereis,
que eu vo quero dar lugar,
que de certas me mateis,
se a causa de que naseis
vos quisesse confessar.

Que de naõ lhe achar desculpa
a grande magoa passada
me tem a alma tão cansada,
que se me confessa a culpa
telaey por desculpada.

Ora vede que perigos
tem cercado o coraçaõ,
que no meo da oppressaõ,
a seus proprios enemigos
vay pedir a defensaõ.

Que sospeitas eu bem sei
como se claro vos visse,
que he certo o que ja cudei,
que nunca mal sospeitei,
que certo me não saisse.

Mas queria esta certeza
daquella que me atormenta,
porque

porque em tamanha estreitza,
ver que disso se contenta,
he descanso da tristeza.

que ja doudo imaginei,
& ja mais doudo jurei
d'arrancar dalma os amores.

Porque se esta sò verdade
me confessa limpa & nua,
de cautella & falsidade,
naõ pòde a minha vontade
desconformarse da sua.

Ia determinei mudarme
para outra parte com ira,
despois vim a concertarme
que era bom certificarme
no que mostraua a mintira.

Por segredo namorado,
he certo estar conhescido,
que o mal de ser engeitado
mais atormenta sabido,
mil vezes que sospeitado.

mas despois ja de cansadas
as furias do imaginar,
vinha emfim aarrebentar
em lagrimas magoadas,
& bem peramagoar.

Mas eu sò em quem se ordena
nouo modo de querella,
de medo da dor pequena
venho achar na mayor pena
o refrigerio para ella.

E deixandose vencer
os meus fingidos enganos,
de taõ claros desenganos,
naõ posso menos fazer,
que contentarme cos danos.

Ia nas iras me inflamei,
nas vinganças nos furores,

E pedir que me tirassem
este mal de sospeitar,

que

que me vejo atormentar,
inda que me confeſſaſſem
quanto me pòde matar.

Olhai bem ſe me trazeis
ſenhora, poſto no fim,
pois neſte eſtado a que vim
para que vòs confeſſeis,
ſe dão os tratos amim.

Mas para que tudo poſſa
amor, que tudo encaminha,
tal juſtiça lhe conuinha,
porque da culpa que he voſſa
venha ſer a morte minha.

Juſtiça tão mal olhada,
olhay com que cor ſe doura,
que quer no fim da jornada
que vos ſejais confeſſada
para queeu ſeja o que moura.

Pois confeſſaimos jágora,
inda que tenho temor
que nem neſta vltima ora
me ha de perdoar amor
voſſos peccados ſenhora.

E aſſi vou deſeſperado
porque eſtes são os coſtumes
d'amor, qu'he mal empregado
do qual vou ja condenado
ao inferno de ciumes.

Outras a hũa ſenhora, a qnem derão pera hũa filha ſua hum pedaço de cetim amarello, de quem ſe tinha ſoſpeita.

SE dirinais de verdade
eſta palaura Sitim,
achareis ſem falſidade,
que apos o ſi, tem o tim,
que tine em toda a cidade.

Bem vejo que me entendeis,

mas

mas porque não falle em vão,
ou tomais outro caminho,
saberei que a esta nação
por exemplo o podeis ver
tanto que o Si concedeis
quando la virdes arder
o Tim, logo está na mão.
a casa d'algum vezinho.

E quem da fama se arreda,
Ô fiminina simpreza,
que tudo vay descubrir,
donde estão culpas a pares,
deue sempre de fugir
que por hum dom de nobreza,
de Sitis, porque da seda
deixão dões de natureza,
sau natural he rugir.
mais altos & singulares.

Mas pano fino, & delgado
Hum dom q̃ anda enxertado
qual raxa, & outros assi,
no nome, & nas obras não,
dura, aquenta, & he calado,
(fallo como exprimentado,)
amoroso, & da de si,
que sitim desta feição
mais que sitim, nem borcado.
eu tenho muito cortado.

Mas estes que sedas são
Dizemme que era amarello,
com q̃ s'enganão mil damas
a quem assi o quis dar,
mais vos tomão do que dão,
sò para me Deos vingar,
prometem, mas não darão,
se vem â mão amarelo,
senão nodoas para as famas.
o que eu não posso cudar.

E se não me quereis crer
Porque quem sabe viuer

por

por eſtas artes manhoſas,
(iſto bem pòde não ſer,)
daa a mininas fermoſas
sòmente polas fazer.

Quem vos iſto diz ſenhora,
ſeruio nas voſſas armadas
muito, mas anda ja fora,
& pòde ſer que inda agora
traz abertas as frechadas.

E poſto que diſfauores
o tirão de ſeruidor,
quer vos ventura melhor,
que dos antigos amores
inda lhe fica eſte amor.

A hũa ſenhora, que eſtaua rezando por hũas cõtas.

PEçouos que me digais
as orações que rezaſtes,
ſe ſão pellos que mataſtes,
ſe por vos que aſſi matais?

Se são por vos, ſão perdidas,
que qual ſera a oração
que ſeja ſatisfação
ſenhora de tantas vidas?

Que ſe vedes quantos vem
a sò vida vos pedir,
como vos ha Deos de ouuir,
ſe vos não ouuis ninguem?

Não podeis ſer perdoada
cõ mãos a matar tão prontas,
que ſe n'hũa trazeis contas,
na outra trazeis eſpada.

Se dizeis que encomendando
os que mataſtes andais,
ſe rezais por quẽ matais,
para que matais rezando?

Que ſe na força do orar
leuantais as mãos aos cèos,
não

não as ergueis para Deos,
ergueilas para mattar.

E quando os olhos cerrais
toda enleuada na fè,
cerraõse os de quem vos vè,
pera nunca verem mais.

Pois se assi forem trattados
os que vos vẽ quando orais
essas horas que rezais,
são as horas dos finados.

Pois logo se sois seruida,
que tantos mortos não sejão,
naõ rezeis onde vos vejaõ,
ou vede para dar vida.

Ou se quereis escusar
estes males que causastes,
resuscitai quem matastes,
naõ tereis por quem rezar.

Cõuite que Luis de Camões fez na India, a certos fidalgos, cujos nomes aqui vão.

¶ A primeira iguaria foi posta a Vasco d'Attaide, entre dous pratos, & dizia,

Se não quereis padescer
hũa ou duas horas tristes,
sabeis que auеis de fazer,
bolueros por do venistes,
que aqui não ha que comer.

E posto que aqui leais
trouinha que vos enlea,
corrido não estejais,
porque por mais que corrais
naõ eis d'alcançara cea.

A segunda foi posta a Dõ Frãcisco Dalmeida, & dizia.

Helingabalo zombaua

das peſſoas conuidadas,
& de ſorte as enganaua,
que as iguarias que daua
vinhaõ nos pratos pintadas,

Naõ temais tal traueſſura,
pois ja não póde ſer noua,
que a cea eſtà mui ſegura
de vos naõ vir em pintura,
mas ha de vir toda em troua.

¶ A terceira ſoi poſta a Eitor da Sylueira, & dizia.

Cea não a papareis,
com tudo porque naõ minta,
para beber achareis
não Caparica, mas tinta,
& mil couſas que papeis.
E vos torceis o focinho,
com eſta amphibologia?
pois ſabei que a Poeſia
vos dà aqui tinta por vinho,
& papeis por iguaria.

A quarta foi poſta a Ioão Lopez Leitão, a quem o autor mandou hũ mote, que vai adiante, ſobre hũa peça de cacha, que mandou a hũa dama.

Porque os q̃ vos conuidáraõ
voſſo eſtamago não danem,
Por juſta cauſa ordenàraõ
ſe trouas vos enganáraõ,
que trouas vos deſenganem.

Vós tereis iſto por tacha,
conuerter tudo em trouar,
pois ſe me virdes zombar,
naõ cudeis ſenhor q'he cacha
que aqui naõ ha cachar.

Finge que reſponde Ioã Lopez Leitaõ.

Pesar ora naõ de saõ,
eu juro pello cèo bento
se de comer me naõ dão,
que eu não sou Camaleão
que m'ei de manter do vento.

De fumo tendes tassalhos,
aues da pena que sente
quem de fome anda doente,
bocejar de vinho & dalhos,
manjar em branco excellẽte.

Finge que responde o Autor.

Senhor não vos agasteis,
porque Deos vos prouerá,
& se mais saber quereis,
nas costas deste lereis
as iguarias quẽ ha.

A quinta & derradeira, foi posta a Francisco de Mello, & dezia.

D'hum homem que teu'o cetro
da vea maraviilhosa,
naõ foi cousa duuidosa,
que se lhe tornaua em metro
o que hia a dizer em prosa.

Vira o papel, que dizia assi.

Tendes nem migalha assada,
cousa nenhũa de molho,
& nada feito em empada,
& vento de tigellada,
picar no dente em remolho.

De mĩ vos quero apostar
que faça cousas mais nouas,
de quanto podeis cudar,
esta cea que he manjar,
vos faça na boca em trouas.

¶ Mote, a Ioão Lopez Leitão, ſobre hũa peça de cacha q̃ elle mandou a hũa dama na India, q̃ ſe lhe fazia dõzella: o qual Ioão Lopez Leitão, he o que elle conuidou no banque atras.

Mote.

Se voſſa dama vos dà
tudo quanto vos quiſeſtes,
dizei para que lhe deſtes
o que vos ella fez já?

Sendo os reſtos inuidados
& vos de cachas mil contos,
ſabeis com quam poucos põtos
que lhos achaſtes quebrados?
Se o que tem, iſſo vos dà,
vos mui bem lho mereſceſtes,
porque ſe a cacha lhe deſtes,
tinhaola feita já.

A dona Franciſca d'Aragão, mandandolhe eſta regra que lha gloſaſſe.

MOTE.

Mas porẽ a q̃ cuidados.

Tanto mayores tormentos
foraõ ſempre os que ſofri,
daquillo que cabe em mĩ,
que não ſei que penſamentos
ſaõ os para que naſci.
Quando vejo eſte meu peito
a perigos arriſcados,
inclinado, bem ſoſpeito
que a cudados ſou ſogeito,
Mas porem a que cudados?

Outra ao meſmo.

Que vindes em mĩ buſcar,
cudados, que ſou catiuo?
& não tenho que vos dar?
Se vindes a me matar,

já

ja ha muito que não viuo.
Se vindes porque me dais
tormentos desesperados,
eu que sempre soffri mais,
não digo que naõ venhais,
Mas porem a que, cudados?

Outra ao mesmo.

Se as penas que amor me den
vem por taõ suaues meos,
naõ ha que temer receos,
que val hum cudado meu
por mil descansos alheos.
Ter n'hũs olhos taõ fermosos
os sentidos enleuados,
bem sei que em baixos estados
saõ cudados perigosos,
Mas porem ah que cudados.

¶ Carta que Luis de Camões mandou a dona Franciſca de Aragaõ, com a gloſa acima.

Sñora.

Deixeime enterrar no esquecimento de v. m. crendo me seria assi mais seguro: mas agora que he seruida de me tornar a resuscitar, por mostrar seus poderes, lembrolhe que hũa vida trabalhosa he menos de agradescer que hũa morte descansada. Mas se esta vida que agora de nouo me da for para ma tornar a tomar, seruindose della, não me fica mais que desejar, que poder acertar com este mote de v.m. ao qual dei tres entendimentos, segundo as palauras delle podêraõ soffrer: se forem bõs, he o mote de v. m. se maos, saõ as glosas minhas.

Mote que lhe mandou o Visorei na India, pera lhe fazer hũas voltas.

Muito sou meu enemigo,
pois que não tiro de mi
cudados com que nasci,
que poem a vida em perigo,
oxalà que fora assi.

Voltas proprias.

Viuer eu sendo mortal
de cudados rodeado,
paresce meu natural,
que a peçonha naõ faz mal
a quem foi nella criado.
Tanto sou meu inimigo
que por naõ tirar de mi
cudados com que nasci,
porei a vida em perigo,
oxalâ que fora assi.

Tanto vim a accrescentar
cudados que nunca amansaõ,
em quanto a vida durar,
que canso ja de cudar
como cudados não cansaõ.
Se estes cudados que digo
dessem fima mĩ, & assi,
fariaõ pazes comigo,
que por a vida em perigo,
o bom fora para mĩ.

Redondilhas mandadas ao Visorei, com o mote atras.

Conde, cujo illustre peito
meresce nome de Rei
do qual muito certo sei
que lhe fica sendo estreito
o cargo de Visorei.

Seruirdes vos de occuparme,
tanto contra meu planeta,
naõ foi senaõ asas darme
cõ as quais vou a queimarme,
como faz a borboleta.

E se eu a pena tomar
que tão mal cortada tenho.

sera

ſerá para celebrar
voſſo valor ſingular,
dino de mais alto engenho.

s'eu niſſo puſeſſe a pena,
ſeria encerrar o mar
em coua muito pequena.

Que ſe o meu vos celebraſſe,
neceſſario me ſeria
q̃ os olhos d' Aguia tomaſſe,
sò para que naõ cegaſſe
no ſol de voſſa valia.

Bem baſta ſenhor que agora
vos ſiruais de me occupar,
que aſſi fareis aparar
a pena com que algũa hora
vos vereis ao cêo voar.

Voſſos feitos ſublimados,
nas armas dinos de gloria,
ſaõ no mundo taõ ſoados,
que em vos de voſſos paſſados
ſe reſuſcita a memoria.

Aſſi vos irei louuando,
vos a mũ do chaõ erguendo,
ambos o mundo eſpantando,
vos co a eſpada cortando,
eu co a pena eſcreuendo.

Pois aquelle animo eſtranho,
pronto para todo effeito,
eſpanta todo o conceito,
como coraçaõ tamanho
vos pòde caber no peito.

Gloſas do Autor.

Mote alheo.

Campos bemauenturados
tornaiuos agora triſtes,
que os dias em que me viſtes
alegre, ja ſaõ paſſados.

A clemencia que aſſcrena
coraçaõ taõ ſingular,

Glosa.

Campos cheos de prazer,
vos que estais reuerdescendo,
ja me alegrei com vos ver,
agora venho a temer,
que entristeçais em me vendo.
E pois a vista alegrais,
dos olhos desesperados,
não quero que me vejais,
para que sempre sejais
Campos bemauenturados.

Porem se por accidente,
vos pesar de meu tormento
sabereis que amor consente
que tudo me descontente,
senão descontentamento.
Por isso vos aruoredos,
que ja nos meus olhos vistes
mais alegrias que medos,
se mos quereis fazer ledos,
tornaiuos agora tristes.

Ia me vistes ledo ser,
mas despois que o falso amor,
tão triste me fez viuer,
ledos folgo de vos ver,
porque me dobreis a dor.
E se este gosto sobejo
de minha dor me sentistes,
julgai quanto mais desejo
as oras que vos não vejo,
Que os dias em que me vistes.

O tempo que he desigual,
de seccos verdes vos tem,
porque em vosso natural
se muda o mal pera o bem,
mas o meu para mòr mal.
Se preguntais verdes prados,
pellos tempos differentes,
que de amor me forão dados,
tristes aqui sãõ presentes,
Alegres ja sãõ passados.

Mote

Mote alheo.

Trabalhos descansarião
se para vos trabalhasse,
tempos tristes passarião,
se algũa hora vos lembrasse.

Glosa propria.

Nunca o prazer se conhesce
senão depois da tormenta,
tampouco o bem permanesce,
que se o descanso floresce
logo o trabalho arrebenta.
Sempre os bẽs se lograrião,
mas os males tudo atalhão,
porem ja que assi porfiaõ,
onde descansos trabalhaõ
trabalhos descansariaõ.

Qualquer trabalho me fora
por vos gran contentamento,
nada sentira senhora,
se vira disto algum'hora
em vos hum conhescimento.
Pormal que o mal me tratasse
tudo por bem tomaria,
posto que o corpo cansasse
a alma descansaria,
se para vos trabalhasse.

Quem vossas cruezas ja
soffreo, a tudo se pos,
costumado ficarà,
& muito milhor serâ
se trabalhar para vos.
Tristezas esquecerião,
posto que mal me tratârão,
annos naõ me lembrarião,
que como estoutros passaraõ
tempos tristes passariaõ.

Se fosse galardoado
este trabalho tão duro,
naõ viuera magoado,
mas não o foi o passado,
como o serâ o futuro?
De cansar naõ cansaria,

Se quisereis que cansasse,
Cauar, morrer, falobia,
tudo emfim me esqueceria,
se algũa hora vos lembrasse.

Mote alheo.

Triste vida se me ordena,
pois quer vossa condição
que os males q̃ dais por pena,
me fiquem por galardaõ.

Glosa propria.

Depois de sempre soffrer
senhora vossas cruezas,
a pesar de meu querer,
me quereis satisfazer
meus seruiços com tristezas.
Mas pois embalde resiste
quẽ vossa vista condena,
prestes estou pera a pena,
que de galardão tão triste
Triste vida se me ordena.

De contente do ~~meu~~ mal meu
a taõ grande estremo vim,
que consinto em minha fim,
assi que vos & mais eu,
ambos somos contra mĩ.
Mas que sofra meu tormento
sem querer mais galardaõ,
naõ he fora de razão,
que queira meu soffrimento,
Pois quer vossa condiçaõ.

O mal que vos dais por bem,
esse senhora he mortal,
que o mal que dais como mal,
em muito menos se tem,
por costume natural.
Mas porem nesta vittoria,
que comigo he bem piquena,
a mayor dor me condena
a pena que dais por gloria,
Que os males q̃ dais por pena.

Que mòr bẽ me pòssa vir
que seruiruos, não o sei,

Pois

pois que mais quero eu pedir,
se quanto mais vos seruir
tanto mais vos deuerei?
Se vossos merescimentos
de taõ alta estima são,
assaz de fauor me daõ,
em querer que meus tormẽtos
Me fiquem por galardaõ.

Mote alheo.

Ia não posso ser contente,
tenho a esperança perdida,
ando perdido entre a gente,
nẽ mouro, nem tenho vida.

Glosa propria.

Depois que meu cruel fado,
destruîo hũa esperança,
em que me vi leuantado,
no mal fiquei sem mudança,
& do bem desesperado.
O coraçaõ que isto sente
a sua dor não resiste,
porque vè mui claramente
que pois nasci para triste,
Ia não posso ser contente.

Por isso contentamentos
fugi de quem vos despreza,
ja fiz outros fundamentos
ja fiz senhora a tristeza
de todos meus pensamentos,
O menos que lhe entreguei
foi esta cansada vida,
cuido que nisto acertei,
porque de quanto esperei
Tenho a esperança perdida.

Acabar de me perder
fora ja muito melhor,
teuera fim esta dor,
que não podendo mòr ser,
cada vez a sinto mòr.
De vos desejo esconderme
& de mĩ principalmente,
onde ninguem possa verme,
q̃ pois me ganho em perderme
ando

Ando perdido antr'a gente.

Gostos de mudanças cheos,
não me busqueis, não vos q̃ro,
tenho vos por tão alheos,
que do bem que não espero,
inda me ficaõ receos.
Em pena taõ sem medida,
em tormento taõ esquiuo,
que moura ninguem duuida,
mas eu se mouro, ou se viuo,
Nem mouro, nem tenho vida.

Mote, & glosa do autor, a hũa dama que se chamaua Ana.

A morte pois que sou vosso,
Não na quero, mas se vem,
A de ser todo meu bem.

Glosa.

Amor que em meu pensam̃eto
com tanta fe se fundou,
me tem dado hum regimento,
que quando vir meu tormento
me salue com cujo sou,
E cõ esta desensaõ,
cõ que tudo vencer posso,
diz a causa ao coraçaõ,
não tẽ em mĩ jurdiçaõ,
A morte, pois que sou vosso.

Por exprimentar hũ dia
amor sem'achaua forte,
nesta fee como dizia,
me conuidou cõ a morte,
sò por ver se a tomaria.
E como elle seja a cousa,
onde estâ todo meu bẽ,
respondilhe (como quẽ
quer dizer mais, & não ousa)
Naõ a quero, mas se vẽ,

Não disse mais porq̃ entaõ
entendeo quanto me toca,
& se tinha dito, o não,
muitas vezes diz a boca
o que nega o coração.
Toda a cousa defendida

em

em mais estima se tem,
por isso he cousa sabida,
que perder por vos a vida
ha de ser todo meu bem.

Mote alheo.

Vejo a n'alma pintada,
quando ma pede o desejo,
a natural que não vejo.

Glosa propria.

Se só no ver puramente
me transformei no que vi,
de vista tão excellente
mal poderei ser ausente,
em quanto o não for de mí.
Porque a alma namorada
a traz tão bem debuxada,
& a memoria tanto voa,
que se a não vejo em pessoa,
Vejo a n'alma pintada.

O desejo que se estende
ao que menos se concede
sobre vos pede & pretende,
como o doente que pede
o que mais se lhe defende.
Eu que em ausencia não vejo,
tenho piedade & pejo,
de me ver tão pobre estar,
que então não tenho que dar,
quando me pede o desejo.

Como aquelle que cegou
he cousa vista & notoria,
que a natureza ordenou
que se lhe dobre em memoria
o que em vista lhe faltou.
Assi a mí que não rejo,
os olhos ao que desejo,
na memoria & na firmeza,
me concede a natureza
a natural que não vejo.

Mote alheo.

Sem vos & com meu cudado,
olhay com quem, & sem quẽ.

Glosa

Gloſa propria.

Vendo amor que com vos ver
mais leuemente ſoffria
os males que me fazia,
não me póde iſto ſoffrer.
Conjurouſe com meu fado,
hum nouo mal me ordenou,
ambos me leuaõ forçado
naõ ſei onde, pois que vou
Sem vos, & com meu cudado.

Naõ ſei qual he mais eſtranho
deſtes dous males que ſigo,
ſe não vos ver, ſe comigo
leuar imigo tamanho,
O que fica & o que vem,
hum me mata, outro deſejo,
com tal mal, & ſem tal bem,
em tais eſtremos me vejo,
olhai com quem, & ſem quem.

Amor cuja prouidencia
foi ſempre que naõ erraſſe,
porque n'alma vos leuaſſe,
reſpeitando o mal de auſencia
quis q̃ em vos me trãsformaſſe
E vendome ir maltratado,
eu & meu cudado sòs,
proueo niſſo d'atentado,
por não me auſentar de vos,
Sem vos, & com meu cudado.

Mas eſt'alma qu'eu trazia
porque vos nella morais,
deixame cego & ſem guia,
que ha por melhor companhia
ficar onde vos ficais.
Aſsi me vou de meu bem
oude quer a forte eſtrella,
ſem a alma que em ſi vos tem,
co mal de viuer ſem ella,
Olhai com quem, & ſem quẽ.

Outra ſua, ao meſmo mote.

Mote alheo.

Sem ventura he por demais.

Gloſa.

Glosa propria.

Todo o trabalhado bem
promete gostoso frutto,
mas os trabalhos que vem
para quem dita não tem,
valem pouco, & custaõ muito.
Rompem toda a pedra dura,
faz os homẽs immortais,
o trabalho quando atura,
mas querer achar ventura
sem ventura, he por demais.

Mote alheo.

Minh'alma lembraiuos della.

Glosa propria.

Pois o veruos tenho em mais
que mil vidas que me deis,
assi como aque me dais
meu bem ja que mo negais
meus olhos naõ mos negueis.
E se a tal estado vim,
guiado de minha estrella,
quando ouuerdes dò de mĩ
minha vida dailhe a fim,
minh'alma lembraiuos della.

Outro mote alheo.

Tudo pode bũa affeição.

Glosa propria.

Tem tal jurdiçaò amor,
n'alma donde se aposenta,
& de que se faz senhor,
que a liberta & isenta
de todo o humano temor.
E com mui justa razão
como senhor soberano,
que amor naõ consente dãno,
& pois me soffre tençaõ,
gritar i por desengano,
Tudo pòde bũa affeiçaõ.

Troua de Boscão.

Iusta fue mi perdicion,

de

de mis males soy contento,
ya no espero galardon,
pues vuestro merescimiento
satisfizo a mi pasion.

Glosa propria.

Despues que amor me formò
todo de amor qual me veo,
en las leyes que me dio,
el mirar me consintio,
y defendiome el desseo.
Mas el alma como injusta,
en viendo tal perficion,
dio al desseo occasion,
y pues quebrè ley tan justa
Iusta fue mi perdicion.

Mostrandoseme el amor
mas benigno que cruel,
sobre tyranno traydor,
de celos de mi dolor
quiso tomar parte enel.
Yo que tan dulce tormento
no quiero dallo aunque pecco,
resisto, y no lo consiento,
mas si me lo toma a trueco,
De mis males soy contento.

Señora ved lo que ordena
este amor tan falso nuestro,
por pagar a costa agena
manda q̃ de vn mirar vuestro
haga el premio de mi pena.
Mas vos para que veais
tan engañosa tencion,
aunque muerto me sintais
no mireis, que si mireis
Ya no espero galardõ.

Pues que premio (me direis)
esperas que sera bueno,
sabed si no lo sabeis,
que es lo mas delo que peno
lo menos que mereceis.
Quien haze al mal tan vsano,
y tan libre al sentimiento?
el desseo? no, ques vano,
el amor? no ques tyranno,

Pues

Pues? vuestro merescimiento.

No pudiẽdo amor robarme
de mis tan charos despojos,
aunque fue por mas hõrarme,
vos sola para matarme
le prestastes vuestros ojos.
Mataronme ambos a dos,
mas a vos con mas razon
deue el la satisfacion,
que a mí, por el y por vos,
Satisfizo mi pasion.

Trouas a hũa dama que lhe mandou pedir algũas obras suas.

Senhora se eu alcançasse
no tempo que ler quereis,
que a dita dos meus papeis
polla minha se trocasse,
& por ver
tudo o que posso escreuer
em mais breue relação,
indo eu onde elles vão,
por mĩ sò quisesseis ler.

Depois de ver hum cudado
tão contente de seu mal,
verieis o natural
do que aqui vedes pintado,
que o perfeito
amor de que sou sogeito,
vereis aspero & cruel,
aqui com tinta & papel,
em mĩ co sangue no peito.

Que hum contino imaginar
naquillo que amor ordena,
he pena que emfim por pena
se não pòde declarar,
que se eu leuo
dentro n'alma quanto deuo,
de trasladar em papeis,
vede qual melhor lereis,
se a mĩ, se aquilo que escreuo?

A hũa Dama com quem queria audar da mores.

Mote.

Minina fermoſa, & crua,
bem ſey eu
quem deixàra de ſer ſeu
ſe vos quizereis ſer ſua.

Volta.

Minina mais que naydade
ſe para me querer bem
vos não vejo ter vontade,
he porque outrem vola tem
temuola & faz vola crua,
porem eu
ja tomàra não ſer meu
ſe vos não foreis tão ſua.

Nos olhos & na feição
vos vi quando vos olhaua,
tanta graça que vos daua
de graça eſte coração,
nãono quiſeſtes de crua,
por ſer meu
ſe outrem vos dera o ſeu
pòde ſer foreis mais ſua.

Menina tende maneira
que ainda não venha a ſer
pois não quereis quẽ vos quer
q̃ queirais quẽ vos não queira
o lhay não me ſejais crua
que pois eu
quero ſer voſſo, & não meu,
ſede vos minha & não ſua.

Mote a hũa dama que eſtaua doente.

Da doença, em que ardeis,
eu fora voſſa mezinha
ſoo com vos ſer des a minha.

He muito para notar
cura tão bem acertada:
que podereis ſer curada
ſomente com me curar.

ſe que-

Se quereis damatrocar
ambos temos a mezinha,
eu a vossa, & vos a minha.

Olhay que não quer amor,
(porque siquemos iguoais)
pois meu ardor não curais,
que se cure vosso ardor:
eu ca sinto a vossa dor,
& se vos sintis a minha,
day & tomay a mezinha.

Outro a outra dama q̃ estaua tabem doente.

Deu senhora por sentença
amor que fosseis doente,
para fazerdes aa gente
doce & fermosa a doença.

Não sabendo amor curar
foy a doença fazer
fermosa para se ver,
doce para se passar,
então vendo a differença,
que ha de vos a toda a gente,
mandou que fosseis doente,
para gloria da doença.

E digovos de verdade,
que a saude anda enuejosa
por ver estar tão fermosa
em vos essa infimidade.
Não façaes logo de tença
senhora em estar doente
porque adoecera a gente
com desejos da doença.

Que eu por ter fermosa dama
a doença que em vos vejo
vos confesso que desejo
de cair convosco em cama,
Se consentis que me vença
este mal, não ouuegente
da saude tão contente
como eu serey da doença.

Estancias, a outra dama doente.

Olhai que dura sentença,
foi amor dar contra mĩ,
que porque em vos me perdi,
em vos me busca a doença:
claro está
que em vos sò me achará,
que em mĩ, se me vem buscar,
não poderá mais achar
que a forma do que fui ja.

Que se em vos amor se pos,
senhora he forçado assi,
que o mal que me busca a mi,
que vos faça mal a vos,
sem mintir,
amor me quis destruir,
por modo nunca cudado,
pois vos ha de ser forçado
pesaruos de vos seruir.

Mas sois tão desconhecida,
& saõ meus males de sorte
que vos ameaça a morte,
porque me negais a vida,
se por boa
tal justiça se pregoa,
quando desta sorte for,
auei vos perdão d'amor,
que a parte ja vos perdoa.

Mas o que mais temo emfim,
he que nesta differença
que se não torne a doença,
se me não tornais a mĩ,
de verdade
que ja vossa humanidade
de que se queixe não tem,
pois para as almas tambem,
fez amor infirmidade.

A hũa dama que estaua veltida de dó.

De atormentado & perdido,
ja vos não peço senão
que

que tenhais no coração
o que tendes no vestido.

Se de dò vestida andais
por quem ja vida não tem,
porque não no aueis de quem
vos tantas vezes matais,
que brado sem ser ouuido
& nunca vejo senão
cruezas no coraçam,
& grande dò do vestido.

Outro ā dona Guiomar de Blasfe, queiman, dose com hũa vella no rosto.

Amor que todos offende
teue senhora por gosto
que sentisse o vosso rosto
o que nas almas ascende.
Aquelle rosto que traz
o mundo todo abrasado
se foy da flama tocado,
foy porque sinta o que faz.

Bem sey que amor se lhe rende
porem o seu prosoposto
foy sentir o vosso rosto,
o que nas almas assende.

Ahũa molher q̃ foy assoutada por hum homẽ que chamauam foão Coresma na India.

Não estejais agrauada
senam se for de vos mesma,
porque a molher q̃ he errada
com rezam pella coresma
deue ser desiprinada.
Quererdes profano amor
em coresma he consciencia,
assoutes, & penitencia
vos está muito milhor.

Nam fiqueis disto afrontada

Pois a culpa he vossa mesma
que molher q̃ he tam malnada
he bem que pella coresma
seja bem desciprinada.

Se a penitencia vos val
muy bem assoutada estais
pois por coresma pagais
vossos viços do carnal.
Nam torneis a ser errada
nem condeneis a vos mesma
pois estais ja emendada,
& nam sereis por coresma
outra vez desiprinada.

Esparsa a hum fidalgo na India que lhe tardaua cõ hũa camisa galante, que lhe prometeo.

Quem no mundo quiser ser
auido por singular
para mais se engrandecer
ade trazer sempre o dar
nas ancas do prometer.

E ja que vossa merce
largeza tem por diuisa,
como todo mundo vè,
ha muster que tanto dè
que venha dar a camisa.

Mote a hũa dama q̃ lhe chamou diabo, por nome foã dos Anjos.

Senhora pois me chamais
tam sem rezaõ taõ mao nome,
inda o diabo vos tome.

Quem quer que vio, ou q̃ leo,
ter a por nouo, & moderno
ter quem viue no inferno
o pensamento no ceo.
Mas se a vos vos pareceo
que me estaua bem tal nome,
esse diabo vos tome.

Perdido mais que ninguem

con-

confeſſo ſenhora ſer
mas o diabo nam quer
aos Anjos tamanho bem,
pois logo nam me conuem,
ou ſe me conuem tal nome
ſera pera que vos tome.

Mote alheo.

Caterina bem promete
era ma como ella mente.

Voltas propias.

Se vos benzeis com cautella
como Danjo, & não de luz,
mal pòde fugir da Cruz
quem vos tendes poſto nella
mas ja que foy minha eſtrella,
ſer diabo, & ter tal nome
guardayuos que vos nã tome.

Caterina he mais fermoſa
para mim que a luz do dia
mas mais fermoſa ſeria
ſe nam foſſe mentiroſa,
oje a vejo piadoſa,
a menham tam diferente
que ſempre cudo que mente.

Ia que cheagis tanto ao cabo
com as mãos poſtas aos ceos,
vou ſempre pedindo a Deos
que vos leue eſte diabo,
eu ſenhora nam me gabo,
mas pois que me dais tal nome
tomoo para que vos tome.

Caterina me mentio
muitas vezes ſem ter ley,
mas todas lhe perdoey
por hũa ſoo que cumprio,
ſe como me conſentio
falar o mias me conſenta,
nunca mais direy que mente.

Mà mintirosa maluada
dizey para que mentis,
pormeteis, & nam cumpris
pois sem cõprir tudo he nada,
nam sois bem aconselhada
que quem promete se mente
o que perde nam no sente.

Iuroume aquella cadella
de vir, pella alma que tinha,
enganoume tem a minha
dalhe pouco de perdella,
a vida gasto a pos ella
porque ma dá se pormete,
mas tirama quando mente.

Tudo vos consetiria
quanto quiserseis fazer
se esse vosso pormeter
fosse pormeter hum dia,
todo então me desfaria
conuosco, & vos de contente
zombaries de quem mente.

Pormeteome ontem de vir
nunca mais apareceo,
creo que nam prometeo
senam sò por me mentir,
fazme em fim chorar, & rir,
rio quando me promete,
mas choro quando me mente.

Mas pois folgais de mentir
pormetendo de me ver,
eu vos deixo o pormeter
deixayme vos o cumprir
a veis entam de sentir
quanto fica mais contente
o que cumpre, q̃ o que mente.

Labarinto do autor queixandose do mundo.

Corre sem vella, & sem leme
o tempo desordenado
d'hum grande vento leuado
o que perigo nam teme
he de pouco esprementado.

As redeas trazem na mão
os que redeas nam tiuerão
vendo quanto mal fizeram
a cubiça, & ambiçam
disfraçados se acolherão.
A nao que se vay perder
distrue mil esperanças,
vejo o mao que vem a ter
vejo perigos correr
quem não cuda q̃ ha mudãças?

Os que nũca em sella andarão
na sella postos se vem,
de fazer mal não deixaram,
de demonios habito tem
os que o justo profanarão.
Que poderà vir a ser
o mal nunca refreado,
anda por serto enganado
aquelle que quer valer
leuando o caminho erado.

He pera os bõs confiança
ver que os maos perualecerã,
posto que se detiueram
com esta simulação
sempre castigos tiueram
Nam porque gouerne o leme
em mar emuolto, & turbado
que tem seu remo mudado
se merece grita, & geme
em tempo desordenado.

Terem justo galardão
& dor dos que merecerão
sempre castigos tiueram
sem nenhũa redempção
posto que se detiueram.
Na tormenta se vier
desespere na bonança,
quem manhas nam sabe ter
sem que lhe valha gemer
vera falçar a balança,

Os que nunca trabalharam
tendo o que lhe nam conuem,
se ao innocẽte enganaram
perderão o eterno bem,
se do mal nam se apartaram

A hum seu amigo a quẽ não podia encõtrar.

Mote.

Qual tera culpa de nos
ueste mal que todo he meu
quando vindes não vou eu
quando vou nam vindes vos.

Reinãdo amor em dous peitos
tesse tantas falcidades,
que de conformes vontades
faz desconformes, & feitos
Igualmente viue em nos,
nas por desconcerto seu
vos leua se venho eu,
ne leua se vindes vos.

Mote seu.

Descalça vay polla neue,
assi faz quem amor serue

Voltas.

Os priuilegios que os Reis
nam podẽ dar, pode amor
que faz qualquer amador
liure das humanas leis,
mortes, & guerras, crueis,
ferro frio, fogo, & neue.
tudo sofre quem o serue.

Moça fermosa despresa
todo o frio. & toda a dor
olhay quanto pòde amor
mais quea propria natureza:
medo nem delicadeza
lhe empede que passe a neue,
assi faz quem amor serue.

Por mais trabalhos que leue
a tudo se offreceria,
passa pella neue fria
mais alua que a propria neue,
com todo o frio se atreue,
vede em que fogo ferue
o triste que o amor ferue?

otra

Outro alheo.

A dor qne a minha alma ſente
não na ſabe toda a gente.

Voltas propias.

Que eſtranho caſo de amor,
que deſejado tromento
que venho a ſer auarento
das dores de minha dor
por me nam tratar pior
ſe ſe ſabe, ou ſe ſe ſente,
nã na digo a toda a gente.

Minha dor, & a cauſa della
de ninguem a ouſo fiar
que ſeria auenturar
a perder me, ou a perdella,
& pois ſoo com padeſſella
a minha alma eſta contente,
não quero q̃ o ſayba a geute.

Ande no peito eſcondida
dentro na lma ſepultada,
de mi ſoo ſeja chorada,
de ninguem ſeja ſentida,
ou me mate, ou me de vida,
ou viua triſte, ou contente
não ma ſayba toda a gente.

Otro ſeu.

Dalma, & de quanto tiuer
quero que me deſpojeis,
com tanto quẽ me dexeis
os olhos pera vos ver.

Volta.

Coiſa eſte corpo nam tem
que ja não tenhais rendida
depois de tirarlhe a vida,
tirayllhe a morte tambem:
ſe mais tenho que perder
mais quero que me leueis,
com tanto que me deixeis
os olhos pera vos ver.

Mote alheo.

Amores de hũa caſada
que eu vi pollo meu mal

Voltas propias.

Nũa caſada fuy por
os olhos de ſi ſenhores,
cuidey que foſſem amores
elles fizeraõſe amor,
faſſe o deſejo mayor
donde o remedio nam val
em perigo de meu mal.

Nam me pareceo que amor
podeſſe tanto comigo
que dõde entra por amigo
ſe leuante por ſenhor,
leuame de dor em dor
& de ſinal em ſinal,
cada vez pera mòr mal.

Outro ſeu.

Enforquey minha eſperança
mas amor foy tam madraço
que lhe cortou o baraço.

Voltas.

foy a eſperança julgada
por ſentença da ventura,
que pois me teue apindurada
que foſſe depindurada,
vem Cupido coa eſpada
cortalhe ſerçeo o baraço,
Cupido foſte madraço.

Outro ſeu.

Pus o coração nos olhos
& os olhos pus no chão
por vingar o coração,

Volta.

O coraçam enuejoſo
como dos olhos andaua
ſempre remoques me daua
que nam era o meu mimoſo
venho eu de piadoſo
do ſenhor meu coraçam
boto os meos olhos no chão.

Outro seu.

Pus meus olhos n'hũa funda,
& fiz hum tiro com ella,
ás grades de hũa janella.

Voltas.

Hũa dama de maluada,
tomou seus olhos na maõ,
& tiroume hũa pedrada
com elles ao coraçaõ,
armei minha funda entaõ
& pus os meus olhos nella,
trape, quebrolh'a janella.

Endechas, A hũa catiua com quẽ andaua d'amores na India, chamada Barbora.

Aquella cattiua
que me tem cattiuo,
porque nella viuo
ja nãõ quer que viua,
eu nunca vi rosa
em suaues molhos,
que para meus olhos
fosse mais fermosa.

Nem no cêo estrellas,
nem no campo flores,
me parescem bellas,
como os meus amores,
rosto singular,
olhos sossegados,
pretos & cansados
mas naõ de mattar.

Hũa graça viua,
que nelles lhe mora,
para ser senhora
de quem he cattiua,
pretos os cabellos,
onde o pouo vaõ
perde opinião
que os louros saõ bellos.

Pretidão de amor,
taõ doce a figura,

que

que a neue lhe jura
que trocâra a cor.
Leda mansidaõ
que o siso a companha.
bem paresse estranha
mas barbora naõ.

Presença serena
que a tromenta amansa
nella em fim descansa
toda a minha pena.
Esta he acatiua
que me tem catiuo
& pois nella viuo
he força que viua.

Chiste.

Quem ora soubesse
onde o amor nasce
que o se me asse.

Da mor & seus danos
me fiz laurador,
se meaua amor
& colhia enganos,
naõ vi em meus annos
homẽ que apanhasse
o que semeasse.

Vi terra florida
de lindos abrolhos,
lindos para os olhos
duros para a vida
mas a Res perdida
que tal erua passe
em forte hora nasce.

Com quanto perdi,
trabalhaua em vaõ
se semeey graõ
grande dor colhy,
amor nunca vy
que muito durasse
que naõ magoasse

Alheo.

Se me leuaõ agoas
nos olhos as leuo.

Propias.

Se de ſaudade
morrerey ou naõ
meus olhos diraõ
de mim a verdade.
Por elles me atreuo
alcanſar as agoas
que moſtrem as magoas
que neſta alma leuo.

As agoas que em vaõ
me fazem chorar
ſe ellas ſaõ do mar
eſtas do mar ſaõ.
Por ellas releuo
todas minhas magoas
que ſe força d'agoas
me leuaõ, eu as leuo.

Todas me entriſteſcem,
todas ſaõ ſalgadas,
porem as choradas
doces me parecem.
Correy doces agoas
que ſe em vos me enleuo
naõ doem as magoas
que no peito leuo.

Outra alheo.

Minina dos olhos verdes
porque me naõ vedes?

Propias.

Elles verdes ſaõ
& tem por vſança
na cor eſperança
& nas obras naõ
voſſa condiçaõ
naõ he dolhos verdes
porque me naõ vedes.

Inſenções a molhos
que elles dizem terdes
naõ ſaõ d'olhos verdes
nem

nem de verdes olhos,
ſirvo de giolhos,
& vos não me credes,
porque me não vedes?

Auião de ſer
porque poſſa vellos,
que hũs olhos taõ bellos
não ſe haõ d'eſconder,
mas fazeisme crer
que ja não ſaõ verdes,
porque me naõ vedes.

Verdes não o ſaõ
no que alcanço delles,
verdes ſaõ aquelles
que eſperança daõ,
ſe na condiçaõ
eſtà ſerem verdes,
porque me naõ vedes?

Outro alheo.

Trocai o cudado
ſenhora comigo,
vereis o perigo
que he ſer deſamado.

Voltas proprias.

Se trocar deſejo
o amor entre nòs,
he para que em vos
vejais o que vejo,
& ſendo trocado,
eſte amor comigo,
ſervosha caſtigo,
terdes meu cudado.

Tendes o ſentido
d'amor liure, & iſento,
& cudais que he vento
ſer taõ mal querido,
não ſeja o cudado
taõ voſſo inimigo,
que quero o perigo
de ſer deſamado.

Mas nunca foi tal
eſte meu querer,
que quem tanto quer
queira tanto mal,

ſeja

Seja en mal tratado,
& nunca o castigo
vos mostre o perigo
que he ser desamado.

Outra à tençam de Miraguarda.

Ver, & mais guardar
de ver outro dia
quem o acabaria?

A lindesa vossa,
dama quem a vè
impossivel he
que guardar se possa
se faz tanta mossa,
vervos hum soo dia
quem se guardaria?

Milhor deue ser
neste aventurar,
ver, & nam guardar
que guardar de ver,
Ver, & defender
muito bom seria,
mas quem poderia?

Alheo.

De piquena tomey amor
porque o nam entendi,
agora que o conheci
matame com disfauor.

Voltas propias.

Vio moço, & pequinino
& a mesma idade ensina
que se encline hũa minina,
as mostras de hum minino.
Ouuilhe chamar amor
pello nome me vensci,
uunca tal engano vi,
nem tamanho desamor.

Creseume de dia em dia
com a idãde a affeição,
porque amor de criação

nalma ena vida ſe cria,
crioſe em mi neſte amor
& ſenhoreouſe de mim,
agora que o conheci
matame com diſfauor.

As flores me torna abrolhos,
amorte meditrimina
quem eu troxe de menina
nas meninas dos meus olhos.
deſta magoa & deſta dor
tenho ſabido em fim,
por amor me perco a mim,
porquẽ de mim perde o amor.

Parece ſer caſo eſtranho
o que amor em mim ordena,
que em jdade tão pequena
aja tormento tamanho.
Sejão milagres de amor,
ey os deſofrer aſsi,
ate que aja dô de mim.

quem entender eſta dor.

Cantiga velha.

Apartaraõſe os meus olhos
de mim tão longe,
falſos amores
falſos maos enganadores.

Voltas propias.

Tratarãome con cautella
por me enganar mais azinha
deilhe poſſe da alma minha
forãome fogir com ella.
Não ha vellos, nem ha vella
de mi tão longe,
falſos amores
falſos maos enganadores.

Entregueilhe a liberdade,
& em ſim da vida o melhor
foraõſe, & do deſamor
fizerão

fizerão neciſidade,
quem teue a ſua vontade
de mim tan longe
falſos amores
erão crueis matadores.

Naõ ſe pos terra nem mar
entre vos que foraõ em vaõ,
poſſe voſſa condiçaõ,
que taõ doçe he de paſſar
ſoo ella vos quis leuar
de mim taõ longe
falſos amores,
& o xala que enganadores.

Outra cantiga velha.

Falſo caualeiro ingrato
enganaiſme:
vos dizeis que eu vos mato,
& vos mataiſme.

Voltas propias.

Coſtumadas artes ſaõ
para enganar inocencias
piadoſas aparencias
ſobre y zento coraçaõ:
eu vos amo, & vos ingrato,
magoaiſme,
dizendo que eu vos mato
& vos mataisme.

Vede agora qual de nos
anda mais perto do fim
que a juſtiça faz ſe em mim
& o pregaõ diz que ſois vos
quando mais verdade trato
leuantaiſme
que vos deſamo & vos mato,
& vos mataiſme.

Proprio.

Se de meu mal me contento,
he por que para vos vejo
em todo o mundo deſejo
& em ningem merecimento.

Voltas propias.

Para quem vos ſoube olhar
tam impoſiuel foy ſer
o poderuos merecer,
como o nam vos deſejar.
Pois logo a meu penſamento
nenhnũ remedio lhe vejo,
ſe nam ſe der o deſejo
aſas ao meriſcimento.

Otro alheo.

Vos ſenhora tudo tendes
ſenão ãtẽdes os olhos verdes.

Voltas propias.

Dotou em vos natureza
o ſumo da perfeiçam,
que o que em vos he ſenam,
he em outras gentileza:
o verde nam ſe deſpreza,
que agora que vos o tendes,
ſam bellos os olhos verdes.

Ouro & azul he a milhor
cor porque a gente ſe perde,
mas a graça deſſe verde
tira a graça a toda a cor,
fica agora ſendo a flor
a cor que nos olhos tendes,
porque ſam voſſos, & verdes.

Otro mote alheo.

Para que me dan tormento
aprouechando tam poco
perdido mas no tam loco
que diſcubra lo que ſiento.

Voltas propias.

Tiempo perdido es aquel
que ſe paſſa en darme affan,
pues quanto mas me lo dan
tanto menos ſiento del,
que deſcubra lo que ſiento:
no lo hare que no es tan poco

que

que no puede ser tan loco
quien tiene tal pensamiento.

Sepan que me manda amor,
que de tan dulce querella,
a nadie dè parte della,
porque la sienta mayor,
es tan dulce mi tormiento
que aun semantoja poco:
y si es mucho quedo loco
de gusto de lo que siento.

Otro mote alheo.

De vuestros ojos sentellas,
que ensienden pechos de yello,
suben por el ayre al cielo
y en llegando son estrelles.

Voltas propias.

Falsos loores os dan
que essas sentellas tan varas,
no son nel cielo mas claras,
que en los ojos donde estan.

Porque quando miro en ellas
de como alumbran al cielo
no se que seran nel cielo
mas se que aca son estrellas.

Ni se puede presumir,
que al cielo suban señoras
que la lumbre que en vos mora
no tiene mas que subir,
mas pienso que dan querellas
a Dios nel vltauo cielo,
porque son aca en el suelo,
dos tan hermosas estrellas.

Otro alheo.

De dentro tengo mi mal
que de fora no ay señal.

Voltas propias.

Mi nueua, y dulce querella,
es inuisible a la gente,
el alma sola la siente
que el cuerpo no es digno della.

como la viua sentella
se encubre enel pedernal
de dentro tengo mi mal.

Otro mote alheo.

Amor loco, amor loco,
yo por vos, y vos por otro.

Voltas proprias.

Diome amor tormentos dos
para que pene doblado
vna es verme desamado
otro es mansilla de vos,
ved que ordena amor en nos,
porque me vos hazeis loco,
que seais loca por otro.

Tratais amor de manera
que porque assi me tratais
quiere que pues no me amais
que amais otro q̃ no os quiera
mas con todo sino os viera
de todo loca por otro
con mas razon fuera loco.

Y tan contrario viuiendo
alfin al fin conformamos,
pues ambos ados buscamos
lo que mas nos va huyendo
voy tras vos siempre siguiẽdo,
y vos huyendo por otro
andais loca, y me hazeis loco.

Chiste.

Irme quiero madre
aquella galera,
con el marinero
a ser marinera.

Voltas propias.

Madre si me fuere
do quiera que vò
no lo quiero yo
quel amor lo quiere,
a quel ninho fiero
haze que me muera,
por vn marinero,
a ser marinera.

el

El que todo puede
madre no podrà,
pues el alma vá
que el cuerpo se quede,
con el por quien muero,
voy porque no muera
que si es marinero,
sere marinera.

Es tirana ley,
del niño senhor
que por vn amor
se deseche vn Rey:
pues desta manera
quiere, yo me quiero,
por vn marinero
hazer marinera.

Diſid ondas quando
viſtes vos donzella,
ſiendo tierna y bella,
andar nauegando
mas no ſe eſpera
daquel ninho fiero,
vea yo quien quiero,
ſea marinera.

Outra cantiga velha.

Saudade minha
quando vos verei?

Volta propia.

Eſte tempo vam,
eſta vida eſcaſſa
para todos paſſa
ſoo para mim nam,
os dias ſe vam
ſem ver eſte dia
quando vos veria?

Vede eſta mudança
ſe eſtà bem perdida,
em tam curta vida
tam longa eſperança,

Se este bem se alcança,
tudo sofreria,
quando vos viria.

Saudosa dor
eu bem vos entendo
mas nam me deffendo,
porque offendo amor.
Se fosseis mayor
em mayor valia
vos estimaria.

Minha saudade
caro penhor meu,
a quem direy eu
tamanha verdade:
na minha vontade
de noite, & de dia
sempre vos teria.

Outra alhea.

Vida da minha alma
nam vos posso ver,
isto nam he vida
para se sofrer.

Voltas propias.

Quando vos eu via
esse bem lograua,
a vida estimaua,
mais então viuia,
porque vos seruia,
soo para vos ver,
ja que vos nam vejo,
para que he viuer.

Viuo sem rezão
porque em minha dor
nam a pos amor
que enimiguos sam:
muy grande treyçam,
me obriga a fazer
que viua senhora
sem vos poder ver.

nam me atreuo ja
minha tam querida,

a chamaruos vida
porque a tenho mà,
ningem cuidara
que isto pode ser
sendome vos vida,
nam poder viuer.

Trouas que mandou cõ hum papel dalfenetes a hũa dama.

Essis alfinetes vam
a vos picaremnam mais,
soo porque julgueis então,
o com o me picaram
os com que vos me picais.

Mas os que dessas estrellas
vem, tem pontas tam agudas,
q̃ em que estoutros vão cõellas
podem vos dar picadellas,
mas os vossos dam feridas,

Assi que se bem notais,
no com o ambos debatem,
nunca podem ser yguais,
que inda que estes la maltratẽ
esses ca maltratam mais.

Porem ja que amor consente
em piques tam disiguais,
onde vos sois mais valente:
eu senhora sou contente
ão que vos contentar mais.

Venham os alfinetes cá,
desses olhos porque assertem
donde acerto ja nam ha,
porem os meus que vam lá
soo quero que vos apertem.

E deixando o mais passado,
fazey queste papel seja
pregado, digo empregado,
porque do seu gasalhado
eu mesmo lhe tenho enueja.

E se elles em vos se pregão,
por força os ey de enuejar,

não

nam so porq̃ bem se empregão
mas porque senhora chegão
onde eu nam posso chegar.

Lavam, & ficaram
a donde continuamente
a par de si vos teram,
em fim da vos picaram,
ca pica rey no dente.

Mote alheo.

Todo es poco lo posible.

Glosa propia.

Ved que engaño señorea
nuestro juyzio tan loco,
que por mucho que se crea,
todo el bien que se desea
alcançado queda poco
vn bien de qual quiera grado
se de a verse es imposible,
queda mucho deseado,
mas para mucho alcansado,
Todo es poco lo posible

Otra.

Posible es a mi cudado
poderme hazer satisfecho,
si fuera posible al hado
hazer no echo lo echo
y futuro lo passado.
Si oluido pudiera auer,
fuera remedio sufrible
mas ya que no puede ser
para contento me hazer,
todo es poco lo posible.

Mote alheo.

Vede bem se nos meus dias
os desgostos vi sobejos,
pois tenho medo a desejos,
& quero mal à alegrias.

Voltas propias.

Se desejos fuy ja ter,
seruiram de atormentarme,
se algum bem pode alegrarme
quis me

quisme antes entristecer
passey annos passey dias,
em desgostos tam sobejos,
que soo por não ter desejos,
perderey mil allegria.

Mote seu.

Pois he mais vosso que meu
senhora meu coração
eu vosso captiuo sam
meus olhos lembreuos em.

Volta.

Lembreuos minha tristeza
que ja mais nunca me deixa,
lembreuos com quanta queixa
se queixa minha firmeza
lembreuos que nam he meu
este triste coraçam,
& pois ha tanta rezão
meus olhos lembreuos eu.

Outro mote seu.

Senhora pois minha vida
tendes em vosso poder
por serdes della siruida,
não queiraes que destruyda
possa ser

Volta.

Isto nam por me pesar
de morrer se vos quiseres,
que milhor me he acabar
mil vezes que soportar
os males que me fizerdes,
mas soo por serdes siruida,
de mi em quanto viuer,
vos pesso que minha vida
não queirais que distruyda
possa ser.

Outro seu a hũa dama.

Pois me faz danno olharuos
não quero por não querervos,
que ninguem me veja veruos.

Volta.

De veruos a nam vos ver
ha dous estremos mortais,

E ſam elles em ſi tais
que hum por hũ me faz morrer
mas antes quero eſcolher
que poſſa viuer ſem veruos
minhalma por não perderuos.

Deſte tamanho perigo,
que remedio poſſo ter?
ſe viuo ſoo com vos ver
ſe vos nam vejo perigo,
quero acabar comiguo
que ninguem me veja veruos,
ſenhora por nam perderuos.

Mote a tres damas que lhe diziam que o amauão.

Não ſey ſe me engana Helena
ſe Maria, ſe loana,
não ſey qual dellas mengana?

Volta.

Hũa diz que me quer bem,
outra jura que mo quer,
mas em jura de molher
quem crerâ, ſellas não crem,
não poſſo não crer a Helena:
a Maria, nem loana,
mas nã ſey qual mais mẽgana.

Hũa faſme juramentos
que ſoo meu amor eſtima,
a outra diz que ſe fina,
loana que bebe o veetos,
ſe cudo que mente Helena,
tambem mintirá loana,
mas quem mente não engana.

Otro ſeu a hũa dama mal empregada.

Minina nam ſey dizer
vendouos tam acabada,
quam triſte eſtou por vos ver,
fermoſa, & mal empregada.

Voltas.

Quem tão mal vos empregou,
pouco

pouco de mi se dohia
pois nam vio quanto me hia
em tirarme o que tirou,
obriga o primor que tem
lindesa tam estremada,
que digam quantos a vem
fermosa, & mal empregada.

Tomastes da fermosura
quanto della desejastes,
& com ella me guardastes
para tam triste ventura,
mataueis sendo solteyra
matais agora em casada,
matais de toda a maneyra:
fermosa, & mal empregada.

Otro a hũa foã Gonçalues.

Mote.

Com vossos olhos gonçalues
senhora captiuo tendes
este meu coração mendez.

Volta.

Eu sou boa testemunha
que amor tem por cousa ma,
que olhos que sam homẽs ja
se nomeyem sem alcunha
pois o coração apunha,
& diz olhos pois vos tendes
chamayme coraçam mendes.

Outro seu.

De que me serue fugir
de morte, dor, & perigo
se me eu leuo comigo?

Voltas.

Tenhome perssuadido
por rezão conueniente,
que não posso ser contente
pois que pude ser nacido,
anda sempre tam vnido
o meu tormento comigo
que eu mesmo sou meu perigo.

E se de mi me liuresse
nenhum gosto me seria
que nam sendo eu nam teria
mal que esse bem me tiresse,
força he logo que assi passe
ou com desgosto comigo,
ou sem gosto, & sem perigo.

Disbarates seus na India.

Este mundo es el camino
ado ay dozientos vaos
por onde roins, bons, & maos
todos somos del mirino
mas os maos são de teor
que des q̃ mudão a cor
chamão logo al Rey cõpadre
& emfim dexaldos mimadre
que sempre tem hũ sabor.
De quem torto nace tarde
se endireyta.

Deixay a hum que sea bone,
diz logo de muito sengo
villas & castilhos tengo,
todos a mi mandar sone.
então eu que estou de molho,
com a lagrima no olho,
pelo virar do en vez,
digolhe tu insanus es,
& por isso não to tolho.
Pois honra & proueito
não cabẽ num saco.

Vereis hũs, que no seu seyo
cudão que trazem Paris,
& querem con dous seitis
fender a anca pello meyo
vereis mancebinhos darte
com espada em talabarte
não ha mais ytaliano:
a este direis meu mano
vos sois galante que farte.
Mas pan & vino anda el
camino, que no moço
garrido.

Outros

Outros em cada treatro
por officio lhe ouuireis
que se matarancontres
y lo misмo haran con quatro
prezaõse de dar repostas
compalauras bem compostas,
mas se lhe meteis a mão
na paz mostrão coração
naguerra mostrão as costas,
Porque aqui troce a porca
o rabo.

Outros vejo por aqui
a que seacha mal o fundo
q̃ andão emendando o mũdo,
& não se emendão a si,
estes respondem aquem
delles não entende bem
el dolor que estaa secreto
mas porem quem for discreto
responderlhe ha muyto bem.
Assi entrou o mundo, assi
a de sair.

Achareis rafeyro velho
que se quer vender por galgo
diz q̃ o dinheiro he fidalgo,
que o sange todo he vermelho
selie mais alto o disera
este pellote pasera
que o seu ecco lhe responda
que su padre era de Ronda,
& su madre de ante quera.
E quer cubrir o ceo cuma
jpeyra.

Fraldas largas graue aspeito
para senador Romano
ò que grandissimo engano
que momo lhe abrisse o peito,
conciencia que sobeja,
siso com que o mũdo reja
mansidão outro que si
mas que lobo esta em ti
metido empelle de o veja.
E sabem no poucos.

Guardaiuos d'hũsmeus sñores
que a inda comprão e vendem
hũs

hũs que he ſerto que decendẽ,
da geraçam de paſtores,
moſtranſe vos bõs amigos
mas ſe vos vem em perigos
eſcarrãuos nas paredes,
que de fora dormiredes,
irmão que he tempo de figos
porque de rabo de porco
nunca bom virote.

A hũa dama que lhe juraua ſempre pellos ſeus olhos.

Quando me quer enganar
a minha bella perjura,
para mais me confirmar
o que quer ſertificar,
pellos ſeus olhos mo jura.

Como meu contentamento
todo ſe rege por elles,
ymagina o penſamento
que ſe faz agrauo a elles,
não crer tam gram juramento
Porem como em caſos tais
ando ja viſto, & corrente
ſem outros ſertos ſinais
quanto mella jura mais,
tanto mais cudo que mente.

Então vendolhe offender
hũs tais olhos como aquelles,
deixo me antes tudo crer
ſoo pella nam conſtranger,
a jurar falço por elles.

Mote.

Vos teneis mi coraçon.

Gloſa propia.

Mi coraçon me an robado
y amor viendo mis enojos,
me dixo fuete lleuado
por los mas hermoſos ojos
que des que viuo he mirado.
gracias ſobre naturales,
te lo tienen en priſion,

y ſi amor tiene razon
Senhora por la ſenbales
vos teneis mim coraçon.

¶ Coyfa de Beirame namorou Ioane.

Voltas proprias.

Por couſa taõ pouca
andas namorado?
amas a toucado
& não quem o touca?
ando ſega & louca
por ty meu Ioane
tu pello beirame

Amas o viſtido
es falſo amador
tu não ves que amor
ſe pinta diſpido
cego & perdido?
andas por beirame
& eu por ty Ioane.

Se alguem te vir
que dira de ty
que deixas a mim
por couſa tão vil?
terâ bem que rir
pois amas beirame
& a mim não Ioane.

Quem ama aſsi
a de ſer amada
ando maltratada
damores por ti
ame a mim
& deixa o beirame
que he rezão Ioane.

A todos encanta
tua paruoiſe
de tua doudiſe
gonſalo ſe eſpanta
& zonbando canta
coyfa de beirame
namorou Ioane.

Eu não sey que viste
neste meu toucado
que tão namorado
delle te sentiste
não te veja triste
amame Ioane
& deixa o beirame.

Ioane gimia
Maria chorava
assi lamentava
o mal que sentia
Os olhos firia
& não o beirame
que matou Ioane.

Não sey de que vem
andares vistido
que o mesmo Cupido
vistido não tem
sabes de que vem
amores beirame
vem de ser Ioane.

Mote alheo.

Ha hum bẽ que chega & foge
& chamase este bem tal
ter bem para sentir mal.

Volta propia.

Quem vive o sempre num ser
inda que seja em pobreza
não vio o bem da riqueza
nem o mal de empobrecer
não ganhou pera perder
mas ganhou cõ vida igual
não ter bẽ nem sentir mal.

Outras a hũa dama q̃ lhe virou o rosto.

Olhos não vos mereci
que tenhais tal condição
tão liberais pera o chão
tão irosos per a mi.

Voltas proprias.

Bayxos & onestos andais
por vos negardes a quem
não quer mais que aquelle bẽ
que vos no chão espalhais.
Se pouco vos mereci
não me estimais mais q̃ o chão
a quem vos o galardão
dais, & mo negais a mi.

Sentença

Sentenças do autor por fim do liuro.

Vay o bem fugindo
cresce o mal cos annos
vanse descubrindo
co tempo os enganos.

Amor & alegria
menos tempo dura
triste de quem fia
nos bens da ventura.

bem sem fundamento
tem certa mudança
certo sentimento
na dor da lembrança.

Quem viue contente
viua receoso
mal que se não sente
he mais piriguosso.

Quem males sintio
saiba ja temer
& peilo que vio
julge o que a de ser.

Alegre viuia
triste viuo agora
chora a alma de dia
& de noite chora.

Confesso os enganos
de meu pensamento
bem de tantos annos
foise num momento.

Meus olhos que vistes
pois vos atreuestes
choray olhos tristes
o bem que perdestes.

A luz do sol pura
so a vos se nega
seja a noite escura
nunca a menhã chege.

O campo floreça
mormurem as agoas
tudo me entristeça
creção minhas magoas.

Quisera mostrar
o mal que padeço
nam lhe da lugar
quem lhe deu começo.

Em tristes cudados
passo a triste vida.
cudados cansados
vida aborrecida.

Nunca pude crer
o que agora creo
segoume o prazer
do mal que me veo.

Adventura minha
como me negaste
hum soo bem que tinha
porque mo roubaste?

Triste fantesia
quanta cousa guarda
quem ja visse odia
que tanto lhe tarda.

Nesta idade sega
nada permaneçe
o que inda não chega
ja desapareçe.

Qual quer esperança
foge como o vento
tudo fas mudança
saluo meu tromento.

Amor sego & triste
quem o tem padeçe
mal quem lhe resiste
mal quem lhe obedese.

No meu mal esquiuo
sey como amor trata
& pois nelle viuo
nenhũ amor mata.

LAVS DEO.

TABOADA.

SONETOS.

A Alma minha gentil que te partiſte, Fol. 4
Aquella triſte & leda madrugada, fol. 6
Alegres campos, verdes arvoredos, fol. 10
Amor com eſperança ja perdida, fol. 14
Apollo, & as noue Muſas diſcantando, fol. 14
Apartauaſe Niſe de Montano 15.
B Buſca amor nouas artes, nouo engenho. 3
C Clara minha enemiga em cuja mão, 5
Como fez este doce a tal ferida, 18
D Doces lembranças da paſſada gloria, 4
De vos me aparto ò Nymphas em tal mudança, 5
Depois de tantos dias mal gaſtados, 15
De tão diuino aſſento, & voz humana, 19
Debaixo desta pedra está metido, ibid.
Daime hũa lei ſenhora de querervos. 21
E Em quanto quis fortuna que tiueſſe, 1
Eu cantarei de amor tão docemente. ibidem.
Em flor vos arrancou de então creſcida, 3
Eſpanta crecer tanto o Crocodilo, 6
Em fermoſa Lathea ſe confia, 6
Eſtaſe a Primauera trasladado, 7
Eſtá o laſciuo & doce paſſarinho, 7
Eu me aparto de vos Nymphas do Tejo, 20

TAVOADA.

F Fermosos olhos que na idade nossa 10
Fermosura do ceo a nos decida, 21
G Gran tempo ha que soube da ventura, 12
H Hum mouer d'olhos brãdo & piadoso, 9
L Lindo & subtil trançado que ficaste, 11
Lembranças saudosas se cudaes. 14
M Males que contra mi vos conjurastes, 7
Mudase o tempo mudanse as vontades. 16.
N Num iardim adornado de verdura. 3.
Num bosque que das nimphas se abitaua. 5.
Não passes caminhante, quem me chama. 10.
Nayadas que os rios abitaes. 15.
O Os Reinos, & os Imperios poderosos. 5.
O fogo que na branda cera ardia. 10.
O Cisne quando sente ser cheguada. 12.
O como seme alongua de anno em anno. 13.
P. Passo por mens trabalhos tam isento. 2.
Pedeme o desejo dama que vos veja. 8.
Porque quereis senhora que o fereça. ibidem.
Pellos estremos raros que mostrou. 12.
Pois meus olhos não cansaõ de chorar. 21
Q Que vẽ senhora claro, & manifesto. 4.
Quando da bella vista & doce riso. ibidem.
Quando o Sol emcuberto vay mostrando. 8.

Quantas

TAVOADA.

Quantas vezes do fuso se esquecia. 11.
Quando vejo que meu destino ordena. 15.
Quem jaz no grão Sepulcho que descreue. 17.
Quem pode liure ser gintil senhora. ibidem.
Quem he este que na arpa Lusitana 18.
Que vençais no Oriente tantos Reys. 20.
S Se quando vos perdi minha esperança. 6.
Sete annos de pastor Iacob seruia. 7.
Se tanta pena tenho merecida. 8.
Se algũa hora em vos a piedade. 13.
Se as penas com que amor tam mal me trata. 16.
T Tanto de meu estado me acho incerto. 12.
Trasformase o amador na cousa amada. 2.
Todo animal da calma repousaua. 3.
Tomoume vossa vista soberana. 9.
Tomaua Deliana por vinguança. 12.
Tempo he ja que minha confiança. 14.
V Vossos olhos senhora que competem. 21.

Cançoes.

A Ainstabilidade da fortuna. 23.
C. Com força de susada. 30.
F Fermosa & gentil dama quando vejo. 22.
I Ia a Roxa menha clara. 25.
Iunto de hum seco fero, & esteril monte 35.

Mandame

TAVOADA

	Mandame amor que cante docemente.	32.
S	*Se este meu pensamento.*	28.
T	*Tomey atriste pena.*	34.
V	*Vão as serenas agoas.*	27.
	Vinde quâ meu tam serto secretario.	38.

Sextina.

F	*Fogeme pouco a pouco a curta vida.*	43

Odes.

D	*Detem hum pouco Musa o largo pranto.*	43.
F	*Fermosa fera humana.*	48.
N	*Nunca manhã suaue.*	50.
S	*Se de meu pensamento.*	46.
T	*Tam suaue, tam fresca, & tam fermosa.*	45.

Elegias.

A	*Aquella de amor descomedido.*	55.
O	*O poeta Simonides faiando.*	51.
	O Sulmonense Ouuidio desterrado.	57.

Capitulo.

A	*Aquelle mouer de olhos excellente.*	59.

Oitaua Rima.

C	*Como nos vossos hombros tam constantes.*	65.

Muy

TAVOADA

Muy alto Rey aquem os ceos en ſorte. fol. 69.
Quem pode ſer no mundo tam quieto. fol. 60.

Eglogas.

A Ao longo do ſereno. fol. 81.
A quem darei queixumes namorados fol. 108.
A ruſtica contenda deſuſadas. fol. 115.
As doçes cantilenas que cantauão. fol. 121.
Arde por gualatbea branca, & loura. fol. 133.
C Cantando por hum valle docemente. fol. 100.
P Paſsado ja algum tempo que os amores. fol. 93.
Q Que grande variedade vão fazendo, fol. 71.

Taboada das redondilhas, motes, ſparſas, & gloſas.

A A morte pois que ſou voſſo. fol. 150
Amor que todos offende, ibid.
A dor que minha alma ſente. 158.
Amores de hũa caſada. ibidem.
Aquell catiua. 159
Apartarãoſe os meus olhos. 161
Amor loco, amor loco. 163.
C Conde cuyo eluſtre peito 147.
Campos bemauenturados. 148.
Caterina bem promete 156.
Corre ſem vela, & ſem leme. 156.

Com-

TAVOADA

Mandame amor que cante docemente. 32.
S Se este meu pensamento. 28.
T Tomey atriste pena. 34.
V Vão as serenas agoas. 27.
Vinde quâ meu tam serto secretario. 38.

Sextina.

F Fogeme pouco a pouco a curta vida. 43

Odes.

D Detem hum pouco Musa o largo pranto. 43.
F Fermosa fera humana. 48.
N Nunca manhã suaue. 50.
S Se de meu pensamento. 46.
T Tam suaue, tam fresca, & tam fermosa. 45.

Elegias.

A Aquella de amor descomedido. 55.
O O poeta Simonides falando. 51.
O Sulmonense Ouuidio desterrado. 57.

Capitulo.

A Aquelle mouer de olhos excellente. 59.

Oitaua Rima.

C Como nos vossos hombros tam constantes. 65.

Muy

TAVOADA

Muy alto Rey aquem os ceos en ſorte. fol. 69.
Quem pode ſer no mundo tam quieto. fol. 60.

Eglogas.

A Ao longo do ſereno. fol. 81.
A quem darei queixumes namorados fol. 108.
A ruſtica contenda deſuſadas. fol. 115.
As doçes cantilenas que cantauão. fol. 121.
Ar de por gualathea branca, & loura. fol. 133.
C Cantando por hum valle docemente. fol. 100.
P Paſsado ja algum tempo que os amores. fol. 93.
Q Que grande variedade vão fazendo, fol. 71.

Taboada das redondilhas, motes, ſparſas, & gloſas.

A A morte pois que ſou ditoſo. fol. 150
Amor que todos offende, ibid.
A dor que minha alma ſente. 158.
Amores de hũa caſada. ibidem.
Aquell catiua. 159
Apartarãoſe os meus olhos. 161
Amor loco, amor loco. 163.
C Conde cuyo eluſtre peito 147.
Campos bemauenturados. 148.
Caterina bem promete 156.
Corre ſem vela, & ſem leme. 156.

Com-

Com vos os olhos gonçalues. 167
D Dama de estranho primor. fol. 141.
Da doença en que ardeis. fol. 153.
Deu senhora por sentença. fol. 154.
De atormentado & perdido. fol. 154.
Descalça vay pola neue. fol. 157.
Daima, & de quanto tiuer. fol. 158.
De pequena tomey amor. fol. 161.
De vuestros ojos centellas. fol. 163.
De dentro tengo mi mal. fol. 163.
De que me serue fogir. fol. 167.
E Enforquey minha esperança. fol. 158.
Esses alfinetes vão. fol. 165.
Este mundo es elcamino. fol. 167.
F Falso caualeiro ingrato. fol. 162.
I Ia naõ posso ser contente. fol. 150.
Iusta fue mi perdicion. fol. 152.
Irme quiero madre. fol. 163.
M Mas porem aque cudados. fol. 145.
Muito sois meu enemiguo. fol. 145.
Minha alma lembraiuos della. fol. 152.
Menina fermosa & crua. fol. 153.
Menina dos olhos verdes. fol. 160.
Menina naõ sey dizer. fol. 166.

TAVOADA.

N Naõ estejaes agrauada. fol.155.
Naõ sey se me engana Elena. fol. 166.
O Olhay que dura sentença. fol. 154.
P Peçouos que mediguaes. fol. 144.
Pus o coraçaõ nos olhos. fol. 158.
Pus meus olhos nũa funda. fol. 159.
Para que me daõ tormentos. fol. 192.
Pois he mais vosso que meu. fol. 166.
Pois me faz dano olharuos. fol. 166.
Q Querendo escreuer hum dia. fol. 139.
Quem no mundo quizer ser. fol. 155.
Qual tera culpa de nos. fol. 157.
Quem hora soubese. fol. 159.
Quando me quer enganar. fol. 168.
S Sobre os rios que vaõ. fol. 135.
Sospeitas que me quereis. fol. 142.
Se deriuaes de verdade. fol. 143.
Se naõ quereis padecer. fol. 145.
Se vossa dama vos da. fol. 145.
Sem vos, & com meu cudado. fol. 151.
Sem ventura he por demais. fol. 151.
Senhora se eu alcançase. fol. 153.
Senhora pois me chamais. fol. 155.
Se me leuaõ aguas. fol. 156.

TAVOADA.

Se de meu mal me contento. fol. 162.
Saudade minha. fol. 163.
Senhora pois minha vida. fol. 166.
Trabalhos descansarião. fol. 149.
Triste vida se me ordena. fol. 149.
Tudo pode hũa afeição. fol. 152.
Trocay o cudado. fol. 160.
Todo es poco lo posible. fol. 165
Vejo nalma pintada. fol. 151.
Ver, & mais guardar. fol 161.
Vos senhora tudo tendes. fol. 161.
Vida da minha alma. fol 164.
Vede bem se nos meus dias. fol. 165.
Vos teneis mi coraçon. fol. 168.
Vay o bem fugindo. ibidem.

LAVS DEO.